

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

**A HOSPEDAGEM EM PIRENOPÓLIS E GOIÂNIA: ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO
E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE GOIÁS (1989-2006)**

GOIÂNIA, DEZEMBRO DE 2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

**A HOSPEDAGEM EM PIRENOPÓLIS E GOIÂNIA: ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO
E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE GOIÁS (1989-2006)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão do Patrimônio Cultural da Universidade Católica de Goiás, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Heliane Prudente Nunes

NAIARA DENICOLÓ

GOIÂNIA, DEZEMBRO DE 2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

FICHA TÉCNICA PARA A AVALIAÇÃO

TÍTULO: A hospedagem em Pirenópolis e Goiânia: espaços de preservação e divulgação do patrimônio cultural de Goiás (1989-2006)

AUTORA: Naiara Denicoló

DATA DE APRESENTAÇÃO: 20 de dezembro de 2006

Prof.^a Dr.^a Heliane Prudente Nunes - UCG
Presidente e Orientadora

Prof.^a Dr.^a Dulce O. Amarante dos Santos - UFG

Prof.^a Dr.^a Eliane Lopes - UCG

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo ânimo, pela perseverança e por todas as bênçãos a mim concedidas.

Aos meus pais, em especial a minha mãe, in memoriam, que sempre me incentivou e orientou a buscar o aperfeiçoamento profissional.

A minha filha, Mayara, que ainda em meu ventre me acompanhava nesta caminhada e que gerava garra para prosseguir.

Ao meu esposo Eugênio, que soube ser paciente e compreender minhas longas ausências em busca do saber.

A minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Heliane Prudente Nunes, que foi mais que mestre e conselheira, me amparando e guiando nos momentos de angústia e incertezas.

A todas as pessoas que me receberam prontamente, e prestimosamente, se dispuseram a colaborar com a minha pesquisa.

RESUMO

DENICOLO, N. *Hospedagem em Pirenópolis e Goiânia: espaços de preservação e divulgação do patrimônio cultural de Goiás (1989-2006)*. Goiânia, 2006. 124 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural). Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2006.

Este estudo tem como objetivo analisar, numa perspectiva comparativa, a hospedagem em uma cidade turística – Pirenópolis – e na capital do estado de Goiás – Goiânia, procurando contextualizar a autenticidade ou o simulacro desses espaços. Os procedimentos metodológicos por nós utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com entrevistas aos proprietários dos diferentes empreendimentos, sendo três pousadas em Pirenópolis e um hotel em Goiânia. Percorremos uma análise histórica sobre a formação da cultura goiana, com a evolução dos diferentes meios de hospedagem, bem como buscamos entender os fatores motivacionais, tais como o lazer ou os negócios, que atraem os turistas aos diferentes espaços – locais que são autênticos e, portanto, guardiões de uma identidade, ou que simulam um resgate cultural. Tais espaços representam a cordialidade e a hospitalidade, ou, ainda, espaços padronizados que seguem uma normatização internacional ou que sugerem um simulacro, necessitando, de uma reconstrução. Concluímos que o turismo em Pirenópolis se faz guardião de um legado histórico-cultural, ao passo que, em Goiânia, a metrópole, o turismo acontece com a mesma dinâmica da cidade, de forma ‘frenética’, sem muito tempo para contemplações, atendendo a outro segmento de turista. Em suma, a pretensão deste trabalho não é esgotar o assunto, ao contrário, acreditamos que estudar a hospedagem significa refletir sobre uma das necessidades fisiológicas inerentes ao ser humano.

Palavras-chave: hospedagem; identidade; autenticidade; cultura goiana; simulacro; reconstrução.

ABSTRACT

Denicolo, N. *Hosting in Pirenópolis and Goiânia: espaces for Preserving and publicizing the cultural heritage of Goiás (1989-2006)*. 124 p. Dissertation (Professional Master's Course in "Gestão do Patrimônio Cultural"). Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2006.

This study is aimed at analyzing, in a comparative perspective, the hosting in a tourist city – Pirenópolis – and in the capital city of Goiás – Goiânia, trying to contextualize the authenticity or the simulacrum of these spaces. The methodological procedures employed for such analysis were bibliographical research and field research, with interviews with the owners of different enterprises, which were three inns in Pirenópolis and a hotel in Goiânia. We proceeded to the analysis of the history of Goiás's culture formation, with the evolution of the various types of hotels, and we also attempted to understand the motivational factors, such as leisure or business, that attract tourists to different spaces – spaces that are authentic and, therefore, guardians of an identity, or spaces that simulate some sort of cultural rescue. Such spaces represent either cordiality and hospitality or standardized places that follow international laws or suggest a simulacrum. In this last case, the cultural legacy needs reconstruction. We concluded that the tourism in Pirenópolis is representative of a historic and cultural legacy, whereas in Goiânia – the metropolis – tourism takes place with the same dynamics as the city, in a frantic way, without giving room to contemplations, meeting the needs of another tourist segment. In sum, the present research does not aim at exhausting the subject; on the contrary, we believe that the study of hosting means reflecting on one of the physiological needs that are innate in human beings.

Keywords: hosting; identity; authentic; Goiás's culture; simulacrum; reconstruction.

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
Formação da tradição cultural da sociedade goianiense	14
1.1 A ocupação e o povoamento da capitania de Goiás sob a égide da mineração: a epopéia da conquista.....	14
1.1.1 A caracterização da sociedade goiana sob o predomínio da pecuária: o signo da decadência.....	17
1.1.2 Fase da ocupação agrícola de Goiás: a inclusão do estado à nação brasileira.....	20
1.2 Referenciais da cultura e das tradições goianas.....	24
1.2.1 Referenciais conceituais sobre cultura e patrimônio cultural.....	24
1.2.2 Hábitos alimentares.....	28
1.2.3 A casa goiana.....	31
1.2.4 O Mobiliário.....	37
1.2.5 O Artesanato.....	39
1.2.5.1 O artesanato de Pirenópolis e de Goiânia: expressões diferenciadas da cultura goianiense.....	40
1.3 A mulher goiana.....	46
1.4 Pirenópolis: seus aspectos históricos e culturais.....	50
1.5 A construção da nova capital: Goiânia sincretismo da tradição e modernidade.....	54
CAPÍTULO 2	
Referenciais históricos da hospedagem	56

2.1 Breve histórico da hospedagem no Brasil e em Goiás.....	56
2.2 Modalidades da hotelaria em Goiás: o turismo cultural nas pousadas de Pirenópolis e o turismo de “negócios” nos hotéis de Goiânia.....	68
2.2.1 O turismo cultural nas Pousadas de Pirenópolis.....	70
2.2.2 Goiânia: centro catalisador do turismo de “negócios”	73
CAPÍTULO 3 A hospedagem de Pirenópolis como símbolo da divulgação do legado cultural e o Hotel Castro’s em Goiânia como simulacro.....	82
3.1 As modificações dos significados da hospedagem: entre a casa e a rua.....	87
3.2 Fator motivador da hospedagem nas pousadas de Pirenópolis.....	95
3.2.1. Contato com a natureza	95
3.2.2. A Gastronomia na hospedagem.....	98
3.2.3 A Identidade do artesanato.....	100
3.2.4 A Autenticidade dos meios de hospedagem.....	101
3.3 Fator motivador da hospedagem em Goiânia.....	108
3.3.1 Hotel Castro’s: representação do padrão internacional x tradição cultural goiana reconstruída.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
ANEXO – Roteiro das Entrevistas.	121

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Pousada de Dona Geni: - Forro de madeira, paredes revestidas e pintadas à base de cal. – Pirenópolis.....	33
Foto 2: Fachada da Pousada Matutina Meiapontense – Pirenópolis.....	34
Foto 3: Tabuado corrido da Pousada Matutina Meiapontense.....	35
Foto 4: Pousada da Dona Geni- Destaque do piso em ladrilho -Pirenópolis.....	36
Foto 5: Casa que pertenceu ao Comandante Joaquim Alves. Atualmente é sede do Museu Histórico da Família Pompeu de Pina – Pirenópolis.....	37
Foto 6: Pousada Dona Geni – Mobiliário - mesa em madeira.....	39
Foto 7: Artesanato em Tear – Artesanato de Pirenópolis.....	41
Foto 8: Representação dos Mascarados – Artesanato de Pirenópolis.....	41
Foto 9: Jóias em Prata – Artesanato de Pirenópolis.....	42
Foto 10: Máscaras em papel maché – Artesanato de Pirenópolis.....	42
Foto 11: Artesanato sendo comercializado na feira do Sol de Goiânia.....	43
Foto 12: Quadros pintados por artistas goianos, comercializados na Feira do Sol em Goiânia.....	44
Foto 13: Exposição no Paço Municipal da Feira FazArte / Goiânia.....	45
Foto 14: Registro fotográfico da Feira “FazArte” da Secretaria Municipal de Goiânia (SEGOV).....	46
Foto 15: A 1ª Ponte do Rio das Almas- Pirenópolis.....	51
Foto 16: A 1ª Igreja construída no estado de Goiás - Matriz Nossa Senhora do Rosário – Pirenópolis.....	52
Foto 17 : Matriz Nossa Senhora do Rosário – Pirenópolis / 2006.....	53
Foto 18: Os pousos de Goiás, século XIX – Foto do Burchell.....	59
Foto 19: Vista Externa do Hotel Pharoux – Rio de Janeiro.....	63
Foto 20: Vista externa do Hotel Avenida.- Rio de Janeiro.....	64
Foto 21: Vista externa do Grande Hotel de São Pedro, na época de sua inauguração em 1940. São Paulo.....	66

Foto 22: Casa que pertenceu ao Comandante Joaquim Alves. Nela funcionou a primeira tipografia do Estado – Matutina Meiapontense, a primeira biblioteca, o colégio Imaculada Conceição. Pirenópolis.....	71
Foto 23: Marmo Hotel, que ficava na Avenida Anhanguera – Goiânia.....	74
Foto 24: Vista externa da lateral do Hotel Presidente- Goiânia.....	75
Foto 25: Fachada original do Hotel Dom Bosco-Goiânia.....	76
Foto 26: Hotel Umarama fachada atual –Goiânia.....	77
Foto 27: Fachada externa do Hotel Bandeirantes- Goiânia.....	78
Foto 28: Pousada Taman Baru- Pirenópolis.....	85
Foto 29: Pousada Dona Geni- Pirenópolis.....	86
Foto 30: Pousada Matutina Meiapontense - Pirenópolis.....	87
Foto 31: Pousada Taman Baru, incrustada na mata.- Pirenópolis.....	96
Foto 32: Pousada Matutina Meiapontense: Interferência do Moderno com o Colonial. No 1º plano as janelas coloniais, foram substituídas por janelas de vidro, além da ampliação do telhado.....	104
Foto 33: Pousada Matutina Meiapontense: Parede que era em Adobe, foi concretada e azulejada, com a bancada em mármore para a montagem do serviço de café da manhã.....	104
Foto 34: Pousada Matutina Meiapontense: Interferência do contraste no mobiliário, móveis contemporâneos, com móveis coloniais.....	105
Foto 35: Pousada Dona Geni: Ampliação da sala do café da manhã, com a manutenção do padrão da arquitetura colonial pirenopolina.....	106
Foto 36: Pousadas Dona Geni: Os apartamentos estão incrustados na natureza, e a paisagem contempla e margeia o Rio das Almas.....	107
Foto 37: Pousada Taman Baru : A natureza, inserida na hospedagem.....	108
Foto 38: Apartamento goiano no Hotel Castro’s.....	110

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como finalidade compreender o conceito de hospedagem na perspectiva de um espaço de preservação e divulgação dos valores culturais de uma determinada sociedade, analisado sob o olhar interdisciplinar da antropologia, da história e do turismo. A delimitação espacial e temporal do tema abrange a cidade de Pirenópolis, considerada ícone do Patrimônio Cultural de Goiás e *locus* do turismo cultural e a cidade de Goiânia, centro turístico do mundo dos negócios, cuja rede hoteleira tem uma expressiva expansão contribuindo para a projeção de Goiás no contexto nacional.

Por que escolhemos a hospedagem como espaço de preservação e divulgação do patrimônio cultural goiano como objeto de pesquisa? Esta escolha está relacionada com as possibilidades de estudo interdisciplinar demonstradas nas disciplinas oferecidas no Curso de Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural da Universidade Católica de Goiás (UCG). Essas disciplinas possibilitaram-me constatar a carência de subsídios e fundamentos teóricos da relação entre hospedagem e patrimônio cultural. Além do mais, a minha vivência profissional, enquanto docente na área de turismo, despertou-me o interesse em investigar como a hospedagem, com características próprias regionais, pode atrair turistas e, ao mesmo tempo, divulgar os valores culturais de uma sociedade.

Para tanto, o ponto inicial da pesquisa foi o de identificar a caracterização da identidade regional de Goiás, iniciada na atividade de mineração e, posteriormente, fundamentada na pecuária extensiva e na agropecuária de mercado. Esses aspectos econômicos foram moldando a concepção que os goianos faziam de si mesmos, criando uma concepção negativa de terra do atraso, da ruína e da decadência. As primeiras cidades de Goiás nasceram perto das minas de ouro, e Pirenópolis foi uma delas. Suas características são marcadas por ruas estreitas de traçados irregulares, igrejas em estilo colonial, casas antigas com muitas janelas e quase sempre coladas umas nas outras. São essas características que conferiram a Pirenópolis o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, por seu estilo arquitetônico, principalmente simbolizado pelas suas igrejas e pousadas que hoje recebem centenas de turistas de todas as partes do Brasil.

Passada a fase da mineração, Goiás se ruralizou e se isolou das transformações de cunho modernizador que se processavam no litoral do Brasil. O estado permaneceu isolado do mercado

nacional, voltado sobre si mesmo, até praticamente o início do séc. XX, quando profundas transformações ocorreram no Brasil e atingiram Goiás de forma marcante. A chegada da ferrovia, dos migrantes paulistas e mineiros, a valorização do cerrado goiano, a construção da nova capital, Goiânia, são algumas dessas transformações. Enquanto Pirenópolis se mantinha como uma cidade colonial, nascia o município de Goiânia (1935), com bairros planejados e com um estilo arquitetônico chamado *art déco*, muito usado na época em algumas cidades da Europa. Planejada para 50.000 habitantes até o ano 2000, atualmente Goiânia tem 1 milhão e 200 mil habitantes. Chamada de “capital do cerrado” é uma cidade com fortes influências do campo, pois suas principais fontes de riquezas estão na agricultura e na pecuária. No entanto, Goiânia se destaca também como uma cidade de pólo comercial regional. Suas indústrias no setor de confecções, embalagens, calçados, alimentos, atraem milhões de pessoas que geram uma relevante riqueza para o Estado. O setor de serviços, sobretudo no comércio, é o que mais emprega e os seus vários *Shoppings Centers* estão no nível dos mais modernos do país.

Para atender o “mundo do negócio”, a rede hoteleira de Goiânia se ampliou e se modernizou, destacando o Castro’s Park Hotel de categoria internacional.

As duas cidades, Pirenópolis e Goiânia, nasceram e evoluíram em contextos históricos e econômicos totalmente distintos. A primeira ostenta o título de cidade colonial e a segunda de cidade moderna. Ambas recebem turistas, mas com interesses diferenciados. A primeira potencializa o turismo cultural, as suas “pousadas” de estilo colonial oferecem serviços caracterizados pela “autêntica” cultura goiana. A segunda oferece ao mundo dos negócios o serviço rápido e eficiente compatível com o interesse do estilo de vida dos seus hóspedes. No entanto, percebemos que o Hotel Castro’s criou uma oferta de serviço diferenciada dos outros hotéis “cinco estrelas”. Ele oferece aos turistas alguns apartamentos mobiliados e decorados com o artesanato goiano, além de oferecer uma gastronomia com produtos do cerrado goiano.

Conhecer as características dessas duas modalidades de hospedagem é o que nos instigou neste estudo, uma vez que elas são formas de preservação e divulgação dos valores culturais da identidade goiana.

O método utilizado neste estudo foi o qualitativo, pois ele possibilita entender a natureza de um fenômeno social como o de formação da identidade cultural de um povo. Como esta pesquisa se propôs a conhecer os significados de valores culturais que estão para além das aparências dos fatos, consideramos que o método qualitativo é o mais indicado para este fim. Como

procedimento técnico-metodológico, utilizamos a entrevista, pois consideramos esse instrumento capaz de avaliar as opiniões e crenças das pessoas sobre as ações e os valores humanos. Nesse sentido, foram realizadas sete entrevistas, buscando conhecer, por meio da opinião dos entrevistados, como o serviço de hospedagem utiliza de recursos próprios para atrair o turista e como os valores culturais e regionais são utilizados neste processo.

Os entrevistados selecionados são proprietários de três pousadas em Pirenópolis: o Sr. Luiz Armando Pompeu de Pina Júnior da Pousada Matutina Meiapontense, a Sr^a. Esdras Paveokoski da Pousada Dona Geni e o Sr. Marcelo Bastos da Pousada Tanam Baru, e o proprietário do Hotel Castro's o Sr. Olavo de Castro, além de alguns funcionários dos referidos estabelecimentos. Além das entrevistas, foi também utilizada como recurso técnico a aplicação de questionários cujas perguntas estão no anexo "A".

A estrutura do trabalho está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo recupera a história da ocupação de Goiás, ressaltando as fases econômicas que deixaram marcas na identidade do povo goiano. Essas marcas, consideradas hoje patrimônio cultural de Goiás, são identificadas pelos hábitos alimentares, tipo de moradia, mobiliário, artesanato e na presença feminina.

No segundo capítulo, foi contextualizado o histórico da hospedagem no Brasil e em Goiás, ressaltando a especificidade da hospedagem em três pousadas de Pirenópolis, que divulgam o legado cultural goiano, e o modelo de hospedagem oferecido por hotéis de padrão internacional em Goiânia. Elegemos como representação desses hotéis o Castro's, pelo fato de ele oferecer apartamentos decorados com valores culturais goianos.

No terceiro capítulo, foi analisado o serviço oferecido nas três pousadas de Pirenópolis como símbolo de divulgação do legado cultural goiano e, em Goiânia, o Hotel Castro's, como simulação da cultura regional, re-construindo em uma estrutura moderna, mobílias e decoração características do tempo colonial. Neste capítulo é analisado como se dá a relação entre o que é oferecido e o que é almejado pelo turista, a relação de autenticidade e de inautenticidade, da espetacularização e o que é simulado ou o que se aproxima da realidade dos valores culturais goianos.

Finalmente, reservamos o espaço das considerações finais para demonstrarmos a contribuição desse estudo na divulgação do Patrimônio Cultural do Estado de Goiás.

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO DA TRADIÇÃO CULTURAL DA SOCIEDADE GOIANIENSE

1.1 A ocupação e o povoamento da capitania de Goiás sob a égide da mineração: a epopéia da conquista

A mineração trouxe uma nova forma de povoamento ao Brasil colonial: um povoamento do tipo urbano. Durante os séculos XVI e XVII, o povoamento das Capitânicas da costa brasileira dera-se em função da empresa agrícola. Mas, com a mineração, a situação inverteu-se: os núcleos urbanos, surgidos da concentração mineira, atraíram um contingente elevado de populações, marcando um novo ritmo na vida social e na mentalidade da sociedade. O interior tornou-se uma extensão econômica, subordinada aos centros mineradores, ocorrendo uma maior valorização do “mineiro” e a desvalorização do “roceiro” (o atual fazendeiro).

Ocupando o centro do país, povoado por populações das diferentes regiões, as Minas Gerais foram, e continuam sendo a terra da ordem e da liberdade, das tradições e das esperanças. Minas emerge na mentalidade de seus habitantes, com um destino inelutável, qual seja o de garantir a ordem e a liberdade, a tradição e a esperança. Um traço marcante vincado na construção do perfil dos mineiros é o gosto pela cultura. A partir do movimento literário mineiro, no século XVIII, floresceu toda uma geração embalada no gosto pela cultura ou, pelo menos, representando um centro irradiador das “coisas da inteligência ou do saber”. Dessa forma, às concepções de liberdade, vicejadas nos canteiros da cultura, agregou-se a idéia de que o “Brasil se tornou uma pátria, por ter sido antes uma Arcádia¹”. (ARRUDA, 1990, p. 75).

As mentes cultas dos inconfidentes associaram o ideal de liberdade na construção de uma identidade que historicamente marcou a tradição cultural dos mineiros, que caracteriza Minas como depositária do saber e da insubmissão diante de ameaças contra a pátria. Para Arruda (1990, p. 109), o habitante de Minas

¹Arcádia: antiga academia literária, cujos componentes se propunham a continuar o classicismo e adotavam nomes simbólicos.

não se distingue somente por sua sagacidade natural, por sua franqueza, por seus hábitos de hospitalidade, mas , depois do Rio de Janeiro, nenhuma região neste vasto império apresenta reunidos, melhor do que em Minas, tantos elementos próprios para desenvolver um movimento industrial favorável, e este graças a um juízo são, e uma perspicácia pouco comum. Além do fato de certas particularidades serem assenhoreadas. [...] no plano das construções simbólicas faz originar concepções que tracejam tipos culturais definidos, capazes de produzir um esboço borrado – o caráter do brasileiro – ou um desenho nítido e nuançado – o caráter mineiro.

Entre as construções simbólicas sobre o caráter de mineiro, criam-se sub-tipos: um expansivo, inflamável, categórico nas afirmações e outro retraído, prudente e conciliador.

A identidade de Minas nasceu de uma luta contra a exploração do modelo metropolitano português, movimento esse que, embora fosse a curto prazo derrotado, acabou a longo prazo, simbolizando a vitória contra a opressão fiscal da metrópole, permitindo aos mineiros cultivar a idéia de representantes da luta pela defesa da pátria, simbolizada por um ritual de tradições históricas. Nesse sentido, Roberto DaMatta, considera toda a vida social como sendo ritualizada ou, pelo menos, passível de ritualização, dado o seu caráter convencional e simbólico. Para o autor os mineiros diferenciam-se “no modo de falar, no modo de comportar e nas características das diferentes regiões.” (1990, p. 127). Nessa mesma perspectiva, Arruda (1990) afirma que os mineiros já adquiriram sua individualidade ao estabelecerem uma conveniente homogeneidade na integração adequada de suas diferentes origens, gestando uma síntese singular do homem brasileiro, produto da convivência do africano, do índio e do europeu. Para Arruda (op.cit., p. 135),

a origem da especificidade da alma mineira não vem apenas da fase mineradora, mas também do campo, da formação rural do próprio povo, relacionada com as suas origens, e tal condição vai marcar a sua identidade no cenário nacional. O vinco rural é tão forte, tão estrutural no caráter mineiro, que é fácil reconhecê-lo mesmo nos indivíduos sujeitos à pressão de um meio altamente urbanizado, como é Belo Horizonte. Os que construíram essa esplêndida cidade quiseram talvez urbanizar a alma mineira, deram-lhe então o luxo suntuoso das avenidas, a imponência dos belos palácios, até a maravilha de uma iluminação elétrica, que faz dessa cidade, crepitando em miríades de glóbulos rutilantes. Mas, a alma mineira, ao invés de se deixar absorver por essas maravilhas, derrama, ao contrário, sobre essas praças, tão radiosamente batidas do sol, a sua frugalidade, o seu isolamento, o seu doce espírito familiar, elaborado nas suas verdades rurais, onde só habitam o sossego, a modéstia e a paz.

Tal como ocorreu primeiro em Minas e depois em Mato Grosso, a notícia do descobrimento de ouro em Goiás, em 1722, provocou imenso e súbito afluxo de pessoas à região, conformando um tipo de povoamento que logo adquiriu feições urbanas. A ocupação do território goiano na época colonial processou-se de forma impetuosa e violenta, conforme o modelo da “corrida do ouro”. A onda anárquica e empreendedora caiu sobre o território dos índios goyazes, em pleno deserto da civilização branca, a mais de mil quilômetros do centro mais próximo (PALACÍN, 1995, p. 34). O autor ainda afirma que após a fundação dos primeiros núcleos urbanos em Goiás – “Barra”, atual Buenolândia, e “Santana”, futura Vila Boa e atual cidade de Goiás, em 1727 – o ouro continuou sendo o principal atrativo para o deslocamento de forasteiros e para a fundação de outros arraiais (PALACÍN, op. cit., p. 39).

Com base em dados imprecisos fornecidos por Palacín (Ibid, p. 60), pode-se arriscar uma periodização da evolução populacional de Goiás no período: em 1736, em torno de 10.000 escravos, partindo-se do pressuposto de que eles constituíam dois terços da população, o total desta deve ter chegado a 15.000 habitantes. Documentos comprovam que os escravos representam, até o início do século XIX, a maioria da população goiana. A partir dessa época, o peso relativo da escravaria diminuiu, devido à derrocada econômica da região, que não mais possuía suficiente capital de giro, para a importação maciça de “peças”. A população de Goiás no período colonial apresentava características típicas das regiões mineradoras, ou seja, era predominantemente masculina e solteira. Outra marca das populações goiana é a intensa mobilidade. O autor afirma que os habitantes deslocavam-se constantemente à procura de novas jazidas de ouro, fazendo com que arraiais inteiros se despovoassem e a vida se constituísse em constante improvisação: “e o povo, ainda que freqüente, anda todavia volante, mudando a cada passo o domicílio para onde aparecem melhores pintas de ouro”.(Ibid, p.61) .

Se é fato que a população de Goiás crescia, com a chegada em massa dos “adventícios”, adquirindo caráter urbano, também é verdade que, à época, a maioria do vasto território goiano, denominado “continente” pelas autoridades, continuava povoado basicamente por índios: nos sertões, a população branca, negra ou mestiça era muito rarefeita, o que gerava preocupação entre as autoridades.

Segundo Palacín (1995), a partir de 1778, a produção bruta das minas de Goiás começou a declinar progressivamente, em conseqüência da escassez dos metais das minas existentes, da

ausência de descobertas de novas minas e do decréscimo progressivo do rendimento por escravo. Essa conjuntura de crise da mineração alterou substancialmente o quadro de ocupação humana em Goiás. A população de muitos dos primitivos arraiais atrofiou-se consideravelmente, e a vida da capitania ruralizou-se sob a égide da pecuária.

A fase da mineração marcou a mentalidade da população goiana pela idéia de uma época de riqueza, marcada pela abundância e valentia heróica dos seus conquistadores. As lendas das enormes minas encontradas em Goiás foram divulgadas por meio de contos e histórias guardadas pela tradição popular, que ansiava por um passado glorioso. Essa fase histórica é carente de uma investigação documental científica, e a tônica dominante é marcada pelo exagero da ação dos pretensos heróis. Os bandeirantes paulistas são identificados com a figura de D. Quixote, pela coragem destemida diante das penalidades físicas enfrentadas e as cruentas lutas contra os índios. Nesse sentido, Morais (apud CHAUL, 1998, p. 45) afirma:

Inventaram para nós uma época de fausto e esplendor auríferos, como se a exploração das minas não fosse atividade predatória, a cigana de milênios, sem leituras de mãos calejadas, sem sorte grande. Que Goiás o ouro nos legou, além da decadência? A idéia de uma terra frutuosa, repleta de grandezas, nunca foi satisfatoriamente comprovada nos documentos ou na herança de qualquer legado, menos ainda no atavismo ou simbiose de qualquer produto social e/ou econômico.

A identidade goiana foi sendo construída pela tradição oral, que afirma a coragem e o heroísmo dos bandeirantes. O estratagema astucioso do bandeirante Anhangüera de vencer a oposição dos índios pondo fogo em um pouco de aguardente numa bacia e, ameaçando de queimar todos os rios, caso eles não se rendessem, é perfeitamente aceita pela tradição oral e muitas vezes ampliada pelo exagero popular. Até hoje se percebe, nas comemorações das datas festivas do Estado de Goiás, a tradição de cultuar a memória do bandeirante, símbolo imortalizado pela mentalidade popular.

1.1.1 A caracterização da sociedade goiana sob o predomínio da pecuária: o signo da decadência

Passada a euforia da exploração do ouro, inicia-se em Goiás, a partir do início do século XIX, a fase da economia baseada na pecuária. Um novo tipo de povoamento se estabeleceu, sobretudo no Sul da capitania, onde campos de pastagens naturais se transformaram em potenciais centros de criação. Essa fase se caracterizou por uma má distribuição do povoamento e pela heterogeneidade do seu crescimento. Enquanto algumas áreas permaneceram estacionárias, outras decaíram, principalmente os antigos centros mineradores. Outro problema crucial do povoamento nessa fase residiu na dificuldade de comunicação com as outras regiões brasileiras, derivado principalmente da pobreza de Goiás, sem condições de fornecer um outro produto para exportação em substituição ao ouro. Goiás, incapaz de obter recursos eficientes para vencer as enormes distâncias que o separam dos portos do litoral, vai se isolando do circuito econômico, freando qualquer possibilidade de desenvolvimento.

A economia tendeu a uma ruralização cada vez mais marcante, e o tipo de atividade econômica predominante, a pecuária de subsistência, gerou grande dispersão da população. Segundo alguns depoimentos da época, seja de documentos dos governantes, seja dos viajantes que passaram por Goiás, os núcleos urbanos eram pobres e em número reduzido, destacando-se apenas as povoações de Meia-Ponte (atual Pirenópolis) e Vila Boa de Goiás, esta funcionando como sede do governo.

Segue parte de uma descrição feita pelo naturalista Phol (1976 apud PALACIN, 1995) sobre a situação do indígena, e da fase econômica marcada pela pecuária que, segundo o autor, foi caracterizada por extrema penúria. Essa opinião de Phol é compartilhada por outros viajantes estrangeiros como o francês Saint-Hilaire, e os alemães Spix e Martius que passaram pelo território goiano na segunda década do século XIX. A maior parte da Capitania de Goiás encontra-se inculta e, por isso, é improdutiva, achando-se entregues às tribos de índios selvagens e aos animais bravios. O nosso trigo dá bem em Cavalcante. Se os moradores não fossem avessos ao trabalho, a cana-de-açúcar daria aqui muito mais resultados. Maiores lucros deram, outrora, as minas de ouro, hoje inteiramente decadentes. Agora estão esburacadas os bancos de areia dos rios, de todos os lugares e a superfície da terra, faltando braços para explorar o que sobrou ou abrir novas (PHOL, 1976 apud PALACÍN, 1995).

É também significativa a descrição que Saint-Hilaire faz sobre o arraial de Meia-Ponte que, por localizar-se no entroncamento dos caminhos para Minas Gerais, São Paulo, Mato-Grosso, Rio e Bahia, desde o início da colonização produziu gêneros agrícolas, implementando a

produção após o declínio do ouro. Nesse sentido, o autor afirma que entre os habitantes de Meia Ponte há muitos brancos, mas a maioria é de nativos ou crioulos de raça mestiça e mulatos pobres. Os habitantes viviam outrora de suas rendosas lavras de ouro, agora têm a fama de experimentados cultivadores do milho, mandioca, fumo, cana-de-açúcar, café e algodão. (PALACIN, 1995, p. 109).

O interior do Brasil representava na mentalidade popular da população litorânea o incerto, o atrasado, o desconhecido, o longínquo. Tal concepção marcou a imagem do sertão goiano a qual foi sendo associada a uma região decadente e que acabou por transformar-se na auto-imagem dos goianos em relação à sua região. Pode-se afirmar que Goiás até o final do século XIX foi caracterizado pela ruralização, deficiência de transportes, de comunicação e do sistema de comercialização, dispersão da população, dificuldades de mão-de-obra e ausência de estímulos econômicos concretos.

Os viajantes estrangeiros foram, por meio dos seus relatos, responsáveis pela elaboração dessa mentalidade de decadência sobre esse período histórico. Saint-Hilaire, Pohl, Luiz DÁlincourt, Gardner e Castlenau deixaram em seus relatos sobre Goiás, na segunda década do século XIX, uma imagem marcada pelo abandono dos arraiais e povoados, do refluxo da população e da atrofia do comércio. Saint-Hilaire afirma que na maioria das casas dos arraiais por onde passou verificou o mesmo procedimento, ou seja, as casas ficavam fechadas e seus donos em suas propriedades no campo “só iam ao arraial aos domingos e nos dias de festas religiosas”. (DOLES; NUNES, 1992, p. 102). Segundo Pohl, Goiás apresentava-se despovoado e isolado, “a maior parte da capitania de Goiás encontrava-se inculta e, por isso, é improdutivo, achando-se entregue às tribos de índios e aos animais bravios”. Pohl (1975, p.108 apud PALACÍN, 1995, p. 108).

A visão dos viajantes europeus sobre a decadência de Goiás acabou por deixar marcas profundas na mentalidade da sociedade goiana. Esse estigma de terra do atraso, da decadência, do marasmo e do ócio serviu para identificar o goiano e criar o que podemos chamar de goianidade.

Para o olhar desses estrangeiros, não havia outra condição de vida social senão dentro dos padrões da sociedade européia. Eles não entenderam que a inércia da população era explicada pela pobreza da economia e vice-versa. Os habitantes de Goiás, após a crise da mineração, foram abandonados pelo Estado português e, posteriormente, pelo Estado brasileiro, uma vez que não

compensava investir na atividade da pecuária devido aos custos representados pela distância entre Goiás e os centros consumidores do litoral. Dessa forma, a população de Goiás foi sendo marcada pelo estigma da indolência, do conformismo, tédio e ócio.

Trabalhos acadêmicos mais recentes têm demonstrado que não houve conformismo da população diante do contexto de abandono do governo. Reagiram adotando a desobediência civil, apesar dessa reação ter sido pouco documentada. O contrabando, o uso da cachaça, rituais afros, caminhos por estradas não permitidas, não pagamento de impostos, descaso para com a lei foram formas utilizadas pela população para demonstrar seu descontentamento com o governo. A sociedade local foi construindo seus hábitos e sua cultura por meio de elementos próprios, de tradições locais e atávicas, de memórias seculares, distantes da cultura européia. Formavam um mundo à parte, diante de um governo não reconhecido pela população.

1.1.2 Fase da ocupação agrícola de Goiás: a inclusão do estado à nação brasileira

O predomínio da pecuária em Goiás marcado pelo isolamento da economia do mercado nacional alterou-se em decorrência de uma série de transformações ocorridas no Sudeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX.

Em 1896, a Estrada de Ferro Mogiana chegou até Araguari (MG) e, em 1913, os trilhos chegaram até Goiás inaugurando uma nova etapa na evolução do Estado. O expressivo papel das ferrovias facilitou o acesso dos produtos goianos aos mercados do litoral e possibilitou a ocupação de vastas áreas da região Sudoeste de Goiás, correspondendo à efetiva ocupação agrícola de parte do território goiano.

Outra transformação ocorrida no cenário nacional que estimulou o desenvolvimento de Goiás foi a marcha do café que, iniciada no Rio de Janeiro em meados do século XIX, deslocou-se depois para São Paulo, atingindo Goiás como sua área periférica de abastecimento de produtos agrícolas. A marcha do café valorizou muito as terras em São Paulo, provocando uma grande migração de fazendeiros paulistas para Goiás, interessados em adquirir terras a preços irrisórios. Nesse contexto, vários municípios vão se consolidar, principalmente na região Sul do Estado. Além do mais, com a construção dos primeiros quilômetros de ferrovia, estimula-se o setor

agrícola e alguns produtos começaram a ser cultivados e transportados, propiciando uma lenta e gradual modificação na economia goiana, antes voltada exclusivamente para a pecuária.

Outro fator estimulador do desenvolvimento goiano foi à política nacional-desenvolvimentista do presidente Getúlio Vargas, consubstanciada na “Marcha para o Oeste”, que motivou o estabelecimento de uma política interna de ocupação dos vazios demográficos. Goiás se beneficiou dessa política e foi encarregado da produção de gêneros alimentícios e matérias-primas capazes de abastecer o Centro-Sul do país. São palavras do presidente: “Do alto dos nossos chapadões infindáveis, onde estarão, amanhã, grandes celeiros do país, deverá descer a onda civilizadora para as planícies do Oeste e do Nordeste” (VARGAS, 1940, p. 18 apud O mobiliário como testemunha da história de Goiânia (1930 –1940) BADAN, 2004, p. 27).

Foi no contexto da política federal de Marcha para o Oeste que se deu a construção de Goiânia, outro marco fundamental de um novo ciclo de expansão de Goiás. Goiânia não representou apenas uma nova cidade em Goiás ou no Brasil. Foi o ponto de partida do primeiro ciclo de expansão do Oeste, conhecido pela fase do “Bandeirismo do século XX”, fator de desenvolvimento nacional e regional. Ainda dentro do contexto da Marcha para o Oeste, na sua fase de consolidação, ocorreu a transferência da capital federal para o Planalto Central (Brasília), ligando-a ao Norte e Sul do país, por meio de um sistema rodoviário: ao norte, pela rodovia Belém-Brasília, e ao Sudeste, pela rodovia Brasília - Belo Horizonte. Tais medidas vão impactar o desenvolvimento em Goiás incluindo o Estado cada vez mais no circuito econômico do país. A rede rodoviária instituída, em função da construção de Brasília, criou pela primeira vez na história de Goiás as condições básicas de comercialização com as outras regiões brasileiras, ligando o estado aos principais centros econômicos do país, e permitindo a integração de extensas porções estaduais, até então marginalizadas pelo isolamento.

O fenômeno de se projetar novas cidades ganhou força no início do século XX, no mundo inteiro. No Brasil, essas simbolizariam a tentativa de integração do território brasileiro, consubstanciando-se numa das facetas que o modernismo adquiriu no país. Assim, a construção de Goiânia representaria a concretização do progresso e da civilização. Grosso modo, seria símbolo de modernidade que se construía em oposição ao passado decadente e atrasado de Goiás. Para o Brasil, Goiânia simbolizaria a corporificação de um discurso, um marco na concretização de uma política nacionalista e, para os intelectuais goianos que apoiavam o governador Pedro Ludovico, a idéia de uma nova capital estaria associada “ao moderno, ao

progresso, ao desenvolvimento econômico, social e cultural e ao pertencimento à Nação brasileira” BOTELHO, Apud BADAM, 2004, p27.

Porém, ainda que o ideal de progresso fosse a mola propulsora para a construção da nova capital e que a tecnologia moderna preponderasse sobre a natureza, prometendo uma eficiência até então nunca vista no estado, Goiânia, em seus primeiros anos, mostrou-se muito mais próxima do sertão do que da metrópole. Como não poderia deixar de ser, a nova cidade era habitada por pessoas de origens provincianas e costumes tradicionais; uma cidade pequena onde todos se conheciam, e a natureza adentrava os limites urbanos. Mas, mesmo assim, desde os anos iniciais, Goiânia procurou vincular-se a uma imagem cosmopolita, ou seja, pretendia estar em igualdade com os demais centros urbanos do Brasil.

Oliveira (1999) afirma que Goiânia é considerada moderna desde a sua fundação, por ter sido planejada segundo critérios urbanísticos avançados, por ter estado vinculada à expansão capitalista rumo ao interior do país, por sua construção ter possibilitado novas relações sociais (capital e trabalho), enfim, por possuir uma arquitetura moderna – *Art déco*². De acordo com o discurso mudancista, Goiânia era vista como “uma cidade moderna, dinâmica e nova que traria o desenvolvimento econômico para o Estado” (BADAM, 2004, p.27), enquanto que a Cidade de Goiás representava o tradicional, o estático e velho, e era a principal responsável pelo atraso econômico do estado. Se a Cidade de Goiás era o símbolo do passado, Goiânia seria o símbolo do progresso.

Reportando-nos a Lévi Strauss (1996, p. 106), observamos que ele refere-se sobre a vida provinciana da pequena capital do estado de Goiás como

esta que dormia a mil quilômetros do litoral do qual se estava praticamente isolada. Num sítio verdejante dominado pelo perfil caprichoso dos morros empenachados de palmeiras, ruas de casas térreas desciam pelas encostas entre as hortas e as praças onde os cavalos pastavam diante das igrejas de janelas ornamentadas, metade granjas, metade casas com campanário.

O mesmo autor relata sobre a dualidade dos fatos entre o deplorar o absurdo ou a alegria da decisão do governo que decide esquecer seus campos, suas ladeiras e sua praça antiquada, já

²Art déco é um estilo decorativo, internacional, industrial, moderno e cosmopolita. As linhas básicas adotadas são geometrizzantes, retas e com a ausência de ornamentos

que tudo era visto como pequeno demais, velho demais. Precisava-se de uma tábua rasa para afundar o gigantesco empreendimento com que se sonhava.

Levis Strauss (op. cit., p. 117) escreve que do dia para noite os jornais anunciavam em páginas inteiras a “Fundação da Cidade de Goiânia,” detalhando um mapa como se fosse uma cidade centenária, que enumerava as vantagens prometidas aos moradores tais como: serviço de limpeza urbana, estrada de ferro, água encanada, esgotos e cinema, além das terras que eram dadas de brinde aos compradores que aceitassem pagar as despesas de escritura. O autor descreve Goiânia da década de 1937, como "uma planície sem fim, que lembrava um terreno baldio e um campo de batalha, espetado por postes de eletricidade e por fixas de agrimensura, deixava entrever uma centena de casas novas espalhadas pelos quatro cantos do horizonte” (Ibid, p.118).

A respeito do urbanismo e da arquitetura de Goiânia, estudos indicam que essas áreas despontam, ao lado de outras, como variáveis importantes no processo de intervenção racional e funcional do planejamento das cidades. Por esse motivo o professor e arquiteto Gustavo Neiva Coelho (In: BOTELHO, 2002) analisou o modelo, o estilo da arquitetura *Art-déco*, adotado em Goiânia, como uma estratégia de poder. Dados históricos mostram-nos que a história da arquitetura monumental confunde-se com a história do poder, seja administrativo, seja religioso. Dessa forma, a caracterização do poder estaria intimamente ligada à monumentalidade do edifício que o representa. Com isso, a arquitetura começou a ser usada pelo estado como forma de perpetuação; esta, por sua vez, motivava o surgimento de uma identidade entre o edifício e o governante que o patrocinava, passando a edificação a ser reconhecida por esse governante. No que concerne ao espaço nacional, veremos que o período de 1937 a 1945 correspondeu à implantação de um regime autoritário. Segundo parece, a associação de elementos da arquitetura em desenvolvimento com as propostas do *Art déco* fez surgir uma nova tipologia arquitetônica, despertando o interesse desses regimes políticos como ideal de representação do progresso e da modernização no Brasil.

Desde o início da ocupação do território goiano pelo governo português (1722) até os dias atuais, percebe-se a gestação de um padrão cultural que vai, ao longo da sua história, caracterizando o perfil do povo goiano. Esses valores, constituídos hoje pelo patrimônio imaterial, representam, simbolicamente, a goianidade, misto do caipira com o “country”, do rural com o urbano, entre os currais e o concreto. A vida calma do interior deu lugar ao ritmo

alucinado da grande metrópole Goiânia. Diante dessas transformações muito rápidas, a população goiana encontra refúgio na paz das cidades do interior, que ainda guardam a identidade e a história de um tempo idealizado. A riqueza de Goiás passou a ser associada ao seu acervo de tradição, sua conservação cultural, seus doces caseiros, as comidas típicas, o artesanato, as casas, o seu mobiliário, as cavalhadas de Pirenópolis e outras comemorações festivas consideradas símbolos de uma identidade regional.

1.2 Referenciais da cultura e tradições goianas

1.2.1 Reflexões conceituais sobre cultura e patrimônio cultural

O conceito de cultura foi definido pela primeira vez por Taylor, mas o que ele fez foi formalizar uma idéia que vinha crescendo entre os estudiosos do tema. Segundo Locke (apud LARAIA, 1989, p. 30), “nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento”. Sabe-se que há centenas de definições formuladas após Taylor, e que serviram mais para estabelecer uma confusão do que ampliar os limites do conceito.

Em 1871, Taylor definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética. Laraia (2004, p.28) afirma que Tylor “tentou demonstrar que cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois se trata de um fenômeno natural que possui causa e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capaz de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução”.

Geertz (1989), endossando as concepções de Max Weber, sustenta a idéia de que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. O autor assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que ele procura, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

Geertz (op. cit, p.14.) faz uma análise da cultura, em que ele escreve que “cultura é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos

Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea”. O mesmo autor fala que o estudo da cultura e os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas sim atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social.

Simmel (apud BARRETO, 2003, p. 43), quando escreve sobre o legado cultural, refere-se às ruínas e aos monumentos como um processo que “mantêm a continuidade cultural, representa um nexos dos povos com o seu passado.” E a continuidade com o passado dá certezas, permitem traçar uma linha na qual nosso presente se encaixe, permite que saibamos mais ou menos quem somos e de onde viemos, ou seja, que tenhamos uma identidade.

Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum - não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas: é mergulhar no meio delas.

Nos fundamentos da Antropologia, a cultura não pode ser pensada a partir da idéia de algo fixo, que resiste ao tempo, pois as culturas são dinâmicas, ou seja, os usos e sentidos estão sempre sendo ressignificados, não implicando esse processo em perda, mas sim em vitalidade.

Ao emergir no contexto do Patrimônio Histórico, a reflexão se volta à expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras primas e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos.

Todavia, a noção de patrimônio sofreu modificações ao longo do tempo. A Revolução Francesa (1789) suscitou uma reação preservacionista de objetos e edifícios, mas com uma dimensão política, já que não visava apenas à conservação das igrejas medievais, mas sim a conservação do patrimônio nacional de forma holística.³ (CHOAY, 2001)

No que tange ao Brasil, a noção de patrimônio passou por modificações, contudo, a Constituição da República Federativa do Brasil, em seu Art.216, ressalta que

³ Segundo o dicionário de filosofia, holismo significa: 1. Doutrina que considera que a parte só pode ser compreendida a partir do todo, que privilegia a consideração da totalidade na explicação de uma realidade, sustentando que o todo não é apenas a soma de suas partes, mas possui uma unidade orgânica; 2. Teoria formulada pelo estadista sul-africano Jan Christiam (1870-1950), em sua obra *Holism and Evolution* (1926), afirmando que o universo e especialmente a natureza viva se constituem de unidades que formam todos (como organismos vivos) que são mais do que a simples soma das partículas elementares (JAPIASSÚ, 1996, p. 54).

O Patrimônio Cultural é composto pelos bens de naturezas materiais e imateriais, tomadas individualmente ou em seu conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, incluindo-se os bens e direitos de valor artístico, estéticos, históricos, turísticos, paisagísticos, arqueológicos, paleontológicos, ecológicos e científicos. (BRASIL, 1988, p.155)

Fonseca (1997) ressalta o caráter político que a proteção aos bens adquiriu com o tempo e que a idéia de patrimônio foi usada na consolidação dos Estados modernos, para desempenhar incomensuráveis funções simbólicas como: reforçar a idéia de cidadania, identificando bens públicos de propriedades de todos; reforçar a coesão nacional; documentar as versões oficiais da história nacional; instituir os cidadãos com seu alcance pedagógico. Essas funções simbólicas são importantes na análise da criação, no Brasil, do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1937. Já que este órgão foi estabelecido em um contexto político em que o Estado Novo Getulista lançava suas bases de uma política populista. O IPHAM ainda que tenha gozado de autonomia e empregado importantes intelectuais, serviam ao governo autoritário para ratificar uma efígie de coesão social em um projeto nacional (FONSECA, 1997). Os modernistas e intelectuais do IPHAN, Mário de Andrade e Lúcio Costa, preocupavam-se com a tradição, a história e a memória⁴, de forma que a compleição do patrimônio cultural legitimava a noção de nação. Ademais, “o Estado desejava a unidade e a uniformização da nação política; expressar a presença da sociedade civil e dar exemplo de ator social coletivo”. (op. cit., p. 134).

De acordo com Choay (2001), insere-se o presente no passado sob a forma de espetáculo, transferindo valores e utilizando para tanto a modernização e o desenvolvimento tecnológico. Dessa maneira, disfarça-se o antigo como novo e se esquece tanto do passado quanto do futuro. Assim, a autora complementa Lasch (1983), que relata que a sociedade moderna está perdendo rapidamente o sentido de continuidade histórica, o que implica em uma dedicação de pensamentos atrelados às necessidades imediatas.

Assim, o patrimônio cultural é formado por bens materiais e imateriais. Essa forma de pensar em patrimônio culmina em conceber a cultura como o conjunto de aspectos materiais, imateriais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que

⁴ Para Halbwachs (1990), a memória se diferencia da história, pois enquanto a primeira é um pensamento contínuo que retém do passado o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (tendo, então, um caráter dinâmico), a segunda, por sua vez, é estática e única, pois ainda que se fale da história de dois países, só é possível falar de uma única história de cada um deles, ao passo que existem várias memórias coletivas.

abrangem os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, a língua, a etnia, as tradições e as crenças.

Como tema recorrente em Lima Filho e Abreu (2005, p. 38), ambos escrevem sobre a subjetividade das narrativas nos bens patrimoniais.

O objeto, ou a coisa mesmo, que circula enquanto algo praticado e ritualizado no corpo do social, mediante os atos que o fazem percorrer os complexos (des)caminhos da vida em sociedade, está repleto de sentidos e nexos compartilhados por aqueles que lhe atribuem valores e simbolismos, sendo que os mesmos emergem da própria experiência intersubjetiva das pessoas em interação entre si, e delas com o mundo. O objeto encerra sempre uma dimensão ético-estética, remetendo ao gesto humano de criar, confeccionar e operar com os mais variados objetos em lugares específicos. Há uma simbologia do objeto cuja dinâmica está relacionada a uma ecologia específica, envolvendo um universo mental implicado em certos mapeamentos, atribuições de sentidos mais ou menos subjetivos e fluxos de imagem, que “situam” a coisa em si pelo que significa para os sujeitos, desde o seu estar no mundo em relação à própria presença aurática do objeto enquanto ícone, ou mesmo, como expressão e desejo de estabelecer vias de comunicação relacionadas a determinadas experiências culturais. Ora, é esse fluxo de sentidos e imagens que o objeto dispersa no mundo que é capaz de veicular aspectos singulares das reminiscências do sujeito devaneante, pelas ações de rememorar vivências passadas e experimentar a tensão entre esquecimentos e lembranças, a partir do contato com a materialidade da coisa e os sentidos possíveis que ela encerra consigo. Daí que as imagens dos objetos também “circulam” nos meandros das memórias dos sujeitos, carreando lembranças de situações vividas outrora, permeadas por certas sutilezas e emoções próprias do ato de lutar contra o esquecimento e a finitude do ser, bem como de seus vínculos com o seu lugar de pertença. (LIMA FILHO E ABREU, 2005, p. 38).

Lima Filho diz, ainda, que a disputa pela memória e pelos símbolos estão relacionados ao interesse social.

O patrimônio tem assim um significado de valor. É essa noção valorativa que conduz o homem ao passado, selecionando memórias que buscam ser um contra discurso, uma reação à situação de destruição desse patrimônio. Vista assim, seria uma tentativa de fazer estancar a própria crise, que dialeticamente é alimentada pelo devir. (LIMA FILHO, 2001, p.91).

Vale ressaltar que preservar significa proteger, resguardar, evitar que alguma coisa seja atingida por alguma outra que lhe possa ocasionar dano. Conservar significa manter, guardar para que haja uma permanência no tempo. Desde que guardar é diferente de resguardar, preservar o patrimônio implica mantê-lo estático e intocado, ao passo que conservar implica integrá-lo no dinamismo do processo cultural. Assim, preservar o patrimônio cultural - objetos,

documentos escritos, imagens, traçados urbanos, áreas naturais, paisagens ou edificações – é garantir que a sociedade tenha maiores oportunidades de perceber a si própria.

A idéia de patrimônio aqui apresentada está relacionada não só pela reflexão de Geertz que se apropria do pensamento de Max Weber, quando fala das teias de significados onde ele mesmo teceu, somando-se a este pensamento o mesmo autor consolida, ao dizer que a cultura de um povo está em expor sua normalidade sem reduzir suas particularidades. Também, Barreto (Ibid), ao voltar seu olhar para a cultura, ela relaciona o nexos dos povos com o seu passado. Seguindo essa vertente, o patrimônio se faz presente nos bens materiais e imateriais, registrados e identificados na maneira de viver de um povo.

1.2.2 Hábitos alimentares

Se o ato de comer é, no ser humano, um ato cultural por excelência, tal prática o inscreve como importante modulação do cotidiano. As peculiaridades históricas conferiram um perfil à cozinha e ao ato de comer, de tal modo pulsante, que constitui um traço identitário a concorrer para a construção de uma “goianidade”, não obstante às reelaborações experimentadas ao longo da história de Goiás. Pode-se pensar a “cozinha” e a “culinária” como um vetor de comunicação, um código complexo que permite compreender determinados mecanismos da sociedade à qual pertence, da qual emerge e a qual lhe dá sentido. O processo de construção da identidade social, coloca a cozinha goiana em destaque, vista como diferencial e singular dentro do contexto sociocultural, a partir do qual os goianos qualificam referências e valores de sua cultura. A construção que se define como “goianos” passa pela noção de pertencimento a uma comunidade, cujas representações são tecidas por eles mesmos, junto a objetos concretos, e no confronto de sua experiência particular.

Pode-se descrever, em linhas gerais, a construção de uma cozinha em um país colonizado a partir dos grandes deslocamentos populacionais e das trocas decorrentes deste processo.

De fato, o que se chama hoje de “cozinha brasileira” é o resultado de um processo histórico que traz em si elementos das mais diversas procedências que aqui foram modificados, mesclados e adaptados.

A maneira de transformar a substância alimentar, de “fazer a comida”, própria de uma culinária e de um determinado estilo de vida, produz uma mudança que é não só de estado, mas de sentido. A culinária permite que cada país, região ou grupo assinale sua distinção, o que fez com que retomasse o adágio de Brillat-Savarin, modificando-o para *diga-me o que comes e te direi de onde vens*.

Nem sempre o prato considerado “típico” é aquele que é selecionado e escolhido para ser o emblema alimentar da região, é o uso mais cotidiano, mas sim, aquele por meio do qual as pessoas querem ser reconhecidas.

A alimentação, quando constituída como uma cozinha organizada, torna-se símbolo de uma identidade, atribuída e reivindicada através da qual os homens podem se orientar e se distinguir. O que é colocado no prato serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza um pertencimento servindo como um código de reconhecimento social.

No Brasil, a cozinha foi, e continua sendo, um espaço de receber os parentes e os amigos. Situada na parte de trás da casa, ali se prepara e se serve a comida. Além disso, mesmo fora dos horários das refeições, é um local de descontração, onde a conversa deixa transparecer intimidade e se desenrolam inúmeros “causos”. Nesse sentido, compreendemos a cozinha goiana, num contexto mais amplo, não somente como um conjunto de hábitos alimentares como também de um importante espaço onde se desenvolve o convívio e as relações sociais.

DaMatta (1986, p. 55), faz uma reflexão da diferença entre *alimento* e *comida*: “Comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido como também aquele que ingere”. Além de dar água na boca, a palavra “comer” tem, e não apenas na língua portuguesa, vale dizer, a conotação do ato (e do prazer) sexual. O autor afirma que

existem várias metáforas onde se usa a palavra comer ou comida e onde o ato de alimentar-se tem significados precisos. Assim, são bem conhecidos os ditados e provérbios populares que abordam a nutrição. Dessa forma, falamos em pão-duro referindo-nos a quem é avarento e, para economizar, come o pão dormido que fica, obviamente, duro. Usamos a imagem do pão, pão, queijo, queijo para separar as coisas, acontecimentos e pessoas, pois não haveria nada mais distinto que o pão (de origem vegetal e agrícola, que vai ao forno) e o queijo (de origem animal e que se fabrica por meio de um processo de fermentação natural) (op. cit., p. 56-57)

Essa versão analisada por DaMatta olha, em outro prisma, o contexto ‘comer’, gerando um estranhamento com o contexto da alimentação como símbolo de uma identidade, do referencial da cozinha goiana, que tem suas origens baseadas nas influências indígenas, africanas, européias e portuguesas. No entanto, há uma semelhança com a cozinha paulista, mineira e mato-grossense. É o espaço destinado a receber parentes e amigos, local de descontração onde a conversa deixa transparecer a intimidade, espaço este de convívio e de estabelecer as relações sociais.

O feijão-com-arroz tem, como mostra DaMatta (loc. cit.), o importante papel de unificar o povo brasileiro. Este é o prato que exprime a cultura brasileira, em que são combinados o sólido com o líquido, o negro com o branco, e dessa combinação resulta um prato que sintetiza e representa o estilo de comer do brasileiro: uma culinária relacional que, por sua vez, expressa uma sociedade miscigenada.

A cozinha goiana traz, como a cultura brasileira, as marcas da miscigenação, sofrendo as influências indígenas, africanas e européias, sobretudo portuguesa. É uma cozinha que guarda semelhança com a paulista, mineira e mato-grossense. Ao se deslocarem para Minas Gerais, Goiás e ao território Mato-grossense, os bandeirantes levavam os hábitos culinários de São Paulo. Os escravos que pertenciam aos bandeirantes, preparavam os alimentos como o faziam em São Paulo, influenciando assim os hábitos alimentares da população que passou a viver nessas regiões.

Para Bariani Ortêncio (apud MOLINA, 2001, p. 132.), que é paulista, mas há muitos anos vive em Goiás, a cozinha goiana começou a ter características próprias às margens do Rio Vermelho, com o encontro dos bandeirantes paulistas-portugueses e os índios goyazes. É nesse local que, em função da mineração, surge o povoado de Vila Boa, mais tarde, Cidade de Goiás. Não só ali, bem como em todos os lugares para onde se deslocaram os aventureiros em busca do ouro, a necessidade de alimentos acabou ultrapassando as necessidades físicas e gastronômicas e, desse modo, fez aparecer em Goiás pratos e temperos que são vistos até como exóticos.

O período colonial em Goiás foi registrado pelo austríaco Emanuel Pohl (apud PALACIN 1995, p. 204), que descreveu sobre os alimentos, as técnicas de prepará-los e os modos de consumi-los. Pohl destacou a dieta básica constituída de feijão, arroz, toucinho, carne-seca, mandioca, milho, legumes e “açúcar nas frutas de conserva”. Chamou atenção para a importância do milho, demonstrando como seu plantio ocorria em um mesmo solo por um período de apenas

três anos, após o qual a terra já se mostrava esgotada. Referiu-se ao consumo disseminado da mandioca, chamando o Brasil de “pátria da mandioca” e ao processo do preparo da farinha de beiju, da tapioca e do pirão. Ressaltou o fato de a natureza ser generosa com os goianos, forçando-lhes caça abundante, o tradicional palmito amargo, a guariroba, presente às mesas e responsável pela sobrevivência de agrupamentos isolados no interior.

Tanto o angu de milho como o toucinho, fazem parte da alimentação dos habitantes de Goiás, mas a eles foram acrescentados outros pratos. Em Goiás, destacam-se muitos pratos culinários, e aqueles considerados típicos são motivos de orgulho do povo goiano e de surpresa e prazer para os seus visitantes, tais como: bolo de arroz, empadão goiano, arroz com pequi, bem como os biscoitos, pão de queijo, pamonha, a galinhada e, entre outros, o peixe na telha.

Pode-se dizer que o empadão goiano é o resultado da criatividade das empadeiras que, para agradar com um único prato ao paladar do “freguês”, desenvolveram esta espécie de iguaria.

Nas palavras de Rodrigues (1982 apud PÉCLAT, 2002, p. 44), “a vilaboense tem prazer em preparar suas comidas; ela cozinha com amor.” O recheio deste empadão consta: pedaços de pão, queijo fresquinho, batata, carne de porco frita, de vaca, pedaço de frango, lingüiça, azeitona inteira, guariroba e muito molho de tomate acebolado.”

Barani Ortêncio ([s.d.], p.53) chama a atenção sobre a qualidade dos doces feitos em Goiás. Para ele, “em doce, têm as goianas primazias sobre as suas patrícias dos outros estados. Destaca, como exemplo, as célebres marmeladas de Bonfim [hoje Silvânia] e Santa Luzia [hoje cidade de Luziânia] as goiabadas de Goiás, os doces secos, os pudins que as donas-de-casa sabem preparar”. Cita, ainda, o melado, muito comum na época da moagem da cana-de-açúcar, servido com sobremesas, com mandioca cozida, com farinha de mandioca, com farinha de milho, com queijo etc.

Péclat (2002) escreve sobre a cozinha materna, que expressa uma categoria simbólica significativa, como um elemento agregador de valores atribuídos à boa cozinha e à boa mãe.

À cozinha é investida a responsabilidade de resgatar a identidade local. Portanto ela aparece como elemento agregador.

1.2.3 A Casa Goiana

É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’. [...] A casa é o nosso

canto do mundo. Ela é [...] nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos [...]. (BACHELARD, 1993, p. 24).

No caso específico da casa brasileira, a raiz de sua formação está na “convivência” e no legado de três culturas distintas: a indígena, a negra e a portuguesa, quando da colonização da Terra de Santa Cruz. A contribuição de cada uma delas na constituição do espaço da casa colonial pode ser apreendida com maior ou menor nitidez conforme o ponto de vista adotado, mas, indiscutivelmente, as forças participativas foram distintas. Segundo Vaz e Zarate (2003, p. 18),

os hábitos, os costumes, o modo de vida e as concepções artísticas foram modificados, em decorrência da dinâmica da sociedade acabam por alterar também as maneiras de utilização e de apropriação do espaço arquitetônico – novas características espaciais são geradas a partir de novas solicitações ou exigências.

Castelnau nos deixa importante informação sobre as casas de Meia Ponte, e faz referência especial ao Comendador Joaquim Alves de Oliveira, o homem de maior influência na cidade e que recebeu a sua expedição com a maior hospitalidade. “Entrando na casa deste excelente homem, acreditar-se-ia estar nos arredores de uma das capitais européias. A casa, como quase todas na região, tinha apenas um andar; mas era muito espaçosa e mobiliada com o gosto de qualquer das melhores habitações do Rio de Janeiro.” (apud DOLES; NUNES, 1992, p. 109). As autoras ainda acrescentam, “Quando se entra nas casas, as mulheres são escondidas pelos maridos; só podem ser vistas nas procissões, vestidas com xale preto e lenço branco na cabeça que passa sob o queixo, de modo a deixar visíveis apenas os olhos, o nariz e a boca.” (DOLES; NUNES, loc. cit.).

A evolução da casa goiana obedeceu ao processo de transformação que o espaço de morar apresentou a partir da colonização. O curto período de abundância do ouro, o acanhado desempenho da pecuária e da agricultura não permitiram que os núcleos urbanos atingissem os níveis de consolidação econômica e socioespacial e os investimentos construtivos verificados nas regiões mais prósperas do Brasil.

As residências urbanas de grandes dimensões – muitos cômodos e muitas janelas, com telhados altos de dois a quatro planos só se destacavam nos arraiais, vilas e depois cidades de maior desenvolvimento econômico, como Goiás, Pirenópolis, Silvânia, Corumbá de Goiás, entre outras. Eram casas confortáveis, com enormes quintais, mas com esquema de agenciamento espacial muito simples e com singelo acabamento: piso de tábua corrida ou tijoleira, forro de

madeira ou de tecido, paredes revestidas e pintadas à base de cal, janelas e portas com folhas de escuro (madeira), sem nenhum requinte arquitetônico. O que se confirma com o registro fotográfico nº1.

Foto 1: Pousada de Dona Geni: Forro de madeira e paredes revestidas e pintadas à base de cal – Pirenópolis.



Autora: Naiara Denicoló - 2006

As casas térreas de tipologia colonial, em Goiás, foram reproduzidas no século XVIII e XIX. Sutis alterações de natureza decorativa, passaram a aparecer no fim do século XIX. A repetição tipológica em todo o território goiano se deu pelo aprendizado da prática da construção, a ausência quase absoluta de inovações essenciais na composição da forma construída e sua permanência através do tempo (quase dois séculos) são indicadores do que se denomina casa tradicional goiana.

Segundo Vaz (2003), o partido referencial predominante tem no quadrado e no retângulo as formas preferenciais, mas nunca regulares, para o agenciamento espacial do corpo da casa urbana. As escadas externas, no passeio público e nos quintais, eram agenciadas para dar acesso ao edifício. No interior, poucos degraus junto à soleira entre o corredor e a varanda permitiam a articulação, quando o desnível persistia. O número de divisões internas alterava-se conforme a disponibilidade de recursos do proprietário e a engenhosidade do construtor. A geometria

unitária se altera, chegando a planta ao formato aproximado de L, conforme o agenciamento das áreas vinculadas ao trabalho, localizadas nos chamados puxados, estes puxados podem se prolongar, tomando proporções que acabam gerando pátios internos.

Na composição das fachadas, os vãos exercem papel fundamental, porque são eles que conferem ritmos e contrastes, definidos pela relação claro-escuro, cheio-vazio e pelos acabamentos mais primorosos. A madeira é o material empregado em todos os componentes até a introdução das molduras em argamassa. Os materiais básicos utilizados se resumem ao barro (adobe, taipa de pilão e pau-a-pique), à argila (telhas, capa e bica, ladrilhos cerâmicos) à pedra e à madeira (peças estruturais, elementos de acabamento), à argamassa e à cal (nas molduras e pinturas das paredes). Esses materiais são usados indiscriminadamente tanto nas edificações mais modestas quanto naquelas que possuem portes mais avantajados ou preocupações plásticas mais evidentes. Tais características podem ser visualizadas na foto 2.

Foto 2: Fachada da Pousada Matutina Meiapontense



Autora: Naiara Denicoló - 2006

Nos núcleos goianos, a casa é a unidade morfológica geradora do traçado urbano, e importante elemento da paisagem urbana. As relações formais que as unidades estabelecem entre

si (geminadas ou isoladas) e com o sítio geográfico (topografia e curso d'água) conferem atributos configurativos e, às vezes, identidade ao local.

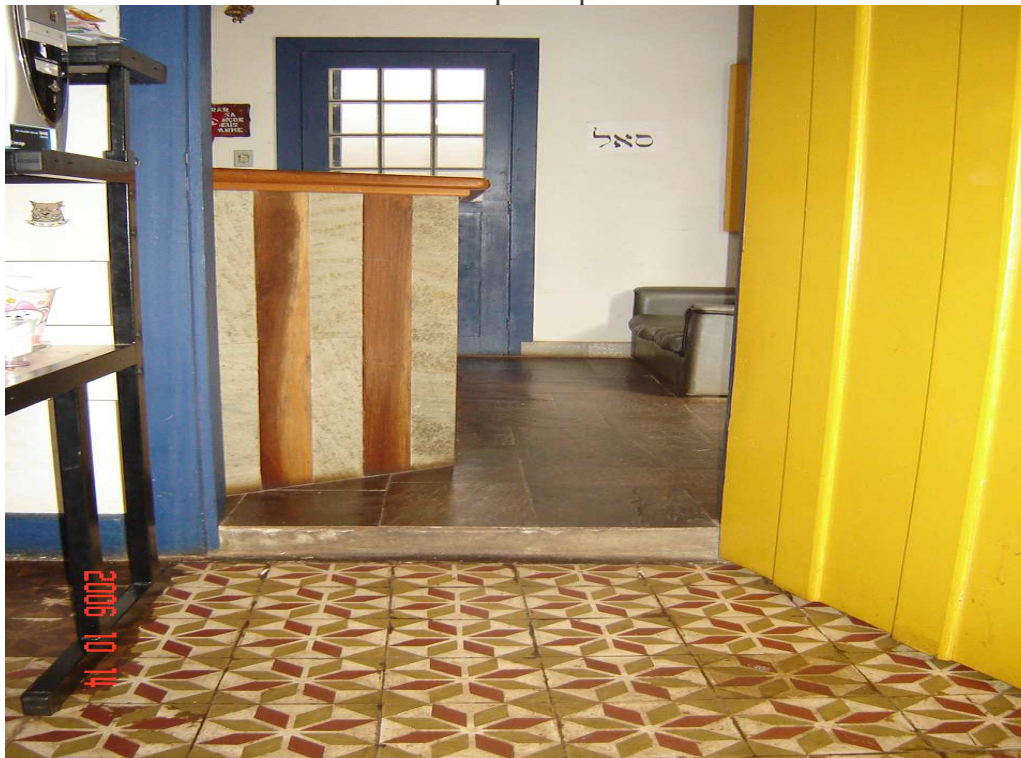
Da mesma forma que a casa brasileira, a casa goiana apresenta soluções rústicas para o piso, adotando a terra batida e outras alternativas de maior cuidado como o tabuado corrido, o ladrilho de barro e o ladrilho hidráulico (já no século XX). Como pode ser observado nas fotos 3 e 4, o piso das pousadas pesquisadas em Pirenópolis.

Foto 3: Tabuado corrido da Pousada Matutina Meiapontense.



Autora: Naiara Denicoló – 2006.

Foto 4: Pousada da Dona Geni- Destaque do piso em ladrilho.



Autora: Naiara Denicoló – 2006.

Em Pirenópolis, inúmeras são as residências em estilo colonial dos séculos passados, no entanto algumas se encontram descuidadas, o descuido é causado pelo desleixo ou pela falta de recursos financeiros de seus moradores para recuperá-las e conservá-las. Outras, em nome do falso modernismo, ou mesmo do mau gosto de alguns, estão sendo reformadas, perdendo o calmo e gracioso estilo colonial. Ainda conserva-se de pé a antiga casa do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, prédio onde funcionou a imprensa do primeiro jornal do Estado, e também o primeiro colégio secundário da cidade, graças ao espírito conservador de seus proprietários. Atualmente, foi em parte restaurada e funciona como museu histórico. Segue a foto da Casa que pertenceu ao Comendador Joaquim Alves, mostrando como está atualmente.

Foto 5: Casa que pertenceu ao Comandante Joaquim Alves. Atualmente é sede do Museu Histórico da Família Pompeu de Pina.



Fonte: Glória Curado. Pirenópolis: uma cidade para o turismo – 1980.

1.2.4 O Mobiliário

O mobiliário torna-se um objeto-documento da história quando sua função estética está confrontada na esfera social em que está inserido como consumo.

O mobiliário segue as alterações relativas ao gosto, ao estilo e à moda. A arte invadiu a vida material dos homens, mostrando, de maneira específica, uma autonomia criadora, rompendo dependências relacionadas às artes maiores. Dentro de uma corrente de associações, o significado das coisas será reforçado perante sua relação com um todo: valores simbólicos do imaginário, configuração ritualística dos usos e dos gestos, peso de uma relação com o modo material, confronto do real com suas normas etc. Diante disso, o antropólogo não verá nos objetos somente sinais e nem na arte apenas uma linguagem – será também sua função liberar, entre a arte e o uso, uma informação representada capaz de servir de modelo e de referência para uma dada época.

Para a burguesia francesa da *Belle Époque*, o “muro da vida privada” separa claramente dois domínios: o privado e o público. No que se refere à moradia, o apartamento ou a casa

burguesa caracterizavam-se por uma nítida diferença entre as salas para as visitas e os demais aposentos. De um lado, estava o que a família mostrava de si e que podia vir a ser público e, de outro, o que ela conservava ao abrigo dos olhares indiscretos. O lugar da família propriamente dita não era o salão, e as salas de visitas não eram abertas a todos. Seriam as salas de recepção a estabelecer um espaço de transição entre a vida privada propriamente dita e a existência pública. O que estava fora dessa vida privada, e que se pode dizer público, é regido por outras normas. Assim, a história da vida privada é, antes de mais nada, a história do espaço em que ela se inscreve. Desse ponto de vista, o século XX torna-se o século da conquista do espaço doméstico para a plena realização da vida privada.

Um móvel isolado não é capaz de criar e nem de revelar o todo. O que interessa à antropologia cultural é o sentido que ultrapassa o próprio móvel; está na sua disposição no ambiente, na atmosfera criada pela forma de viver, de comer, de dormir – enfim, está na edificação de que ele faz parte, ou seja, os ambientes modificam-se, e a mobília muda porque os indivíduos assim o querem.

Sobre o mobiliário de Goiás no período colonial, as informações são escassas e imprecisas. Os viajantes estrangeiros que passaram por Goiás nas décadas iniciais do século XIX nos deixaram algumas descrições. Saint-Hilaire (1975) traça um rico e detalhado quadro do arraial de Santa Luzia sobre o interior das casas e nos fala que são simples, com um mobiliário rústico, com bancos de madeira e tamboretos forrados de couro e acrescenta que “em Vila Boa as casas são razoavelmente bem mobiliadas e imaculadamente limpas.” (op. cit., p.50). Sobre a casa do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, o autor diz que ele morava numa casa muito bonita e que o recebeu numa sala bem mobiliada, imaculadamente limpa e complementa que havia quadros nas paredes, que eram pintadas até certa altura, depois caiadas até o teto, um espelho pequeno, algumas mesas e um grupo de cadeiras dispostas caprichosamente compunham o mobiliário da sala⁵. Embora não exista uma pesquisa científica sobre o mobiliário da casa goiana colonial, é possível perceber, a partir de móveis atuais e bem conservados, o estilo e as características básicas.

⁵ Cf., também, no site www.pirenopolis.tur.br.

A madeira e o couro são matérias-primas básicas, marcadas por um estilo pesado e resistente. Verificou-se, na Pousada Dona Geni em Pirenópolis, uma mesa marcada pelo estilo colonial, conforme demonstra a foto 6.

Foto 6: Pousada Dona Geni : mesa em madeira



Autora: Naiara Denicoló – 2006

1.2.5 O Artesanato

Os recursos naturais de Goiás, associados ao estilo de vida dos goianos, têm favorecido o desenvolvimento dos trabalhos manuais. Não sendo Goiás considerado um Estado industrializado, a perspectiva do trabalho artesanal cresce e passa a ter um significativo valor econômico. Segundo os elementos constituídos da obra artesanal, isto é, dos materiais empregados, o artesanato pode ser muito variado: da tecelagem, da cerâmica ou argila, do couro, do trançado em fibra, da madeira, do metal, dos retalhos de tecido etc., que também podem ser combinados entre si num mesmo trabalho ou peça. A tecelagem artesanal era de suma

importância no passado, em Goiás, até 1930, pois pesava fortemente na balança da economia regional.

Mirandola (apud BUENO, 2005, p. 38) afirma que “durante muito tempo a tecelagem, para a tecelã goiana, foi uma atividade vital, de subsistência. Os panos ou cortes de tecido se destinavam principalmente à confecção de peças do vestuário feminino e masculino; à confecção de peças utilitárias destinadas à cama, à mesa, entre outras utilidades”. Pelo ofício da tecelagem artesanal, a tecedeira participava de uma economia fechada, em que suas atividades artesanais se intercalavam com seus afazeres domésticos, procurando garantir a subsistência de seu grupo familiar.

1.2.5.1 O artesanato de Pirenópolis e de Goiânia: a preservação da cultura tradicional, novas formas e estilos.

Pirenópolis se destaca como uma das principais cidades históricas do Estado de Goiás, devido às suas características distintivas. Além do patrimônio arquitetônico, em estilo colonial preservado, casarios seculares e igrejas da cidade, pode-se afirmar que o artesanato é bastante expressivo e diversificado, contribui para aumentar a renda dos moradores de Pirenópolis e a satisfação do turista, nele, encontra-se uma diversidade grande, tais como: jóias de prata; móveis e roupas artesanais; teares; licores; máscaras de papel *maché*; colchas de retalho; *souvenirs*; doces em caldas, cristalizados; objetos de madeira, em pedra sabão, em quartzito e em palha, ambos produzidos por artesãos nativos e não nativos. Há uma diversidade de objetos, como: miniaturas de cavaleiros em gesso, em barro, bonecas de pano, flores em papel crepom e roda de fiar, todos feitos por artesãos nativos (Inventário e Diagnóstico Turístico do Município de Pirenópolis – GO, 2001) como pode ser observado nas imagens fotográficas a seguir:

Foto 7: Artesanato em Tear



Fonte: www.pirenopolis.com.br/artesanato - 2006.

Foto 8: Representação dos Mascarados



Fonte: www.pirenopolis.tur.br - 2006.

Foto 9: Jóias em Prata



Fonte: www.prienopolis.com.br/artesanato -2006

Foto10: Máscaras em papel maché



Fonte: www.pirenopolis.com.br/artesanato - 2006.

Para realizarmos uma leitura da oferta do artesanato de Goiânia, voltamos o olhar a uma das características da época da inauguração, na década de 30, é o estilo *art déco*, ainda presente nos edifícios da cidade, principalmente nos museus, no teatro e na sede do governo. Da circular Praça Cívica, centro da capital, saem as principais avenidas, onde estão os prédios mais importantes da cidade, como o palácio das Esmeraldas, sede do governo estadual, desde 1937 é exemplo de construção *art déco*. Ainda na praça, fundado em 1946, fica o museu Zoroastro Artiaga, que guarda a história e a cultura goiana e também tem características do estilo *art déco*.

Uma característica peculiar de Goiânia são as feiras livres realizadas nas praças. Destaca-se a feira hippie que é a maior e funciona há 30 anos, com aproximadamente 6.000 expositores de artesanato, confecções e alimentos, a feira acontece na Praça do Trabalhador, aos domingos, das 7h às 13h. Na feira da Lua, que funciona na Praça Tamandaré, aos sábados, a partir das 16h, há produtos místicos. As alas de vestuário e alimentação, com comidas típicas, também são bastante procuradas. A feira do Sol funciona aos domingos, a partir das 16h, na Praça do Sol, vende bijuteria, antiguidade, colcha de tear e quadros de artistas, como pode ser observado a seguir.

Foto 11: Artesanato sendo comercializado na feira do Sol de Goiânia.



Autora: Naiara Denicoló – 2006.

Foto12: Quadros pintados por artistas goianos, comercializados na Feira do Sol em Goiânia



Autora: Naiara Denicoló -2006

O Bosque dos Buritis, mais antigo patrimônio paisagístico de Goiânia, tem pista de *cooper*, três lagos artificiais e cerca de 125 mil metros quadrados de área, onde fica o monumento à Paz, feito com grãos de terra vindos de vários países e uma fonte, cujos jatos de água atingem 60 m de altura.

Outro Patrimônio histórico de Goiânia, o Grande Hotel abriga atualmente o Centro de Memória e Referência, com biblioteca e arquivo de documentos históricos importantes. Como ponto de encontro das casas de cultura, torna-se também referência viva do consciente coletivo através da arte e da sensibilidade produzidas pelas diversas comunidades atendidas na Capital. Esse espaço será utilizado também para ensaios, realização de oficinas, *happy hour* e sala de leitura.

Realizada na primeira sexta-feira de cada mês, a Feira FazArte, promovida pela Secretaria Municipal de Governo (SEGOV), apresenta o trabalho de 23 artesãos que vão vender seus produtos em bancas instaladas no saguão do Paço Municipal. Como pode ser observado no registro fotográfico da próxima página (foto 13).

Foto 13: Exposição no Paço Municipal da Feira Faz Arte / Goiânia.



Fonte: www.goiania.go.gov.br - 2006.
Autor: Dias Neto

Nas opções de vendas estão abajur, luminárias, bolsas, decoração em madeira, cabides, arranjos florais, doces caseiros, tortas, caixas de presente, bijuterias, tapetes, quadros e outros a preços populares. Iniciada em setembro de 2005, a feira visa divulgar o artesanato de Goiânia e dar oportunidade aos artesãos de comercializarem seus produtos. O projeto idealizado por Mirta Faria de Andrade, artesã e escritora, expõe trabalhos de 40 artesãos, entre os quais os de José Cambota, pedreiro que descobriu a sutileza das madeiras corroídas pelo tempo para fazer suas esculturas. Na loja, é possível encontrar uma variedade de produtos que abordam temas do cerrado, em cerâmica, palha de bananeira, jornais, pinturas de cabaças, pedra-sabão, mosaico, vitral, esculturas em madeira e outros como bonecas negras, aves do cerrado e caixa de trecos.

São trabalhos que, segundo o secretário Kleber Adorno, expressam a alma cultural do goianiense. “Na simplicidade ou na complexidade é dever, enquanto homens públicos, administrarmos de forma responsável e comprometida as nossas expressões culturais”, afirmou, acrescentando que a Secretaria de Cultura continuará seu trabalho de fomentar a criação e produção de todas as formas de expressão cultural⁶.

⁶ Cf. o site: www.goiania.go.gov.br.

Foto 14: Registro fotográfico da Feira FazArte da Secretaria Municipal de Goiânia (SEGOV).



Fonte: www.goiania.go.gov.br - de 2006.
Autor: Dias Neto

O ressurgimento ou retorno do artesanato, por parte das pessoas dos grandes centros urbanos, vêm como um saudosismo, uma tentativa de retorno às origens, ao rústico. Já à cidade histórica de Pirenópolis utiliza-se do artesanato como fonte de recurso adicional e como atrativo para o turista. Nesse sentido, vale ressaltar a importância do artesanato nas cidades turísticas.

1.3 A mulher goiana

Saint-Hilaire (1975, p. 54) refere-se à mulher goiana “dos olhos negros e brilhantes das mulheres de Goiás que traem as paixões que as dominam, mas seus traços não têm nenhuma delicadeza, seus gestos são desgraciosos e sua voz não tem doçura”.

Tomadas dessa forma, as mulheres são a própria materialização do deslocamento em que vive a população goiana. O ponto de vista revela a encruzilhada que faz emergir a face feminina

diante do ideal do viajante, a estranheza que o outro, o bárbaro, desperta no civilizado e, ao mesmo tempo, o distanciamento da imagem de mulher que o universo mental e intelectual da sociedade à qual pertence o viajante lhe impõe. Essa diferença se apresenta carregada de uma valoração negativa.

Ao investigarmos as formas pelas quais no discurso as noções de pobreza e isolamento dimensionam as relações sociais de gênero e as moldam, procura-se perceber até que ponto a ambigüidade das representações se associa à necessidade de aprisionar o feminino ao ideal masculino, vinculando-o às noções culturais de controle. Se o controle é necessário e adequado às formas e aos sistemas públicos e privados de vigiar e punir transgressores, a lascividade da mulher goiana, sua rudeza, a prostituição, a sedução, e a sua femealidade associam-se a necessidades de regular de tal forma que comportamentos “incorretos” apareçam como mecanismo que dissimulam as diferenças sociais e demarquem as sociedades e, assim, a atitude dos indivíduos.

O controle sobre a mulher se apresenta de forma sutil nos dispositivos que interditam o seu contato com o mundo exterior. O mundo da mulher é um mundo interior. São valores positivos que expressam a criação de sua imagem: a maternidade, a docilidade, a fragilidade, o sentimento e o silêncio diante do sofrimento. Essa interiorização do mundo da mulher também dificulta o seu acesso ao mundo do trabalho, delimitando no espaço privado o exercício de sua ocupação.

Este é o sentido descrito por Saint-Hilaire sobre o papel reservado às mulheres em Goiás: “reduzidas praticamente ao papel de fêmeas para os homens” (apud PALACÍN, 1995, p. 190). O autor apontou o isolamento social das mulheres, “tão intenso que a elas somente era permitido sair à noite, em grupos, protegidas pela escuridão e, apesar do calor, envoltas em amplas capas de lã, cobrindo a cabeça com um lenço ou chapéu de feltro.” (apud PALACÍN, 1995, loc. cit.) eram submissas aos homens, sem instrução e não possuíam requintes nos modos de vestir e comportar-se, “são inibidas e estúpidas”. O viajante também faz o julgamento moral das mulheres de Goiás, dizendo que são “mulheres sem princípios. (...) a maioria saía à procura de aventuras amorosas” (apud PALACÍN, 1995, p. 191). A sociedade da época exigia das mulheres casadas comportamentos rígidos, com moral impecável; era-lhes inteiramente vedado, por exemplo, o contato com homens desconhecidos, mesmo se as circunstâncias assim o requisessem.

Nas relações culturais, a mulher se apresenta, então, não só como a metade necessária, mas como a metade perigosa que precisa ser vigiada e regulada. O tema da ambivalência quando incorporado às análises das representações sobre os gêneros, exprime esses dois aspectos indissociáveis. Isso ocorre não só porque a subordinação traz em si o risco da insubordinação, mas também porque a mulher apresenta-se como o outro próximo, nela se manifestam mais facilmente as diferenças e os elementos que põem em risco a homogeneidade da cultura ocidental. Não é por acaso que, geralmente, a mulher goiana está à margem, ou acantonada num universo social limitado e com fronteiras vigiadas; acha-se simbolicamente associada do lado de fora da cultura. Os lugares em que a mulher está situada, por assim dizer, são marcados pela diferença e descontinuidade. A mulher tem sido sempre situada num mundo de papéis, expectativas e fantasias sociais; sua identidade é constituída a partir do vínculo com a família. Os sujeitos femininos desaparecem por trás de sua imagem social.

No entanto, percebe-se que as virtudes femininas das mulheres goianas também foram ressaltadas. Os cuidados com a casa eram destacados pelo papel feminino por excelência, consistia no destino natural da mulher, transformado na razão de sua existência. Ser mulher significava ser boa esposa, humilde, obediente e devota, virtudes femininas, que aparecem nos cuidados com a casa e com a família: “de um modo geral essa é uma das qualidades que distinguem os brasileiros. Por mais pobres que sejam, suas casas quase nunca são sujas, e se eles possuem apenas duas camisas, a que trazem no corpo é sempre limpa” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36). Nesse contexto, a vida doméstica constitui o cotidiano da vida das mulheres em Goiás. Grande parte do seu trabalho era realizada dentro de casa com os cuidados que esta dispensa. Para Saint-Hilaire (loc. cit.), “reinavam ali uma limpeza e uma ordem que eu nunca vira em nenhuma outra parte”.

Os viajantes estrangeiros ressaltam ainda o caráter hospitaleiro do povo goiano, apresentado como traço positivo da cultura, apesar de os comportamentos e as atividades, bem como o uso do espaço doméstico estarem muito distantes do europeu.

A passagem da Monarquia para a República foi marcada por transformações no estilo de vida e pelo surgimento de uma nova mentalidade que regulava as vivências familiares. O papel da mulher passou a ser valorizado, à medida que valorizava-se também a intimidade e a maternidade.

Ser dona de casa era a qualidade intrínseca da alma feminina. A mulher deveria preservar o ideal de pureza e de submissão, cabia-lhe gerenciar eficientemente o lar e ainda representar, para a sociedade, o papel de companheira adequada. A esposa virtuosa foi aclamada e cercada por comandos morais. Deveria ser complacente, bondosa, dedicada e paciente.

À essa herança que a mulher recebeu do século XIX juntaram-se, no início do século XX, os desvelos pedagógicos para com os filhos, entrando em cena a mãe educadora. A imprensa, principalmente a feminina, realçava a importância e o sentido da educação. Afirmavam-se os propósitos positivistas e à mulher impunha-se uma missão: a de moldar o pensamento, o comportamento e, principalmente, o caráter dos filhos, futuros cidadãos.

Os jogos de imagens apresentados demonstram uma preocupação com os papéis sociais femininos, em que uma boa mulher é aquela cujos tributos lhes são naturais: esposa e mãe. No entanto, nesse momento, notamos uma certa valorização da beleza feminina, muito embora esta seja alvo dos maiores perigos e tentações. Coloca-se a jovem esposa, casta e fiel, como modelo necessário à felicidade do lar.

A pureza da mulher jovem é ressaltada à medida que a imagem da mulher mais velha é maculada. Essa valorização traduz todo um esforço no sentido de transformar a castidade em ideal feminino, dissimulando a sua condição de assexuada. A mulher mais velha, já maculada pelo pecado original, encontra na maternidade, e principalmente na educação dos filhos, a razão de sua vida. Essa visão reforça a construção da imagem da mulher como anjo tutelar do lar. No entanto, esse papel atribuído a ela passa, também, pela sua formação como mestra dos filhos. Ser esposa, educadora e dona de casa são funções que se entrelaçam e dão sentido à condição feminina.

Ribeiro (2001) afirma que à medida que a mulher foi se tornando peça fundamental na engrenagem da sociedade republicana, os comportamentos descritos reforçam a idéia de emancipação. Participar de clubes culturais e literários tornou-se tão importante e complementar, quanto a sua função de esposa e mãe. Fazer parte desse círculo cultural passou a ser sinônimo de “brilhar” na sociedade. A mulher foi, dessa forma, localizada num mundo de papéis, expectativas e fantasias sociais. Sua identidade, em Goiás, construiu-se a partir do vínculo com a família, como de irmã de alguém, mãe de alguém ou esposa de alguém.

1.4 Pirenópolis: aspectos históricos e culturais

De acordo com a pesquisa etnográfica realizada por Fernanda Craveiro, as cidades históricas atendem pelo menos duas expectativas, sendo que a primeira corresponde ao registro da memória coletiva e à valorização do legado cultural para que as pessoas, dessa forma, possam encontrar a sua identidade, a fim de reconhecerem e apreciarem o passado, perceberem e interpretar o presente e projetarem e arquitetarem o futuro. A segunda expectativa se refere ao desenvolvimento da atividade turística, que faz uso da paisagem como porção perceptível, palpável, afetiva e audível do espaço, e expressão de um bem precioso para disseminar a oferta turística. A paisagem, além de se formar como elemento indispensável ao turismo, este cria, e vice-versa, em uma relação dialética que ao mesmo tempo se torna uma ameaça, podendo degradá-la ou trazer-lhe prejuízos irreversíveis. “Uma cidade antiga guarda um acervo de fatos nos quais sucessivas gerações de cidadãos podem se inspirar e recriar sua imagem de lugar” (TUAN, 1980, p. 193).

Histórica e culturalmente, as origens de Pirenópolis remontam ao período colonial. Nessa época, a região era povoada pelos índios Caiapós do tronco lingüístico macrojê, os seminômades, coletores, que sobreviviam da caça, coleta de frutos silvestres e pequenos plantios de mandioca. Posteriormente, a cidade foi colonizada pelos portugueses.

Craveiro (2006) escreve sobre a chegada do Anhangüera Filho, em 1726, passou a residir em Vila Boa (Cidade de Goiás) e escolheu Urbano de Couto Menezes, o descobridor das Minas de Meia Ponte, para acompanhar os portugueses até elas. No entanto, o reconhecimento da descoberta das Minas não foi dado a Couto Menezes, mas a Manuel Rodrigues Tomás. Embora não existam documentos que comprovem oficialmente esse acontecimento, as informações apontam que o Arraial foi fundado em 07 de outubro de 1727, dia de Nossa Senhora do Rosário. Em consequência disso, passou a se chamar Minas de Nossa Senhora do Rosário, pois, habitualmente, os colonizadores portugueses batizavam os novos arraiais com o nome do santo do dia ou à predileção do colonizador.

A mesma autora fala de uma enchente que derrubou parte da meia ponte do Rio das Almas, o Arraial passou a ser conhecido, mais tarde, como Minas de Nossa Senhora do Rosário

de Meia Ponte. Nesse período, a principal atividade econômica do Arraial foi o garimpo de aluvião, também às margens do Rio das Almas, cujos habitantes eram os índios caiapós e os escravos negros que constituíam a principal mão-de-obra de exploração do ouro para os colonizadores portugueses. Como pode ser observado no registro fotográfico nº16.

Do período do ciclo do ouro, e colhendo-o abundantemente nas águas do Rio das Almas sob a forma de ouro de aluvião, o arraial progrediu rapidamente, tornando-se o mais desenvolvido desta então província de Goiás, muito embora grande parte da riqueza ali colhida fosse enviada para sustentar o luxo da corte portuguesa, que via o Brasil apenas como mais um dos seus celeiros, sem se importar com o seu desenvolvimento. (CURADO, 1980, p. 89)

Foto 15: A 1ª Ponte do Rio das Almas



Fonte: www.pirenopolis.tur.br - 2006.

Foto 16: A 1ª Igreja construída no estado de Goiás - Matriz Nossa Senhora do Rosário



Fonte: www.pirenopolis.com.br/historia - 2006.

No final do século XVIII, o manancial do ouro de aluvião esgotava-se e Meia Ponte, por meio das atividades agropastoris que já vinham se desenvolvendo, pôde se sustentar (CARVALHO, 2001).

Em 1728, têm início as obras de um dos mais significativos patrimônios culturais de Pirenópolis, a igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, até então, primeira e maior igreja do Estado de Goiás. Foi construída com taipa de pilão (barro socado), adobe (tijolo cozido ao sol), alicerces e portais em cantarias (pedras), armações de aroeira e telhas de barro (feitas, tendo como moldes as próprias coxas dos escravos), estrategicamente arquitetada, de maneira que os raios do sol abrilhantassem a sua fachada a qualquer momento do dia. A partir de 1732, começaram a ser celebradas nessa igreja, missas, batizados, casamentos e enterros somente para a população branca. (Idem, 2001).

Dentre outros fatos ocorridos nesse período, salienta-se, pelo caráter religioso do arraial, o desabamento, em 1838, do telhado da Matriz sobre a arcada do altar-mor. Após um século dessa fatalidade, precisamente em 1941, ela foi tombada como patrimônio histórico. Em 2002, um incêndio consumiu totalmente a Igreja Matriz, restando apenas as paredes; passou por um

longo processo de restauração. Em 30 de Março de 2006, foi reinaugurada, está aberta ao público para a visitação e, ainda hoje, é um dos principais atrativos histórico-culturais e turísticos da cidade.

Foto 17 : Matriz Nossa Senhora do Rosário – Pirenópolis / 2006.



Fonte: www.cidadeshistoricas.art.br/pirenopolis

Os anos 80 se caracterizam pelo asfalto da GO-431, hoje BR- 153, atraindo um maior número de turistas, e somando-se também o tombamento do Centro Histórico de Pirenópolis pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN e a chegada dos *hippes* na cidade. Além do processo de tombamento que teve duração de cinco anos e foi concluído em 22 de novembro de 1989. “O conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico da cidade de Pirenópolis, por sua preservação e excepcional valor cultural, é monumento integrante do Patrimônio Cultural Brasileiro” (CARVALHO, op. cit., p.56).

A interpretação do patrimônio, em sua melhor versão, cumpre uma dupla função de valorização. De um lado, valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e apreciação do lugar visitado; de outro, valoriza o próprio patrimônio, incorporando-o como atração turística.

No capítulo dois será avaliada a importância do centro Histórico de Pirenópolis como atração turística, bem como as “Pousadas” consideradas depositárias simbólicas da cultura tradicional goiana.

1.5 A construção da nova capital: Goiânia sincretismo da tradição e modernidade

De acordo com Oliveira (2003, p. 17) “cidades são espaços e, como lugares da história, tornam-se legíveis enquanto materialidade – o artefato urbano, a arquitetura da cidade – e não materialidade, ou seja, a síntese dos valores que as constroem, sendo *locus* da memória coletiva”. Os espaços arquitetados no tempo testemunham o caráter histórico, por isso os espaços são produtos da cultura que exprime toda a complexidade que abarca a sua construção. “O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens” (DAMATTA, 1991, p. 34). O espaço estabelece uma relação com o tempo e com as significâncias que o envolvem.

Por ser uma cidade construída segundo os modernos padrões de urbanismo, Goiânia sempre foi considerada nos jornais, nos discursos dos políticos e mesmo nas falas do dia-a-dia como uma cidade moderna. Porém, quando se analisam os depoimentos das pessoas que viveram os primeiros anos da cidade ou quando se consideram as dificuldades acarretadas por uma infraestrutura urbana deficiente, nota-se uma descrição de Goiânia bem longe de uma cidade moderna e cosmopolita e bem próxima dos valores provincianos das pequenas cidades.

Um caso clássico disso foi a falta constante de energia elétrica. Em 1936, o abastecimento de energia elétrica era feito pela Usina do Jaó, no Rio Meia Ponte. Em 1945, uma enchente rompeu a barragem e a cidade ficou às escuras. Nesse período, o abastecimento era apenas interno, e com o uso de gerador, inexistindo a iluminação pública. A partir de 1955, o abastecimento energético se estabilizou um pouco. Em 1959, a energia veio em abundância com a inauguração da primeira etapa da Usina Cachoeira Dourada.

Nas cidades tradicionais, o lazer está ligado às atividades religiosas ou relacionado à natureza. Em Campinas, transformado em bairro de Goiânia, onde os padres redentoristas tinham uma grande atuação, a relação entre religiosidade e lazer era muito íntima. Assim, havia várias festas de caráter religioso, como a de Santo Antônio, Quadrilhas de São João e outras. Fora da

religião, os divertimentos mais freqüentes eram dirigidos principalmente para os homens, como as pescarias e os banhos nos rios e córregos da região (Rio Meia Ponte, Anicuns, Cascavel etc). Até os habitantes de Goiânia (a elite e os operários) assimilaram esses hábitos dos campinenses. Além disso, havia os bares, que durante o dia funcionavam como sorveteria e à noite eram redutos dos pessedistas (pedristas) e udenistas (antilodoviquistas). Os maiores concorrentes dos bares eram as casa de “tolerância” (os prostíbulos) em Campinas (as principais eram as da Maria Branca, da Virgulina, da Maria Bonita e da Etelvina), freqüentadas tanto pela elite política goianiense quanto pelos operários. Para a juventude, os banhos de piscinas no Lago das Rosas eram a diversão existente. Além do vai-e-vem, passeios em certas partes da cidade, aos domingos e após o término da primeira sessão de cinema.

Embora Goiânia apresentasse várias características de uma cidade tradicional, a partir de 1960, a cidade passou a apresentar características próprias de uma cidade moderna, caracterizando-se por um sincretismo cultural: preservação dos hábitos tradicionais goianos e inclusão de novos costumes introduzidos pelos imigrantes que ocuparam os espaços da nova capital. Goiânia teve a maior parte de suas ruas numeradas. O número como identificação das ruas refletia uma racionalização sem igual: a orientação pela seqüência, a possibilidade de adivinhação pelo raciocínio aritmético, a ausência de historicidade. Desse modo, as ruas numeradas eram símbolos da modernidade, embora muitas vezes, também fontes de confusão. Enfim, moderna, numerada, em que o nome das coisas (próximo ao) é a referência, ao invés dos números.

CAPÍTULO 2

REFERENCIAIS HISTÓRICOS DA HOSPEDAGEM

2.1 Breve histórico da hospedagem no Brasil e em Goiás

Esse capítulo apresenta um contexto histórico da interface entre a hospitalidade e a evolução dos meios de hospedagem, de forma interdisciplinar, por meio de abordagem de temas relacionados às modalidades do turismo da cidade histórica de Pirenópolis e da capital do estado. Inicialmente, o processo de modernização da sociedade brasileira iniciou-se com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808. A chegada da família real provocou algumas modificações no perfil das cidades brasileiras, até então subordinadas às atividades desenvolvidas no campo. A chegada da corte portuguesa no Brasil Colônia impôs regras, hábitos, costumes e valores estrangeiros. O moderno passou a ser identificado com as atitudes e os comportamentos trazidos pela corte, enquanto o tradicional relacionava-se à sociedade patriarcal brasileira. Belchior e Poyares, ressaltam que

a hospitalidade portuguesa, como virtude, deixou no Brasil suas marcas desde os tempos coloniais, manifestadas no acolhimento proporcionado pelos moradores aos viajantes que por ventura passassem pelas cidades ou suas residências. Todavia, as formas comerciais em que ela se expressou demoraram a consolidar-se. Para tanto, foi inegável o fluxo dos usos e costumes trazidos por imigrantes ingleses e franceses, depois da Abertura dos Portos e da expansão econômica que dela resultou. (1987 p 28-29).

As primeiras hospedarias foram construídas pelos religiosos nos colégios e mosteiros, tinham como objetivo oferecer maior conforto e abrigo para os viajantes das expedições portuguesas. Isso não quer dizer que esses estabelecimentos não recebessem também pessoas menos ilustres e até mesmo algumas por dever de caridade. Exemplos: Colégio de Jesus, em Salvador, e o Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro.

Nesse particular, Belchior e Poyares (apud CASTELLI, 2005, p. 124) acrescentam ainda que

o desenvolvimento da hospitalidade prestada por ordens religiosas em albergarias destinadas a peregrinos, pobres e doentes levantou duas sortes de problemas. Primeiro, como agasalhar pessoas de prol quando se deslocavam: fidalgos, altos funcionários, até mesmo o soberano; segundo, tornou-se evidente a impropriedade de reunir debaixo do mesmo teto pessoas sãs e doentes. Neste último caso, ocorreu a separação inevitável entre os “hospitais”, entendidos em seu aspecto nosocomial, e as “albergarias”, com funções de abrigo para pobres.

Observa-se que muitos outros estabelecimentos similares foram edificados em diversas localidades, com os mesmos propósitos. Além disso, no século XVIII, surgem as estalagens, ou casas de pasto, que ofereciam alojamento aos interessados, embriões de futuros hotéis. Estas ofereciam, inicialmente, refeições a preço fixo, mas seus proprietários ampliaram os negócios e passaram a oferecer quartos para dormir. É quando se inicia a característica da hospitalidade urbana no Brasil.

Outro marco na história do Brasil, foi a Casa-Grande, completada pela senzala. As casas-grandes, na contribuição de Freyre (2001, p. 38), “foram centros de coesão patriarcal e religiosa: os pontos de apoio para a organização nacional”, o autor acrescenta que “foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social.” (op. cit., p. 56.). A casa-grande foi também palco de um outro cenário, fundamental para uma melhor compreensão dos atuais conceitos de acolhimento e de hospitalidade no contexto brasileiro. Trata-se do papel desempenhado pela mulher. No Brasil, como tem acontecido em quase todos os povos, ao longo da história, a mulher, principalmente como mãe de família, foi quase sempre marginalizada das interações sociais públicas. No século XVI, a casa-grande, localizada na zona do plantio da cana-de-açúcar, era considerada a casa *chique*, a casa nobre. Freyre chama a atenção para a presença e o papel desempenhado pela mulher nesses casarões, dizendo que muitas mulheres portuguesas acompanharam os seus maridos, ao virem para o Brasil, “onde elas se instalaram, gordas e pesadonas, com os seus conhecimentos de coisas de cozinha e de higiene da casa” (op. cit., p. 127). O autor deduz que a mulher tem contribuído para maior dignidade moral e para o ordenamento físico da casa e da vida doméstica. Cabe ressaltar que essa senhora, embora tenha sabido organizar o lar, não se fazia presente quando da chegada de estranhos – era resguardada.

A hospitalidade familiar está profundamente arraigada na cultura brasileira contemporânea e também nos meios de hospedagem, tendo em vista serem organizações eminentemente familiares. Assim, muitas das características dessa hospitalidade familiar

permearam os estilos gerenciais da grande maioria dos futuros hotéis. Além disso, cabe ressaltar que muitos proprietários das casas-grandes implementaram o comércio e inclusive, a hotelaria, nas vilas e cidades emergentes, levando para os seus negócios muito do que se praticava no âmbito familiar. As mulheres dos donos de engenho e dos sobrados, de um lado, organizaram o espaço físico dos seus lares, dando melhores condições para acolher e hospedar o visitante, mas, de outro, foram excluídas de uma maior interação com ele, devido ao ‘reinado’ do patriarcalismo.

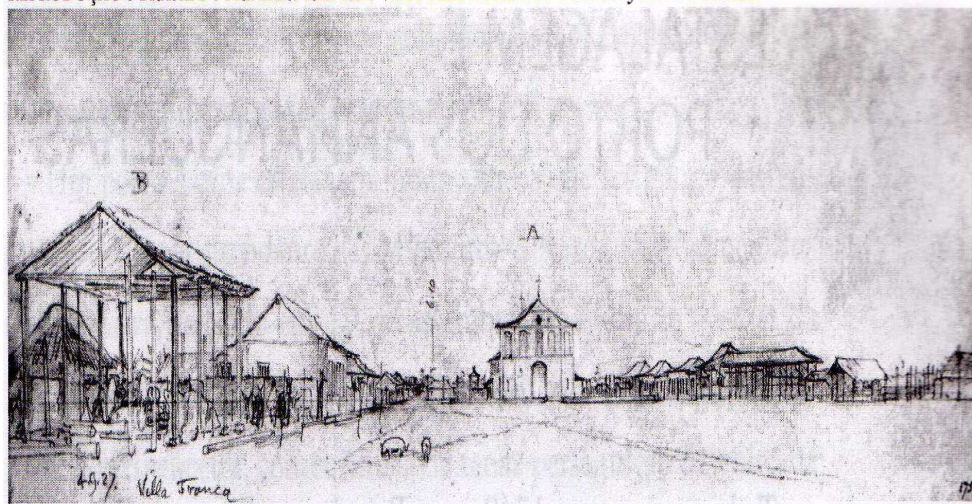
Além dos colégios, mosteiros e hospedarias, cabe ressaltar o papel desempenhado pelos *ranchos*, a partir do século XVIII, não só como abrigo para os viajantes, mas também como meio para o deslocamento das fronteiras econômicas e demográficas para o interior do país. Os ranchos, localizados ao longo das chamadas estradas reais, eram edificações rústicas que serviam para abrigar os viajantes, na maioria tropeiros e comerciantes, com seus animais e apetrechos. Aos ranchos e pousadas ao longo das estradas foram se agregando outras atividades comerciais e de prestação de serviços que deram origem a povoados e, oportunamente, à cidade. Nessa época, era comum as famílias receberem hóspedes em suas casas, havendo, em muitas, o quarto designado aos hóspedes. Os mais modestos, denominados *albergues portuguesas*, destinavam-se aos viajantes oriundos do interior do país e outros mais confortáveis e com serviços mais qualificados, denominados hotéis de inspiração francesa e inglesa, destinavam-se aos viajantes estrangeiros. Começa, assim, a nascer uma diferenciação entre os meios de hospedagem que, em épocas posteriores, se acentuou, chegando às atuais classificações hoteleiras.

Os pousos eram construções rústicas, cobertas por folhas e abertos de todos os lados. Seus ‘hóspedes’ ficavam expostos a toda intempérie climática, como vento, frio e chuvas laterais, sem contar com os riscos plausíveis de animais peçonhentos e selvagens. Como pode ser observado na foto 20.

Em 1819, o naturalista francês Sain-Hilaire (apud GALLI, 2005, p.16) percorreu esses pousos, em direção à capitania de Goiás, o único “conforto” encontrado, em toda a sua viagem até Vila Boa, foi o pouso dos Batatais, cujo rancho era cercado por grossos moirões. Podemos registrar a grande contribuição do estudioso europeu, o botânico Burchell (apud GALLI, op. cit.) que em 1826, 100 anos após o descerramento da placa de inauguração do caminho dos goyazes, produziu uma série de desenhos registrando vários desses pousos, casarões, ruas e igrejas, que constituem um importante legado à memória arquitetônica goiana.

Foto 18: Os pousos de Goiás, século XIX

REPRODUÇÃO O BRASIL DO PRIMEIRO REINADO VISTO PELO BOTÂNICO WILLIAN JOHN BURCHELL



Fonte: Galli, Ubirajara. A História da Hotelaria em Goiás - 2005.
Autor: Burchell

Lévi Strauss (1996, p.110) escreve sobre sua viagem de São Paulo ao Araguaia, narrando sobre o cair da noite e do ‘pouso’ “que surgia no breu crivado de estrelas tremeluzentes: das lâmpadas elétricas alimentadas por um motorzinho cuja pulsação era por vez perceptível muitas horas antes, mas confundia pelo ouvido com os ruídos noturno do mato.” O autor, relata que “a hospedaria oferecia suas camas de ferro ou suas redes, e desde a aurora percorriam a ‘rua direita’ da ‘cidade viajante’, com suas casas e seus bazares, e sua praça ocupada pelos ‘regatões’ e pelos ‘mascates’: comerciantes, médicos, dentistas e inclusive tabeliães itinerantes”.

Além das hospedarias, outro elemento que compunha tal quadro era o rancho. Esse podia ser construído por particulares, donos das terras onde passavam as tropas, mas também às expensas do tesouro real e, por isso, era chamado de “rancho real” (PIRES, 2001, p. 157). Este particular não tirava do proprietário da terra, onde a administração achou por bem arcar com todas as despesas da construção, o privilégio de explorá-lo de diferentes maneiras, como vendendo produtos e serviços aos tropeiros.

Uma outra forma pouco conhecida é algo que poderíamos chamar de “hospedagem casada” o viajante só recebia acomodação e alimento se utilizasse um outro tipo de serviço que poderia ser o emprego de um guia, escravos ou o aluguel de mulas. Esse tipo de hospedagem o dono da casa recusava-se a receber sob outras condições, não cobrava a hospedagem do viajante, mas somente o pasto e o milho dos animais. Neste caso o aposento destinado ao hóspede passava de muito ruim para péssimo. Saint-Hilaire (1976, p. 124) dá uma descrição preciosa, desta vez na capital paulista, em 29 de outubro de 1819, em um albergue do Bexiga (bairro da capital):

Tratava-se dos alojamentos destinados aos viajantes. Bexiga dava a estes permissão para levarem seus burros para seus pastos, mediante pagamento de um vintém por noite e por cabeça, e ao viajante não era cobrado nada. Quando não se paga, não se pode ser muito exigente. Entretanto não pude deixar de sentir um arrepio quando vi o cubículo úmido, infecto, de uma sujeira revoltante, sem forro, sem janela, e tão apertado que, embora nossas malas tivessem sido empilhadas umas sobre as outras, pouco espaço sobrava para nos mexermos.

As cartas de apresentação, recomendação ou portarias de autoridades ajudavam os viajantes a se hospedarem nas cidades, ao passo que no campo quase nunca essas credenciais eram requisitadas.

Curiosamente, há um exemplo de hospedaria que só recebia o forasteiro mediante carta de recomendação. Localizava-se na cidade de São Paulo e é o pastor Kidder que a descreve:

Tinha (o dono) como norma não receber quem não trouxesse carta de recomendação. Conhecedor dessa exigência, um cavalheiro de nossas relações forneceu-nos o necessário documento. Os naturalistas do nosso grupo não esperavam por tal formalidade e, por cúmulo da má sorte, o nosso hospedeiro havia tomado uma terrível quizila contra os seus patrícios, alegando que *les français m'ont toujours trompé*. Daí terem sido forçados, os nossos companheiros, a passarem a noite numa miserável casa de pasto onde chovia tanto como na rua e onde havia toda sorte de sujeira (apud PIRES, op. cit., p.135).

Quando de sua estada na cidade de São Paulo, Saint Hilaire apresentou ao capitão-geral uma carta de recomendação do governador de Goiás. Foi bem recebido e, a partir daí, praticamente se franqueou seu acesso à elite local. O coronel Francisco Alves o hospedou. Naquela mesma noite, a convite, visitou a casa do ouvidor, com quem tomou chá. Participou, também, de um banquete por ocasião da festa em homenagem à rainha Carlota Joaquina. Não faltaram convites para jantar com os mais graduados da cidade.

Também podemos referenciar relatos das nítidas distinções entre a excelência da hospitalidade espontânea e aquela oferecida mediante pagamento: as chamadas hospedarias. Esses visitantes, por viajarem nas mais diferentes condições, muitas vezes seguindo tropas de mulas, souberam registrar tal diferença. Embora não haja unanimidade quanto aos péssimos serviços prestados, pode-se dizer com segurança que a precariedade delas não era simplesmente fruto do mau humor desses escritores.

Da falta de hábito de lidar com pessoas finas e educadas, resultaram narrativas nada lisongeiras à figura do dono da hospedaria, uma vez que a grosseria e a petulância parecem ser a marca registrada desses improvisados hospedeiros.

Outro aspecto a que se refere com bastante frequência é a total improvisação para receber os hóspedes. No que concerne à comida, a pouquíssima variedade de alimentos e a inabilidade no seu preparo saltam à vista. Isso se devia a múltiplos fatores, dentre os quais a precariedade do abastecimento que, em si mesmo, já era deficiente nas cidades, e tornava-se crítico em regiões afastadas. O modo de vida largado e independente, distanciado das regras do mundo civilizado (embora possuindo regras próprias), fazia do dono da hospedaria um homem imprevidente e muito dado a improvisações assim que a necessidade o obrigava. Às “pocilgas” de beira de estrada Darwin se refere:

É raro que nelas se encontre soalho, e nunca há vidraças ou caixilhos; o teto ordinariamente está em bom estado. A fachada, deixa aberta, forma como varanda onde colocam bancos e mesas. Os quartos de dormir comunicam todos uns com os outros e o viajante dorme como pode, num girau de madeira, coberto de um colchão muito delgado. Nosso primeiro cuidado ao chegar é desembarçar os animais do freio e da sela e dar-lhes ração. Feito isso, aproximamo-nos do senhor e, saudando-o profundamente, pedimo-lhe o obséquo de dar-nos alguma coisa para comer. ‘Tudo que quiser senhor’ responde ordinariamente. Poderia dar-nos peixe? ‘Ó! Não senhor’- Carne seca? ‘Não senhor!’ Deveríamos dar-nos por muito felizes se, depois de ter esperado duas horas, conseguíamos obter galinha, arroz e farinha. Era preciso mesmo, às vezes, matar a pedradas galinhas que deveriam servir para o nosso jantar. E quando, absolutamente esgotados pela fome e pelo cansaço, nos atrevíamos a dizer timidamente que nos sentiríamos muito felizes se repasto estivesse pronto, o vendeiro nos respondia com arrogância: ‘O jantar estará pronto quando ficar pronto’. Se ousássemos queixar-nos ou mesmo insistir, nos teriam dito que éramos uns impertinentes e que era melhor continuarmos a viagem; a casa e a pessoa são na maioria das vezes horripelantemente sujas e na venda não há facas, colheres ou garfos, e estou convencido que seria difícil encontrar na Inglaterra uma casa, por mais pobre, tão desprovida das coisas mais necessárias à vida. (apud PIRES, 2001, p. 146)

Como resultado dessa improvisação, as hospedarias, por vezes, não tinham um funcionamento regular: fechavam quando simplesmente esgotava a comida; se, por algum

motivo, chegassem parentes do dono, os poucos leitos eram então requisitados e se algum viajante procurasse pouso nessas ocasiões, alguém saía à porta para dizer secamente que não havia lugar para ele.

Pode-se dizer, assim, que as hospedarias primavam pela improvisação, pelos péssimos serviços e, principalmente, pelos preços exagerados e a brutal diferença de preços entre elas. Não eram, todavia, disparidades que se calcavam apenas em critérios pessoais e subjetivos a respeito do valor dos serviços a serem oferecidos. Havia ainda outro vetor determinante para a cobrança de determinado preço: a posição do viajante, que o dono julgava bem avaliar, pelas feições, pelas vestes, pela categoria das mulas e da bagagem.

Tudo é arbitrário nestas estalagens da roça: os cômodos e o sustento, o serviço e o preço: tudo, enfim, dependia do capricho momentâneo do chefe da casa a cuja decisão era forçoso curvar-se, porque não havia direito, autoridade, nem lei que prevalecia ao seqüestro desta implacável justiça de aldeia (PIRES, 2001, p. 148).

Durante o século XIX, não somente Rio de Janeiro e São Paulo, mas inúmeras outras localidades, em diversas regiões do Brasil, começaram a transformar-se em vilas e cidades, cada qual possuindo a sua história e dispondo de algum tipo de meio de hospedagem como parte integrante do seu desenvolvimento sócio-econômico.

Torná-se difícil saber com precisão, o momento em que a estalagem e o hotel começaram a se distanciar um do outro. O Rio de Janeiro teve a precedência, pois se constata a presença de alguns hotéis franceses e italianos, distintos, ao que parece, das hospedarias. Em 1830, os hotéis da capital já apresentavam um tipo de serviço diferenciado. Para o final da década seguinte, constata-se que a Corte possuía onze hotéis, relacionados no Almanaque em 1858. O Pharoux, o Ravot e o Universo não apresentam qualquer informação quanto ao tipo de serviço prestado, mas o Hotel dos estrangeiros, alugavam aposentos e quartos *ricamente mobiliados* e incumbiam-se de jantares de encomenda. Cabe destacar, nessa época, o Hotel Pharoux, pela localização estratégica junto ao cais do porto, no Largo do Paço, foi considerado um dos estabelecimentos de maior prestígio no Rio de Janeiro.

Foto 19: Vista Externa do Hotel Pharoux



Fonte: Nelson Andrade. Hotel: planejamento e projeto – 2000.

O problema da escassez de hotéis no Rio de Janeiro, que já acontecia em meados do século XIX, prosseguiu no século XX, levando o governo a criar o Decreto nº1160, de 23 de dezembro de 1907, que isentava por sete anos, de todos emolumentos e impostos municipais, os cinco primeiros grandes hotéis que se instalassem no Rio de Janeiro. Esses hotéis vieram, e com eles o Hotel Avenida, o maior do Brasil, inaugurado em 1908, com 220 quartos, este e o Hotel Copacabana Palace Hotel (1922) marcaram, por assim dizer, a maioria da hotelaria no Rio de Janeiro.

Foto 20: Vista externa do Hotel Avenida.



Fonte: Nelson Andrade. Hotel: planejamento e projeto – 2000

No final do século XIX, em São Paulo, os fazendeiros de café construíram meios de hospedagem para atender preliminarmente os homens de negócios.

Em São Paulo, a quantidade de estabelecimentos que levavam o nome de Hotel era bem inferior à da Corte, mesmo uma década mais tarde, segundo dados do Almanaque de 1858, mostra-se a existência de apenas seis. Na década de 1870, no aspecto quantitativo, São Paulo ainda estava atrás do Rio de Janeiro. Existiram algumas circunstâncias que influenciaram negativamente o surgimento de hotéis na paulicéia. Por volta de meados do século XIX, o desenvolvimento da província ainda tinha sido insuficiente para modificar significativamente a capital, que se mantinha arraigada a antigos costumes. Affonso de Freitas (1978 apud PIRES, 2001. p.162.) notou que os paulistas não tinham ânimo de se hospedarem em hotéis e os que o fizessem seriam irremediavelmente lançados ao índice da suspeição por imoralidade, e todas as portas lhes cerrariam evitando-lhes o contato. Pois a vida coletiva dos hotéis feria a suscetibilidade da população, com o aspecto de uma promiscuidade perigosa e intolerável, incompatível com o regime de reservas e retraimento que só se abrandava após longo período de convívio e de adquirir estreita amizade. É um engano pensar que o surgimento dos hotéis em São

Paulo se deu devido à presença dos fazendeiros de café. Assim como no Rio de Janeiro eram raros os potentados⁷ rurais que se hospedavam em hotéis pois, segundo a tradição brasileira - de modo geral - os fazendeiros possuíam várias casas: além daquela construída na cidade, onde se encontravam suas fazendas, possuíam uma na capital, usada em ocasiões especiais: festividades como Natal e outros dias santos, ou mesmo na época do nascimento dos filhos. Mais tarde, para militância política e para acompanhar negócios urbanos.

O melhor hotel do Brasil da época foi instalado em São Paulo, em 1878, chamava-se “Grande Hotel” e ficava na Rua São Bento, esquina com o beco da Lapa (Hoje Rua Miguel Couto), indo até a Rua de São José (R. Líbero Badaró).

Este hotel (a casa pertence ao Sr. Glette do Rio de Janeiro e foi especialmente construída para o fim a que se destina) é o melhor do Brasil. Nenhum hotel do Rio se lhe compara. Pertence ao Sr. Schorcht, o antigo gerente do “Germânia” do Rio, o qual dirige magistralmente o seu estabelecimento. Nem o Rio nem todo o resto do Brasil possui nada de parecido em matéria de luxo (no arranjo da casa e dos quartos) de serviço excelente, de cozinha magnífica, de variada adega. Grandes candelabros a gás iluminam o vestíbulo, e por uma larga escada de mármore branco se sobe ao primeiro andar, onde um empregado de irrepreensível estilo e *toilette*, avisado pelo porteiro por campainha elétrica, recebe o recém chegado. Belos quartos com mobiliário muito elegante e excelentes camas, gás, banho, correios e telégrafos em casa, todas as comodidades, que tão raramente se encontram juntas, existem aqui ao preço moderado de 5\$000 por pessoa (10 marcos), enquanto no Rio hotéis muito piores pedem 8 e 10\$000. KOSERITZ, (Apud PIREZ, 2001, p.169)

A existência de alguns hotéis de categoria deve ter facilitado o desenvolvimento de viagens de “recreio”, mas sobre esse assunto escassas são as informações, mesmo porque ainda se tratava de uma minoria os que viajavam por lazer e se utilizavam dos serviços hoteleiros. Neste sentido, ganha importância um relato feito por um ex-aluno da Academia de Direito, natural do Rio de Janeiro e que, findado o Curso em 1852, partiu para sua terra, trinta anos depois de ter deixado a cidade de São Paulo, realizou em 1882 uma viagem a passeio, constatando as grandes modificações pelas quais passara a capital da província. Hospedou-se no Grande Hotel com o qual ficou admirado e deixou um registro bem detalhado sobre a sua estrutura:

⁷ Potentado: Príncipe soberano de grande autoridade ou poder material; pessoa muito influente ou poderosa.

O Grande Hotel causou-me agradável impressão: é um estabelecimento bem montado, e de luxo: na corte e nas capitais das principais províncias do Império, que percorri, não se encontra um igual. Inúmeros bicos de gás, bonitos candelabros, lindas jarras de flores sobre duas compridas mesas, grandes espelhos a multiplicar os raios de luz, e objetos, que se achavam na sala, davam belíssimo aspecto àquele ambiente. Eu senti uns ares dos bons hotéis da Europa: recordei-me do confortável e do bom gosto, que neles se encontram. (Pires, 2001, p.172)

No século XX, e a partir da década de 30, passam a ser implantados hotéis nas estâncias hidro-minerais e nas áreas de apelo paisagístico, cuja ocupação era promovida pelos cassinos que funcionavam junto aos hotéis. Em 1946, com a proibição dos jogos de azar, os cassinos foram fechados e, como consequência, os hotéis a que estavam vinculados acabaram fechando as portas. Os exemplos mais conhecidos dessa fase são os hotéis Araxá, Quitandinha e Grande Hotel São Pedro.

Foto 21: Vista externa do Grande Hotel de São Pedro, na época de sua inauguração em 1940.



Fonte: Andrade, Nelson.(org.) Hotel : planejamento e projeto- 2000.

Em 1966 é criada a Embratur e, junto com ela, o Fungetur (Fundo Geral de Turismo), que atua através de incentivos fiscais na implantação de hotéis, promovendo uma nova fase na hotelaria brasileira, principalmente no segmento de hotéis de luxo, os chamados cinco estrelas. Esse novo surto hoteleiro leva também a mudanças nas leis de zoneamento das grandes capitais, tornando a legislação mais flexível e favorável à construção de hotéis. Nos anos 60 e 70, chegam ao Brasil às redes hoteleiras internacionais. Mesmo sem um número importante de hotéis, essas redes vão criar uma nova orientação na oferta hoteleira, com novos padrões de serviços e de preços.

A expansão da hotelaria sob tutela da Embratur, que tem como pano de fundo uma demanda crescente e em grande parte reprimida, teve como consequência um desequilíbrio no perfil de hotéis novos oferecidos, pois a maior parte pertencia à categoria 5 estrelas. Segmentos importantes da demanda, como os ligados a negócios e serviços que buscam hotéis de categorias média e econômica, têm sido negligenciados, resultando em uma demanda reprimida ou mal servida, à espera de um atendimento mais adequado.

Nas últimas décadas as perspectivas de crescimento da indústria hoteleira no Brasil foram promissoras, em função da relativa estabilização da economia do país e do aumento acentuado das viagens turísticas, principalmente ao exterior, o que significa que a estabilização da moeda e dos preços conduziram a incorporação do item viagem ao orçamento familiar, pelo menos entre a classe média. As viagens turísticas ao exterior apresentaram um componente importante para a hotelaria brasileira: os turistas brasileiros que se destinavam aos Estados Unidos, passavam a conhecer o padrão da Hotelaria dos países desenvolvidos, que apresentavam melhor qualidade e menores preços. Gradualmente, esses turistas pressionaram as empresas do setor hoteleiro no Brasil a oferecerem mais qualidade e preços menores. Outra tendência importante é que, nos últimos anos, cadeias hoteleiras internacionais vêm promovendo uma política mais sistemática para ampliar a sua participação no mercado brasileiro, visando inclusive os segmentos de mercado menos atendidos – os chamados hotéis econômicos, o que gerou significativas alterações nos padrões de oferta atual. A concorrência se tornou mais acirrada, conseqüentemente, diminuí as tarifas e os padrões de atendimento ao cliente se aprimoraram .

Foi também na década de 1970 que, por força do acirramento da concorrência internacional e da expectativa de que o Brasil se torne um novo destino turístico e de negócios, as cadeias internacionais de hotéis começaram a implantar algumas de suas unidades, a primeira

foi o Hilton São Paulo, em 1971; em seguida o Nivory (Holiday Inn), o Rio Sheraton, o Intercontinental Rio, o Méridiem, o Club Méditerranée, a cadeia Novotel e a rede Caesar Park. Algumas dessas redes associaram-se a grupos nacionais, como foi o caso do Méridiem e o grupo Sisal, como estratégia para a sua entrada no país.

Dois grandes e importantes marcos na década de 1990: o surgimento dos hotéis econômicos e dos *flats* implementados pela rede Accor; e outro fator é a redução do preço das passagens aéreas devido à acirrada concorrência entre as companhias, provocada pela desregulamentação das atividades aéreas dos Estados Unidos. Esses dois fatores contribuíram para incrementar as viagens internacionais e domésticas.

2.2 Modalidade da hotelaria turística em Goiás: o turismo cultural em pousadas de Pirenópolis e o turismo de negócios nos hotéis de Goiânia

Analisando o turismo segundo o critério da motivação, parece quase infinita a variedade de possibilidades, que podem ser agrupadas em duas grandes divisões: o turismo motivado pela busca de atrativos naturais.

Os turistas provocam grandes alterações na dinâmica da sociedade receptora, que se reflete em mudanças nos usos e costumes, na divisão social do trabalho, no relacionamento interpessoal, sobretudo no familiar, sem que haja contatos realmente interativos com a população receptora. Esta última só tem visibilidade como prestadora de serviços, e, por sua vez, o turista é visto pela população local apenas como um fator de produção, um capital ambulante, um portador de dinheiro com o qual tudo se comercializa, até o sorriso.

A atividade turística é produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso de motivações diversas, que incluem o consumo de bens culturais. O turismo cultural, tal qual o concebemos atualmente, implica não apenas a oferta de espetáculos ou eventos, mas também a existência e preservação de um patrimônio cultural representado por museus, monumentos e locais históricos.

A política de patrimonialização no Brasil é um longo processo, iniciado no século XX, a partir de uma série de iniciativas isoladas, que foram amadurecendo aos poucos e só mais tarde integraram uma proposta nacional. A própria concepção de patrimônio, foi se modificando com o tempo, surgiu em um momento no qual os valores e identidades nacionais estavam em voga.

O processo de patrimonialização em Pirenópolis teve um desdobramento que se estendeu da década de 1940 até finais de 1980. Na década de 1940, aconteceu o primeiro tombamento local, o que representou a inclusão de Pirenópolis no patrimônio histórico e artístico nacional. A igreja matriz recebeu o título de monumento nacional em 1947. No ano de 1976, a Lei nº 07/76⁸ autorizou o Executivo municipal a adquirir o prédio do Cine Teatro Pireneus e todo o seu patrimônio, na época pertencente a um particular. As décadas de 1940 e 1950 foram um momento bastante elucidativo das transformações urbanas de Pirenópolis, com a instalação de nova rede elétrica, a construção de pontes a ampliação do perímetro urbano, com o surgimento de vilas. No ano de 1967, foi tombado um patrimônio particular, a Fazenda Babilônia, antigo engenho São Joaquim, que pertenceu a Joaquim Alves. Em 1989, ocorreu o tombamento da cidade como monumento nacional.

A criação da Goiastur insere-se também no contexto da patrimonialização, pois nos anos 70, período no qual surge essa empresa, o Movimento do Patrimônio Histórico e Nacional articulava no Brasil o turismo cultural. Assim, a concepção de patrimônio foi ampliada e o bem cultural passou a ser visto como algo que deveria ser preservado, mas também utilizado de forma que o tornasse dinâmico e operacional. Em Pirenópolis, a Goiástur empenhou-se na promoção da Festa do Divino, por ela oferecer elementos importantes e significativos do patrimônio cultural religioso.

A partir da década de 1960, outra manifestação da festa esteve diretamente ligada às mudanças que Pirenópolis sofreria, cujo desdobramento seria o início de uma política de patrimonialização da cidade e também da festa do Divino. De acordo com Silva (2001, p. 156),

As cavalhadas, de alguma forma, pareciam sintetizar alguns aspectos da cultura goiana simbolicamente articulados com o surgimento de uma nova capital. Só a partir dos anos 60, a cavalhada se estruturou como um evento recorrente e representativo da festa do Divino. A cavalhada assumiu um outro papel que a transformaria em uma

⁸ Livro de leis da Prefeitura Municipal de Pirenópolis (7/03/77 –10/02/80), ano de 1985, lei nº028.

manifestação turística e folclórica, tendo em vista que a cidade nesse momento já se articulava em torno desses aspectos.

A criação da Goiastur não fez cessar o movimento local, que procurava dinamizar o turismo da cidade por meio da festa do Divino e das Cavalhadas. A imprensa, em 1978, no jornal *Gazeta de Goiás*, divulgou uma reportagem de capa com a manchete ‘Pirenópolis, sem condições turísticas’, a reportagem era provocativa do início ao fim, ressaltando todos os aspectos negativos da festa e da cidade. Um dos alvos da crítica era a Goiastur, cuja atuação dificultava que Pirenópolis viesse a se tornar turística. O primeiro dado era que a cidade não possuía nem duzentos leitos para hospedagem. Naquele ano, para alojar diplomatas de Brasília e alguns jornalistas, a prefeitura foi obrigada a alugar e improvisar leitos em um colégio. A crítica existia sobretudo porque a Goiastur havia projetado, para a cidade de Pirenópolis, um hotel de luxo que ainda não havia saído do papel.

Se a população local se insurgia contra o turismo desenfreado e sem estrutura, existia um projeto político local e regional para incentivar esse mesmo turismo a partir da festa do Divino e das cavalhadas. As contradições e controvérsias eram muitas, porém o caminho estava traçado. A partir daí, a política de patrimonialização se desdobrou e em 1989 a cidade foi tombada como monumento histórico nacional, o que facilitou e favoreceu o turismo local, com algumas verbas e o início da recuperação dos diversos monumentos da cidade, anos depois. A cidade e a festa estavam nacionalmente consagradas como elementos presentes da cultura brasileira. A partir daí o turismo local teve um *boom*, que se estende até dias atuais, e a cidade adquiriu uma grande estrutura, em relação ao seu tamanho, para receber pessoas do Brasil inteiro nos feriados, nas férias, nos festivais e também por ocasião da festa do Divino e das cavalhadas (SILVA, 2001, p.173).

Alguns eventos das festas mudam lentamente, e outros, de acordo com a dinâmica da sociedade. Atualmente a maior demanda turística concentra-se em feriados, finais de semana, carnaval e em eventos tais como: Canto da Primavera e Festival Gastronômico, que estão ganhando espaço, além das Cavalhadas e Festa do Divino.

2.2.1. Origens e características históricas de Pirenópolis: o turismo cultural

O centro urbano de Pirenópolis desenvolveu-se em torno da Igreja Matriz até a construção das Igrejas do Bonfim e do Carmo, que atraíram casas para seus arredores. Entre

1830 e 1834, a cidade sediou o primeiro jornal do estado de Goiás, chamado Matutina Meiapontense, circulou de 5 de março de 1830 a 1834, de propriedade do Comendador Alves de Oliveira, teve como redator o Pe. Luiz Gonzaga de Camargo Fleury. Como pode ser observada no registro fotográfico nº 23.

Foto 22: Casa que pertenceu ao Comandador Joaquim Alves. Nela funcionaram a primeira tipografia do Estado – Matutina Meiapontense, a primeira biblioteca e o colégio Imaculada Conceição.



Fonte: Glória G. Curado. Pirenópolis: uma cidade para o turismo - 1980.

A vila de Meia-Ponte foi também a terra que o Comendador Joaquim Alves de Oliveira escolheu para morar e acabou se tornando o empresário mais rico da província goiana do seu tempo, além do feito fantástico de bancar o nascimento do primeiro jornal de Goiás, a Matutina Meiapontense. O comendador hospedava em seu sobrado, na vila ou ainda no Engenho São Joaquim, as autoridades mais importantes da província ou ainda os pesquisadores europeus, entre os quais, Saint-Hilaire. Sobre a fazenda, Saint-Hilaire (1975) diz que se tratava da mais bela propriedade que havia em toda a região de Goiás por onde tinha percorrido. Para ele, o lugar era de uma limpeza e de uma ordem nunca vistas em nenhuma outra parte. A casa da fazenda nada

tinha de extraordinária, mas era ampla e muito bem conservada e em toda parte encontrava-se uma ordem e uma limpeza incomparáveis.

Todo esse patrimônio histórico da cidade de Pirenópolis foi preservado pela população local e os turistas são atraídos à cidade por sua já comentada riqueza em tradições que são manifestadas de várias maneiras: a Festa do Divino, a Festa das Cavalhadas e, ainda, o Carnaval que antigamente era na rua e em clubes e, hoje em dia, ocorre com a presença de várias pessoas na rua.

Os principais feriados, sob o ponto de vista do turismo, são a Semana Santa e Corpus Christi, em que a maioria das pessoas presentes são de Brasília e Goiânia. Já os eventos estabelecidos, que mais atraem turistas a Pirenópolis são, em primeiro lugar, o canto da Primavera e o Festival Gastronômico.

Outro aspecto que igualmente corrobora para a atração de turistas encontra-se na paisagem do Centro-Histórico de Pirenópolis que é composta por diferentes elementos que descrevem com propriedade o patrimônio da cidade. Esses elementos são marcas espaciais e temporais historicizadas em cada casa com suas portas, janelas e quintais; em cada rua, praça, igreja; em cada monumento, museu, acervo, escultura, pintura, produções artesanais; na Serra, na Ponte, no Rio das Almas que há séculos enfrenta degradação. Mas, esses elementos que compõem a paisagem se tornam uma cena *muda e triste* se descontextualizada da história dos moradores que dão vida a essa cena.

Em 1965, a Câmara Municipal autorizou o Poder Executivo a assinar convênio com a Secretaria de Indústria e Comércio do Estado para a construção de obras de turismo na cidade. Assim, pela Lei nº 7/65⁹ aprovou-se, mediante convênio, a construção de um hotel de turismo, um lago artificial e outras obras destinadas a incentivar o turismo.

Outro aspecto que reforça a idéia de um movimento turístico nesse período é a pensão Padre Rosa, que foi pioneira nesse sentido: “A pensão Padre Rosa, abriu suas portas em 1952. (...) O período áureo foi a partir de 68. No princípio era uma pensão apenas para esconder o jogo que carteavam, mas acabou virando uma pensão extraordinária.”, segundo Silva (2001, p. 164).

Galli (2005, p. 99) também faz alguns apontamentos sobre a Pensão Padre Rosa, que

⁹ Livro de Leis da Prefeitura Municipal de Pirenópolis (10/12/47 –24/11/68), fls 130-131.

por iniciativa de Joanito Jayme, a Pensão Padre Rosa, estava estabelecida na Rua da Aurora, nº15, que alugava cinco quartos e fornecia refeições. No ano de 1976 ele morreu e seu filho, Ranulfo Jayme, continuou conduzindo o restaurante até 1983, porém não mais funcionando o acolhimento aos hóspedes. Vinte anos depois, em 2003, o restaurante voltou a funcionar com todos os seus pratos e doces, tornando-se novamente o *point* gastronômico mais tradicional e procurado de Pirenópolis.

De acordo com Barbosa (apud SILVA, 2001, p. 164), “muitas pessoas se deslocavam de Brasília e de Goiânia para comer nessa pensão, conhecida pela quantidade e variedade de carnes de caça e de doces que servia, colocando-os todos sobre a mesa, tornando-se até uma ‘doença’ comer na pensão Padre Rosa”. A mesma autora reitera, em sua pesquisa sobre Pirenópolis, que

desde a década de 1960, a cidade recebia visitantes da recém –fundada Brasília, principalmente estudantes universitários. Nessa época, porém o acesso à cidade, por terra e cruzando região montanhosa, era muito difícil. A procura se dava quase que exclusivamente por ocasião das cavalhadas, parte das comemorações da festa do Divino (apud SILVA, 2001, p. 164).

Em 1991 foi construída a Pousada dos Pireneus, considerada até hoje a melhor hospedagem da cidade. Justamente na década de 90 se deu o maior *boom* hoteleiro de Pirenópolis, quando foram construídas mais de 30 pousadas.

Nos últimos 20 anos, o parque hoteleiro de Pirenópolis foi o que mais cresceu em todo o interior de Goiás. Em 2005, o número da hotelaria pirenopolina chega a quase 100 edificações.

2.2.2 Goiânia: centro catalisador do turismo de “negócios”.

Há muito a capital de Goiás deixou de ser um aglomerado urbano com influência meramente regional para se tornar um centro pulsante de eventos, negócios e turismo. Nos últimos anos, a cidade ganhou projeção nacional e até internacional, pela qualidade de vida proporcionada aos seus habitantes, pela gama de serviços que oferece e principalmente por caracterizar-se como portal de entrada para as regiões Norte e Centro-Oeste. Soma-se a isso a modernidade e beleza arquitetônica, complementada por um intenso processo de urbanização.

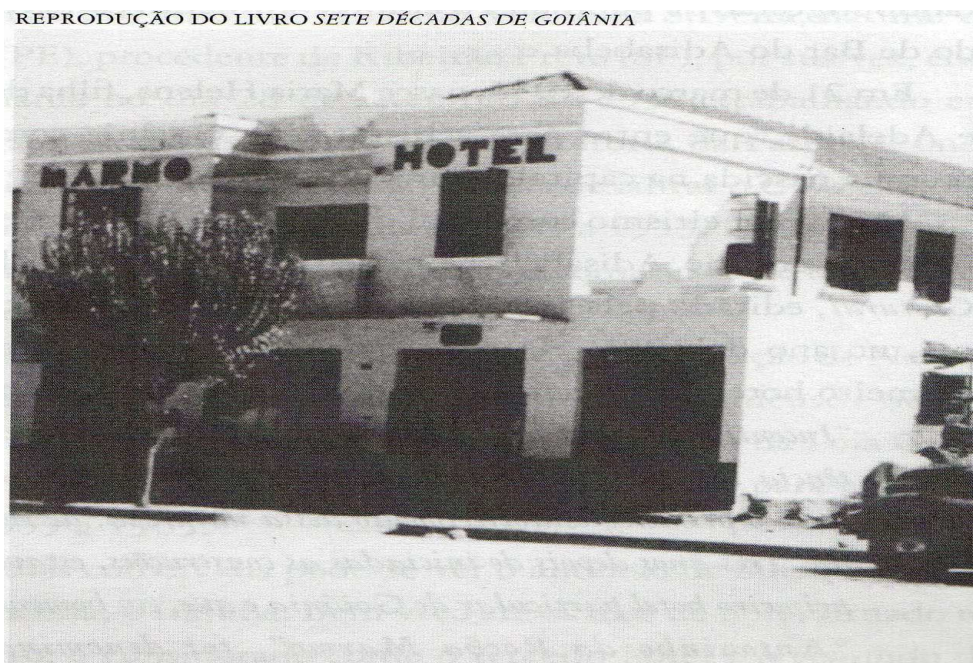
Embalados por todos esses fatores, os agentes econômicos representados pelos segmentos promotores de eventos, turismo, hospedagem, restaurantes e serviços têm se mobilizado para

atrair cada vez maior número de atividades que signifiquem trazer para Goiânia executivos, empresários, profissionais liberais e quem mais estiver interessado em passeios, negócios e lazer.

Sem dúvida o momento mais significativo da hotelaria em Goiânia, foi na década 30 com a construção do Grande Hotel que, após dois anos em construção, fica pronto e entra em operação, como símbolo do moderno, sua arquitetura era em estilo *art deco*. Já nos anos 40, veio a inauguração do Marmo Hotel em 1941, no entanto, em 1937, começou a funcionar como a Pensão Marmo. O depoimento de Adelaide Félix de Freitas, no livro *Memória Cultural*, editado pela Secretaria de Cultura do Município de Goiânia, no ano de 1985, relembra os bastidores da construção do primeiro hotel particular que seria edificado em Goiânia:

Incentivados pela ação governamental, com a sua garantia e assistência moral, começamos a construir um hotel que, tal como o bar, seria o primeiro estabelecimento dessa natureza, de iniciativa privada. Três anos depois de iniciadas as construções, estava inaugurado o primeiro hotel particular de Goiânia e que, em homenagem ao menino ‘Antonio da Rocha Marmo’, foi denominado ‘HOTEL MARMO’. Foi essa construção que determinou a alteração do zoneamento da Av. Anhangüera, naquele local, de residencial para comercial, por determinação pessoal do governador do Estado – Pedro Ludovico Teixeira (GALLI, 2005, p.56-57).

Foto 23: Marmo Hotel, que ficava na Avenida Anhangüera – Goiânia / GO



Fonte: Ubirajara Galli. *A História da Hotelaria em Goiás* - 2005.

O Marmo Hotel funcionou até o final da década de 80. Destaca-se também como Hotel pioneiro de Goiânia, o Itajubá. Outro hotel integrante do ciclo histórico dos anos 40 foi o Hotel Coimbra, considerado o quarto construído em Goiânia, ele ficava situado na esquina da Rua 4, com Avenida Araguaia. O Hotel Glória, elencado nos anos 50, de propriedade de Jarbas Jabur Bittar, situado no encontro das avenidas Anhangüera e Araguaia, teve como primeiros arrendatários o casal Antônio Augusto da Silva e Maria Benedita da Silva, permanecendo com eles até 1959.

Um dos principais hotéis que surgiram nos anos 50 e que viria a se tornar um dos melhores da capital goiana nas décadas de 60 e 70, foi o Hotel Presidente, que pode ser observado em registro fotográfico na próxima página, construído pelos irmãos Rassi, localizado na Avenida Anhangüera, em frente ao Jôquei Clube.

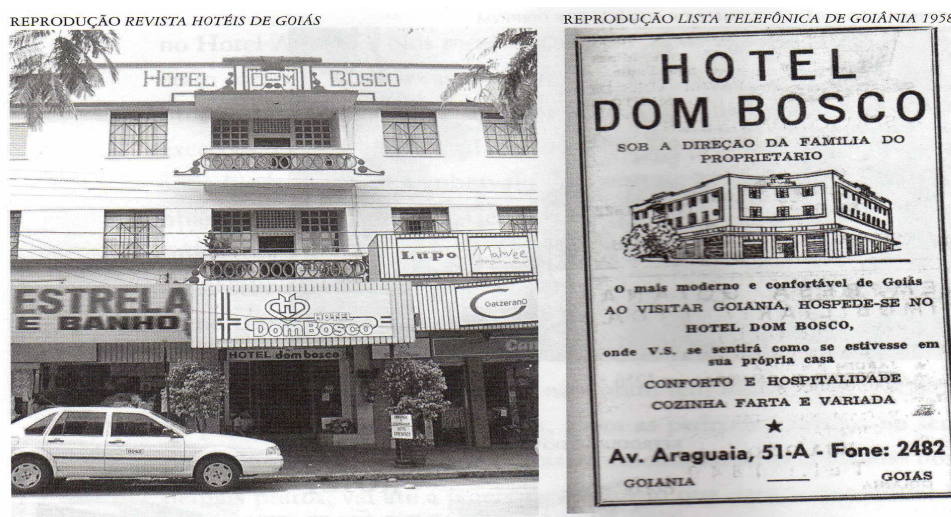
Foto 24: Vista externa da lateral do Hotel Presidente



Fonte: Ubirajara Galli. A História da Hotelaria em Goiás - 2005.

O Dom Bosco (registro fotográfico abaixo) foi construído por Guerino Mariani (proprietário também do Itajubá) e inaugurado em 6 de junho de 1956, tendo como arrendatário Aguinaldo França (amigo de Joaquim Jorge Machado), e tendo como gerente seu filho Rubens França.

Foto 25: Hotel Bosco-Fachada original.



Fonte: Ubirajara Galli. A História da hotelaria em Goiás - 2005.

Localizado na confluência da Avenida Araguaia com Rua 4 no Centro, integra o rol dos poucos deste período que funcionavam até os dias de hoje mantendo sua fachada original, conforme observação na página anterior.

Em 1957, foi inaugurado o Umuarama Hotel, em atividade até os dias de hoje. O local escolhido para a construção do hotel foi o largo de terra aberto que existia na Rua 4, Centro, entre as ruas 6 e 7, e que servia de bebedouro para os animais dos carroceiros que ali ficavam à espreita de fretes, principalmente dos fregueses e comerciantes que se serviam do antigo Mercado Municipal (atual edifício Parthenon Center).

Foto 26: Hotel Umuarama fachada atual



Fonte: Ubirajara Galli. A História da hotelaria em Goiás - 2005.

Em 1958, começa a ser erguido o Hotel Bandeirante, (conforme registro fotográfico da próxima página), situado a 100 metros da conhecida estátua dos Bandeirantes, cravada há décadas no cruzamento da Avenida Anhangüera com Avenida Goiás, no centro de Goiânia. Inaugurado, virou local para os amantes da boa gastronomia, no mesmo ano era aberta à hospedagem o primeiro andar do hotel.

Foto 27: Fachada externa do Hotel Bandeirantes.



Fonte: Ubirajara Galli. A História da hotelaria em Goiás - 2005.

O Hotel Bandeirantes passou por dois grandes obstáculos que o levaram a sua extinção. O primeiro foi na década de 80, com a retirada da ilha central da Avenida Anhangüera e a abolição do estacionamento no leito das calçadas do seu curso. Tais medidas tinham por propósito agilizar o tráfego urbano. O segundo entrave foi a inauguração do Castro's Hotel, no ano de 1986, localizado em uma região nobre, ostentando atrativos hoteleiros até então nunca vistos em Goiânia. Então, em 2000, os sócios resolveram vendê-lo, em 2005, o prédio continua em pé, transformado em shopping e com diversas lojas comerciais.

A expansão do mercado hoteleiro em Goiânia é uma realidade. Começou significativamente em 2002, quando alguns hotéis foram inaugurados e vários anunciaram a construção, e outros até já estão em operação.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH - Regional), atualmente, em 2006, Goiânia conta com aproximadamente 12.000 leitos.

Goiânia já é a sexta capital do País em atração de turismo de negócios e eventos, com uma média de 250 eventos por ano e cerca de 1 milhão de participantes, ou seja, turistas em potencial que chegam a injetar em torno de R\$ 6,5 milhões ao ano na economia local. A possibilidade de criar roteiros integrados aos congressos é apresentada pelo *Convention Bureau*¹⁰, que pretende estimular todos os segmentos ligados ao turismo, para que possam de forma organizada trabalhar com o objetivo de dar aos participantes de congresso a oportunidade de ficar um pouco mais na cidade para conhecer os centros de compras, restaurantes e museus da Capital ou ainda visitar cidades históricas, como Pirenópolis e ou cidade de Goiás.

Segundo o *Convention Bureau*, em pesquisa feita em Goiânia com congressistas de 65 eventos e com mais de 500 inscritos, mostrou-se que 26% deles estariam dispostos a participarem de atividades de lazer paralelas ao evento desde que não atrapalhassem sua agenda de negócios. Atualmente, sabe-se que os congressistas já chegam a Goiânia com a passagem de volta marcada, explica Nehemias Ramos, presidente do *Convention Bureau*. Segundo ele, a média de permanência do turista de negócio na Capital é de 1,7 dia; a meta é elevar esta média para 2,5 dias. “Só essa mudança eleva em R\$ 40 milhões o gasto com hotelaria. De uma forma geral, a movimentação financeira no setor cresce 20%”, afirma. Para ele, o turista que conhece as riquezas do Estado durante um congresso volta em outra oportunidade com a família para uma viagem de lazer. A cidade de Goiânia conta hoje com mais de 40 vôos por dia, uma frota de 4 mil veículos para locação, quase 5 mil apartamentos e mais de 9.200 leitos em hotéis, segundo dados da Embratur. No campo da gastronomia, são mais de 800 restaurantes e 1,2 mil bares, o que faz da Capital uma das seis melhores para realização de eventos no País, com chance de subir para a quarta posição no ranking nacional, diz Pedro Bittar¹¹, presidente da Associação Comercial Estado de Goiás – ACIEG, em entrevista ao Diário da Manhã, jornal goiano.

O presidente interino do Goiânia *Convention*, Olavo de Castro Araújo¹², em reportagem ao jornal goiano O Popular, diz que o novo aeroporto é uma antiga reivindicação da entidade, pois é a primeira imagem que o turista tem da cidade. “Muitos turistas só conhecem o aeroporto e o hotel. Hoje, a rodoviária de Goiânia tem mais estrutura”, observa Olavo de Castro. Ele ressalta que as principais capitais do País contam com aeroportos novos e que o impacto positivo será sentido pelo turismo de negócios e eventos. Nazir El Haje, presidente da Associação Brasileira

¹⁰ Cf. o site: www.dm.com.br

¹¹ Cf. o site: www.dm.com.br

¹² Cf. o site: www.opopular.com.br

da Indústria Hoteleira em Goiás (ABIH-GO), prevê aumento do índice de ocupação de 60% para 90% até 2010. Para o secretário de Turismo de Goiânia, Waldomiro Dall Agnol, o novo complexo aeroportuário trará mais bem-estar para os visitantes que vierem a Goiânia a negócios, eventos ou a passeio.

Diante da atual situação vivenciada em Goiânia, observa-se uma preocupação por conta das entidades de classe, com a estrutura física oferecida ao turista, deixando a desejar a preocupação com o contexto histórico-cultural da capital. No entanto, percebemos que o fenômeno urbano está vinculado à história moderna, conforme afirma Castrogiovanni (2000, p. 23):

As cidades são representações fiéis dos macros movimentos sociais. Elas são um recorte do mundo, onde independentemente de suas dimensões ou relevância regional, vibram e transformam-se de acordo com as necessidades e solicitações das políticas e movimentos sociais locais, atrelados aos universais. As mudanças urbanas invadem e provocam invasões, nem sempre benéficas aos interesses das políticas turísticas. [...] As mudanças urbanas invadem e provocam invasões, nem sempre benéficas aos interesses das políticas turísticas.

O espaço urbano não é construído para uma pessoa, mas para muitas, que apresentam diferenças de temperamento, formação, ocupação profissional, origem étnica, diversidade social e, portanto, interesses distintos.

A cidade é uma construção física e imaginária, compreende um lugar e faz parte do todo geográfico. O tecido urbano é dinâmico e está inserido no processo histórico de uma sociedade.

O fenômeno urbano está vinculado à história moderna. A cidade é um mundo de representações. Pode ser pequena ou uma metrópole; ela pulsa, vive, seduz, agride, transforma-se e transforma aqueles que nela interagem. A cidade é viva, possui a sua própria identidade, apresenta um dinamismo de relações que se alteram ao ritmo de diferentes circunstâncias, portanto sempre é possível a renovação urbana. (CASTROGIOVANNI, loc. cit.)

O conceito de qualidade de vida no espaço urbano é de difícil mensuração; qualidade no âmbito da cidade é o resultado que combina determinadas características gerais, entre elas segurança, qualidade ambiental, mobilidade e oportunidade de lazer, com sensibilização para as diferenças da população, especialmente as de faixa etária e limitações físicas. Seu pressuposto básico é poder expressar conceitualmente as condições ecológicas e sociais características de um espaço ocupado e explorado pelo homem, com garantias de satisfação de suas necessidades

mediante o uso de recursos da natureza e de objetos construídos pelo homem; um conceito normativo que envolve o qualitativo, mas se exprime quantitativamente por seus componentes.

É importante ressaltar que embora a cidade de Goiânia tenha feito um relevante esforço na implantação de uma estrutura física para atender a elevada demanda do turismo de negócios, pouco foi feito em relação à conservação do seu patrimônio histórico. Embora seja uma capital nova, fundada em 1936, vários prédios oficiais ou particulares, construídos na década de 40 e 50, encontram-se descaracterizados.

No próximo capítulo, apresentamos o turismo nas pousadas de Pirenópolis, tendo como elemento motivador o seu legado histórico e em Goiânia, o estímulo oferecido ao turista no seu Hotel de maior luxo, o Castro's, ocorre por meio de uma simulação da herança da cultura goiana.

CAPÍTULO 3

A HOSPEDAGEM DE PIRENÓPOLIS COMO SÍMBOLO DA DIVULGAÇÃO DO LEGADO CULTURAL E O HOTEL CASTRO'S EM GOIÂNIA COMO O SIMULACRO.

Este capítulo tem como objetivo principal identificar duas modalidades de hospedagem em Goiás em espaços diferenciados. O primeiro espaço, representado pela cidade histórica de Pirenópolis, apresenta uma forma de hospedagem relacionada com os atrativos culturais regionais tais como: Festa do Divino; a Festa das Cavalhadas; o Canto da Primavera, o Festival Gastronômico, entre outros. O segundo espaço, representado pelo hotel Castro's em Goiânia, apresenta uma forma diferenciada de hospedagem, direcionado ao atendimento do executivo do “mundo dos negócios”, oferecendo um serviço com padrão internacional. Interessa-nos investigar nesses dois espaços de hospedagem como os valores culturais regionais são utilizados no sentido de atrair os hóspedes por meio de um marketing específico.

Para esta reflexão, foram realizadas entrevistas com os proprietários de três pousadas da cidade de Pirenópolis, quais sejam: a Taman Baru, com apenas dois anos de existência, é administrada pelo casal proprietário, a Pousada Dona Geni, com mais de 30 anos em funcionamento, é administrada por três gerações do sexo feminino pertencentes à mesma família, a outra opção foi a Pousada Matutina Meiapontense, que está em operação há 16 anos, sendo que a casa está na família há mais de 120 anos, é tombada pelo patrimônio e é administrada pelo neto da família. E como contra-ponto em Goiânia, o local escolhido foi um hotel de padrão 5 estrelas, certificado pelos órgãos regulamentadores, Ministério do Turismo, ABIH, Embratur e Instituto Brasileiro de Hospedagem. Este hotel oferece uma proposta de inserção ao resgate da cultura regional com apartamentos estruturados com mobiliários e decorações do artesanato local e regional, e está em operação há 20 anos e é administrado pelo neto da família Castro's. A metodologia utilizada foi, inicialmente, detectar as opções a serem analisadas e identificar os parâmetros diferenciados, a partir dessas duas modalidades de hospedagem turística, levando em

consideração o tempo de existência no mercado, a administração familiar e gerida pelos netos, aliada ao interesse dos clientes e das diferentes classes sociais. No segundo momento, foram aplicados questionários, nos quatro estabelecimentos selecionados. As perguntas foram aplicadas pessoalmente pela autora desta pesquisa, as respostas obtidas foram gravadas e transcritas, de forma a garantir na íntegra as respostas, para que posteriormente fossem analisadas.

Inicialmente, analisamos que o hábito de viajar é antigo. Já no século XVII, período do *Gand Tour*, as boas famílias mandavam seus filhos complementarem a educação com viagens, nas quais aprendiam línguas e costumes de outros povos, compravam obras de arte e visitavam os monumentos da antigüidade.

Em meados do século XIX, as viagens passaram a ser organizadas por pessoal especializado, tornando-se, aos poucos, uma forma de negócios denominada turismo, gerador de lucros, empregos e divisas, para numerosos países. A atividade turística é, portanto, produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso de motivações diversas, que incluem o consumo de bens culturais.

A partir da segunda metade do século XIX, as viagens motivadas por descanso e lazer, e não mais por trabalho e negócios, deixam de ser privilégio das elites para se tornarem, em alguns países da Europa e na América do Norte, atividades comuns a um número crescente de trabalhadores. Conforme assinala John Urry (1996), em seu estudo sobre o desenvolvimento do turismo de grande escala na Inglaterra, o processo de urbanização, a regularização do trabalho, com a conquista gradativa do tempo livre, e a melhoria dos meios de transporte são alguns dos fatores básicos que contribuem para a transformação do turismo em fenômeno de massa. A “democratização” das viagens de lazer torna-se ainda maior quando, já no século XX, disseminase o uso do automóvel e do avião, enquanto os trabalhadores conquistam aos poucos o direito do descanso remunerado. No período que sucede à Segunda Guerra Mundial, a noção de que as viagens de férias são importantes para a renovação pessoal já se havia difundido. No dizer de Urry (op. cit., p. 47), “as férias quase haviam se tornado marca de cidadania, um direito ao prazer”, além de indicação de *status*.

Com outro olhar, lembremos a primeira frase de Lévi-Strauss (1996), em seu livro intitulado *Tristes trópicos*: “Odeio as viagens e os exploradores, e eis que me preparo para contar as minhas expedições”. O autor elabora textualmente suas experiências de viagem em oposição a outros autores que, por exemplo, com o hábito de se promoverem, realizavam apresentações

com ‘*descrições de viagens acompanhadas de slides*’ (grifo da autora) cujo tipo de conhecimento se caracterizaria por ser absolutamente superficial.

Lévi-Strauss realizava suas viagens com o propósito de conhecer o desconhecido, realizar uma expedição, diferentemente da posição traçada por Urry, em que ele se refere às viagens de férias como lazer e identificador de posição social.

Para o produto turístico, a interpretação é um componente essencial, sobretudo quando se apóia na cultura e em paisagens especiais, possibilitando aos visitantes conhecer e apreciar mais os lugares, podendo levá-los a prolongar sua permanência e estimular novas visitas. Se, além de ser bem recebido e acomodado, o turista for também tocado de forma especial pelo lugar, através de uma boa interpretação, ele sairá satisfeito. E sabemos que cliente satisfeito gera bons negócios.

A tradição da interpretação do patrimônio cultural por meio do turismo sinaliza o valor único de um determinado ambiente, buscando estabelecer uma comunicação com o visitante, ampliando seu conhecimento. Em outras palavras, visa estimular suas várias formas de olhar e apreender o que lhe é estranho. Como a experiência turística é fortemente visual, o olhar do visitante procura encontrar a singularidade do lugar, seus símbolos e significados mais marcantes. Esta concepção é compartilhada por alguns proprietários de pousadas em Pirenópolis, conforme depoimento a seguir do Sr. Marcelo, proprietário da Pousada Taman Baru.

Mais importante, para divulgação é o patrimônio histórico da região, que deve ser cada vez mais valorizado. Pois o visitante procura cada vez mais a diversidade, o turista quer uma participação mais autóctone, com a participação da comunidade e, nesse aspecto, temos muito ainda por fazer. (Marcelo – Pousada Taman Baru – Pirenópolis).

O registro fotográfico a seguir é da Pousada Taman Baru, o proprietário Sr. Marcelo mostrou em sua entrevista uma preocupação com a preservação do Patrimônio, destacou e salientou a necessidade que o turista tem em conhecer a identidade e a memória da comunidade visitada.

Foto 28: Pousada Taman Baru



Fonte: www.pousadatamanbaru.com.br - 2006.

Tal concepção é analisada por Halbwachs (1990), quando ele afirma que a maioria dos turistas procura ter uma experiência bem estruturada que os entretinha, informe e acrescente lembranças positivas de sua viagem, somente uma minoria, geralmente bem informada, aberta e sensível, procurará ter um contato mais próximo com os valores mais enraizados da comunidade. Nunca devemos esquecer que as férias, ou viagens, são um breve afastamento do contexto e dos valores que nos são familiares. É um período no qual é possível viver novas experiências.

O conceito de memória coletiva, de acordo com Halbwachs (1990), refere-se a uma memória social, exterior ao indivíduo, estendida no tempo, que guarda eventos e acontecimentos ocorridos há muito. Essa memória é o invólucro das memórias individuais e revela a maneira própria, os fatos acontecidos na sociedade à qual o indivíduo pertence. O indivíduo, por sua vez, precisa recorrer a essa memória coletiva quando quer saber sobre fatos que não testemunhou e que fazem parte de seu passado e de sua comunidade. Recuperar ou manter a identidade, aparece neste final de século como uma necessidade generalizada em face à globalização.

Segundo a concepção de Roque Laraiá (2004), o homem é o resultado do meio cultural em que foi sociabilizado. É um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A

manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

Essa afirmativa de Laraia é confirmada pelo depoimento da Sr^a. Esdras, da Pousada Dona Geni, quando se refere aos aspectos herdados por sua família e como eles são vistos no cotidiano.

Eu vi na minha mãe, minha filha vê em mim, a forma do tratamento você convive com isso há mais de 30 anos, você vai aprimorando, amadurecendo, isto está implícito e você vai procurando melhorar. Assim, se chega um hóspede que tem algum problema, você vai vendo, procurando melhorar, mais não sofre algum impacto, se for alguma coisa difícil de resolver, você resolve, tem que resolver, você já vai aprendendo e vai transmitindo, a própria criança vai aprendendo, é um aprendizado constante. (Esdras, Pousada Dona Geni – Pirenópolis)

A narrativa acima nos permite perceber a importância em transmitir as experiências vivenciadas, na forma de ‘hereditariedade’, passando de mãe para filha, de avó para neta, assim como o posicionamento para a resolução das dificuldades enfrentadas. O registro fotográfico da Pousada Dona Geni, local este que mantém visivelmente a *tradição da cultura familiar* representada em sua estrutura física, no mobiliário e nos objetos de decoração:

Foto 29: Pousada Dona Geni



Fonte: www.pirenopolis.tur.br/hospedagem – 2006.

Nesta mesma concepção, o depoimento do Sr. Júnior, Gerente da Pousada Matutina Meiapontense, consolida a assertativa de Roque Laraia, quando ele diz que o homem é herdeiro de um processo cumulativo de experiências e conhecimentos de suas gerações passadas.

Para manter a tradição da família... Meu avô sempre disse que: “O Cliente sempre tem razão, então atender bem...”(Júnior - Pousada Matutina Meiapontense – Pirenópolis)

Foto 30: Pousada Matutina Meiapontense



Fonte: Registro do local - 2006.
Autora: Naiara Denicoló

3.1 As modificações dos significados da hospedagem: entre a casa e a rua

Ao mergulharmos nas contextualizações de Roberto DaMatta (1991), ficamos embebedos pelo olhar envolvente, realista e polêmico como ele lê o cotidiano ou as diferentes manifestações. Em sua obra *A casa & A rua*, mais especificamente no capítulo *Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil*, o autor escreve inicialmente sobre o ‘espaço’ e vincula com o ar que respiramos, este essencial para a subsistência humana, mas muitas vezes imperceptível. Assim, ele afirma que o espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido.

Roberto DaMatta (1991) diz que o normal, o esperado e legitimado é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente as mudanças de gestos, atitudes, roupas, assuntos, papéis sociais e quadros de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade. Ao espaço da casa, o autor traduz como laços de simpatia, lealdade pessoal, complementaridades, compensações e bondades ou maldades. Já o espaço da rua, ele afirma que está fundado em mecanismos impessoais, luta de classes, imposição dos mercados internacionais, a lógica do sistema financeiro capitalista, onde leis e jamais pessoas são pontos focais e dominantes. A posição do autor sobre a rua é que é o local aonde vivem os malandros, os pilantras e os marginais em geral – ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser humanos, decentes e até mesmo bons pais de família, além de ser um local perigoso que pertence ao governo e ao povo. E, em oposição à rua, a casa é o espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, local que reflete a idéia de amor, de carinho e de calor humano. No entanto, os ritos públicos que assumem uns aspectos legais, solenes e que são controlados pelo Estado ou pela Igreja sempre vêm da rua e, naturalmente, do *outro mundo* (griffo da autora) para a casa, enquanto todos os cerimoniais – nascimentos, batismos, casamentos, funerais – fazem o movimento inverso: abrem a casa para a rua, transformando o espaço doméstico da moradia em algo público, área onde estranhos podem circular livremente. As festas de rua são carnavalescas e unificam o mundo por meio de uma visão na qual rua e casa tornam-se espaços contínuos, reunidos por uma convivência temporariamente utópica de espaços rigidamente divididos no mundo diário. A troca de lugar define a carnavalização, marca de um elo bem sucedido entre rua, casa e ‘outro mundo’.

A relação da casa e da rua em Pirenópolis é observada de uma forma diferenciada do espaço urbano de uma capital. Com os depoimentos abaixo, fica mais fácil de ser entendida esta oposição. Quanto ao posicionamento na cidade Histórica de Pirenópolis:

Dentro da pousada, a simplicidade, a limpeza, e o relacionamento com o cliente esse diferencial de sentar na porta para conversar, meus tios moram aqui ao lado, e sentam para conversar com os turistas...assim (...) essa coisa bem do interior(...) (Júnior-Pousada Matutina Meiapontense - Pirenópolis)

(...) a alimentação, o costume a forma de receber que sempre na cidade do interior, é diferente, não é aquele recebimento frio, o acolhimento é mais familiar, aonde as pessoas podem ir até para a cozinha, conversar trocar idéias, aonde as relações sociais são muito importante, o modo de ser, ter esse contato original o costume, a conversa, essa sensibilidade não pode ser tirada, o sentar na porta da rua, tanto é que eu coloco as cadeiras na porta da rua e as pessoas gostam de sentar, conversar de ver

a rua, ver as pessoas passarem - isso é um diferencial, muito grande porque o turista busca isso(...) por parte da pousada. (Esdras – Pousada Dona Geni - Pirenópolis).

Em relação aos serviços prestados em hotéis na Cidade de Goiânia a expectativa é outra, conforme afirma o gerente do Hotel Casto's.

Os turistas buscam um serviço mais especial no apartamento, a cortesia no check-in e agilidade no check-out, pois seu tempo é curto(...) então seu maior contato está no café-da-manhã, pois o cliente dorme, acorda e já volta a sua origem. (Olavo –Hotel Castro's - Goiânia.)

De acordo com os relatos sobre a expectativa do turista quanto às Pousadas de Pirenópolis, entende-se como ato do cotidiano e de proximidade o sentar na porta da pousada e conversar, trocar idéia, dialogar, visto que é um local social, seguro, tranquilo, onde as pessoas já se relacionam entre si ou não, já que o turista, quando está inserido neste meio, também quer vivenciar com um certo saudosismo esta relação de proximidade entre a casa e a rua, ato este que faz parte do estilo de vida da cidade de Pirenópolis. Esta relação já não existe na metrópole, pois este espaço distancia a relação da rua com o espaço de convívio, por estar cercada de insegurança, de estranhamentos e da indiferença nas relações pessoais, onde as pessoas têm pressa, são individualistas e introspectivas.

Ao mergulharmos nas concepções de DaMatta (1991), fica clara a distinção de que determinados espaços geram atitudes específicas que podem ser observadas de forma diferenciada dependendo do espaço ocupado. Se voltarmos nosso olhar a um espaço de metrópole, o estranhamento se dá com a 'pressa', a 'rapidez' exigidas pelo mundo dos negócios, somando-se a estas a preocupação com a segurança, com os inúmeros espaços ocupados por 'desconhecidos' e 'arredios' ao contato pessoal.

Com a cidade do interior, acontece exatamente o contrário, as pessoas do local mantêm como uso e costume sentar na porta da casa, para observar a vida passar, bater papo, conversar com os vizinhos e, por que não, com o estranho, o 'turista' que, ao viver esta situação, resgata seu lado 'nostálgico' que já não é mais vivido, em função do seu estilo de vida, em virtude da sua demarcação social e espacial.

As pousadas de Pirenópolis possuem a característica do resgate, da proximidade pessoal, do relacionamento, e procura esta interface com a relação do espaço e da casa. DaMatta (Ibid) consolida este pensamento quando escreve sobre a casa e afirma ser este espaço de calma, de

repouso, de hospitalidade, do laço de simpatia, de um local que reflete a idéia de amor, de carinho e de calor humano. Já em oposição a este sentimento, vem a hotel que oferece padrões de serviços internacionais, onde o turista possui um contato mais 'sutil' e 'distante', sem proximidade ou envolvimento mais direto.

Outro aspecto que pode ser observado como referência cultural nas cidades do interior é a relação de cordialidade entre os habitantes e os visitantes.

Segundo Holanda (2003, p. 146), a 'cordialidade' do brasileiro é uma consequência da maneira como esse se relaciona com a sociedade: reduzindo o indivíduo à parcela social. O desejo de estabelecer intimidade seria, na visão do autor, uma das formas como se expressaria a chamada *cordialidade brasileira*. No que pese a verdade ou não dessa hipótese, mostra que nem sempre esse afã de intimidade esgotava-se em si mesmo, sem outros interesses, muitas vezes camuflados de diversas maneiras.

Nesse sentido, insere-se a hospedagem daqueles que se encontravam em posições de mando. Nesse caso, o desejo de intimidade ia muito além daquilo que poderíamos chamar de 'cordialidade', pois a aceitação do convite quase sempre pressupunha a concessão de favores pessoais ou, na pior das hipóteses, representava o prestígio do hospedeiro perante seus pares. Antes mesmo de se estabelecer esse grau de 'intimidade', a simples visita de alguma autoridade era muito disputada por quantos estivessem interessados em estabelecer vínculos com o fim de usufruir de benesses pessoais. Não se pode dizer, porém, que toda hospitalidade baseava-se exclusivamente em interesses materiais, políticos ou mesmo no desejo de ver aumentando o prestígio. No caso dos viajantes estrangeiros, parece que havia um certo orgulho em recebê-los, ou por serem homens de ciência, ou talvez por serem simplesmente estrangeiros, todos em grande consideração por terem vindo de famosas e prestigiadas nações do globo.

Conforme foi visto antes, a cordialidade da população de Goiás também pôde ser observada por Saint-Hilaire, quando na sua estada em Pirenópolis, foi acolhido pelo Comandante Joaquim Alves de Oliveira.

A 5 léguas de Gonçalo Marques parei na fazenda do comandante de Meia-Ponte, Joaquim Alves de Oliveira, para quem o governador da província me tinha dado uma carta de recomendação, tendo nessa ocasião feito grandes elogios a ele. A acolhida que me deu foi perfeita, e passei alguns dias em sua propriedade. [...] Entre os brasileiros que conheci, era ele, talvez, o que tinha mais aversão à ociosidade. "Concedo a meus hóspedes", dizia-me ele sorrindo, "três dias de descanso. Ao cabo desse tempo, porém, descarrego sobre eles uma parte dos serviços da casa." As conversas de Joaquim Alves

revelavam que ele era dotado de um grande amor à justiça e de uma religião sem mesquinhez. Era homem de muito senso, de uma grande simplicidade e de uma bondade extrema.¹³.

Utilizando o referencial de Holanda (op. cit.), sobre a hospitalidade do brasileiro podemos conferir que atualmente a cordialidade se mantém enraizada, na tradição dos meios de hospedagem da cidade de Pirenópolis, nas pousadas selecionadas, como se observa nos três primeiros relatos citados abaixo:

O traço de Goianidade mais representativos é a ‘Hospitalidade’, o aspecto do Goiano é a receptividade - tanto por parte da comunidade como também das autoridades da localidade. (Marcelo – Pousada Taman Baru- Pirenópolis).

Meu avô sempre disse que “o cliente sempre tem razão, então atender bem”, atender bem, pois a hospedagem é para todos os níveis de pessoas, então tem que manter a pousada limpa um bom café da manhã, este tipo de coisa. (Júnior – Pousada Matutina Meiapontense –Pirenópolis)

O costume, a forma de receber, que sempre na cidade do interior, é diferente, não é aquele recebimento frio, o acolhimento é mais familiar, aonde as pessoas podem ir até para a cozinha, conversar trocar idéias, aonde as relações sociais são muito importante, o modo de ser, ter esse contato original. (Esdras, Pousada Dona Geni-Pirenópolis).

A cordialidade em um espaço metropolitano também se manifesta como um diferencial como pode ser observada no relato abaixo:

Possuímos uma classificação hoteleira que segue normatizações, padrões de atendimento, atendemos com muita simpatia e cordialidade, este é o nosso diferencial. (João Carlos – Hotel Castro’s- Goiânia)

A cordialidade se faz presente em ambos os relatos, no entanto o francês Saint-Hilaire descreve a forma calorosa com que foi recebido por Joaquim Oliveira, personalidade local de grande prestígio na época, que oferecia o pouso por três dias de graça, depois o pagamento seria através de serviços prestados, pois não gostava da ociosidade. Já Marcelo, da Pousada Taman Baru, fala da receptividade com que foi acolhido quando chegou em Pirenópolis e destaca esta receptividade como um traço de identidade da cultura local. Júnior, da Pousada Matutina Meia Pontense, fala da forma do tratamento que foi deixado como legado cultural em sua família, onde atender bem o cliente é prioridade, ou seja, o lema: ‘o cliente sempre tem razão’ foi deixado pelo avô, como um traço marcante e que determina o tratamento que é dado ao hóspede hoje. A Sr^a

¹³ Cf. Saint-Helaire. In: www.pirenopolis.tur.br

Esdras fala do tratamento acolhedor, intimista que aproxima o cliente do ‘seu’ lar, mesmo que fora de casa, com a “troca de idéias” na cozinha, local este reservado às pessoas mais próximas. Ela refere-se a isso como um contato ‘original’, autêntico, e critica o tratamento identificado por ela como ‘frio’ que é típico dos grandes hotéis das capitais. No entanto, com outro olhar sabe-se que, para o hotel estar classificado como cinco estrelas, o Castro’s necessita seguir alguns padrões que são estabelecidos pelos órgãos regulamentadores, que determinam a sua escolha nesta fatia de mercado, tais como o atendimento acolhedor ao cliente. Contudo, visto pelo prisma da proximidade interiorana, é conceituado como algo ‘frio’ sem ‘envolvimento’. Para o Hotel Castro’s, esta classificação e as normatizações são fatores de atratividade e consolidação de uma padronização, serviço este que geralmente é buscado pelo turista de negócios, público alvo deste estabelecimento.

Hobsbawm (1984) mostrou que numerosas “tradições”, principalmente de natureza ritual e festiva, não são seculares ou milenares como se quer fazer crer, e sim produto de responsáveis de instituições como forma de valorizar o passado, ou seja, numerosas práticas, aparentemente muito antigas, imemoriais, ‘tradicionais’, são recentes e obedecem de modo geral a três modelos convergentes: o que estabelece ou pertence a grupos e comunidades, reais ou fictícios; o que estabelece *status* ou relações de autoridade; o que socializa sistemas de valores e convenções comportamentais. Esses modelos estão ligados à hospitalidade, ainda que de forma quase inconsciente, toda casa, cidade, hotel ou restaurante criam o seu estilo, inventam uma tradição de hospitalidade. O maior ou menor grau de consciência dessa *invenção de uma tradição* é a garantia de sua continuidade (grifo da autora).

O hotel Castro’s segue um padrão de classificação, segue um estilo de ‘acolhida’ pré-determinado por normativas. Ainda que muitas vezes equivocadas, conduzem ao simulacro, há um estilo e uma tradição inventados.

Segundo Barbosa, (2004, p.36), “os simulacros¹⁴ são montados para seduzir os turistas” a relação da normatização aliada à simpatia e à cordialidade, pode apenas *espetacularizar* a cordialidade do brasileiro, sendo inautêntica.

¹⁴ Simulacro: s.m. Imitação; aparência; fingimento. (In: BUENO, S. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000. p. 716).

Qualquer que seja a forma de olhar as relações sociais estabelecidas em diferentes contextos sempre estarão vinculadas ao homem enquanto ser social. Mauss (apud CAILLÉ, 2002, p. 9) afirma que

a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir constitui o universal socioantropológico sobre o qual foram constituídas as sociedades antigas e tradicionais. Foi tomando essa obrigação como alicerce que se edificou aquilo que se poderia designar, generalizando, a sociedade primeira.

Pelo fato do turismo ser um fenômeno caracterizado pelo movimento de pessoas – pessoas recebendo pessoas, pela busca do conhecimento, pelo consumo do espaço e, também, pela sua dinamicidade - podemos reconhecer que os impactos do turismo e suas conseqüências modificam-se continuamente. As necessidades e motivações dos indivíduos, seja do turista, seja da comunidade receptora, também são dinâmicas, estão em constantes processo de transformação e relacionam-se à economia, à cultura, ao meio ambiente e aos avanços tecnológicos.

Ruschmann (1999, p. 34) escreve que os impactos do turismo têm sua gênese em processos de mutações e, por isso, não são acontecimentos específicos

[...] Eles são a conseqüência de um complexo de interação entre os turistas, as comunidades e os meios receptores. Muitas vezes, tipos similares de turismo provocam impactos diferentes, de acordo com a natureza das sociedades nas quais ocorrem... As variáveis que provocam os impactos têm natureza, intensidade, direções e magnitude diversas.

O turista busca elementos da paisagem, os espaços construídos e o movimento da vida. É esse fator de estranheza de como a vizinhança vive diferentemente e realiza a proeza da sobrevivência com sentido que atrai e estimula o movimento do visitante.

Barreto (2003, p. 23) diz “pode-se dizer que o turista é essencialmente uma pessoa que procura conhecer, passear, desfrutar de outro lugar diferente daquele em que mora”. Esta afirmativa pode não vir ao encontro da posição de um dos entrevistados, tendo em vista que o seu público alvo é um turista que pertença ao nicho de mercado do segmento empresarial, ou seja, os executivos, que enfrentam um cotidiano frenético e com seu tempo cronometrado. Isso, entretanto, não significa que não tenham interesse em conhecer algo novo, mas falta o tempo condizente para desfrutarem de novidades, conforme segue relato da entrevista:

Temos um tipo de cliente bastante diversificado (...), ou seja, não temos um tipo específico de turista, o maior público é de executivo, podendo variar entre participantes de eventos e lazer. Os turistas buscam um serviço mais especial nos apartamentos, no check-in, no check-out, e no café da manhã. Hoje a sala de ginástica, está com um Personal Trainner, que faz um atendimento personalizado, procuramos atender a diversas solicitações dos hóspedes. (Olavo de Castro - Gerente Geral do Hotel Castro's - Goiânia).

No primeiro momento, observa-se que o perfil do consumidor deste serviço é bastante exigente com agilidade, qualidade, profissionalismo e, se possível, com a personalização do serviço prestado. O contexto em que o empreendimento está inserido é de uma região central da capital do estado de Goiás. De acordo com o que observamos anteriormente, em contraposição, vem outra categoria de serviços oferecidos pela 'cidade turística' que oferece um tratamento mais 'autêntico' sem 'padrões' ou distanciamentos em sua forma de prestar o serviço. Como podemos observar no relato de outros estabelecimentos entrevistados:

O público não vem para ouvir o formal, tipo: "Sim Senhor - Não senhor", mas sim aquela coisa do Goiano, que fala com caráter bem regional, mas o nosso diferencial é o fato de dar atenção, é o que foge do formal, do tipo 'banco', todo 'arrumadinho'(...) de forma convencional. (...) Não usamos uniformes, tentamos fugir do normal do tradicional, do tratamento com frieza. Muitas pessoas chegam aqui e dizem: "Oi Júnior aquele quarto está reservado pra mim? aquele que fiquei aquele dia (...) lembra? E muitas vezes eu nem lembro qual foi o quarto, mas dou o devido valor e importância que o cliente quer ouvir." (Júnior – Pousada Matutina Meiapontense - Pirenópolis).

Seria este turista, um pesquisador de novas experiências ou vivências? No olhar do Gerente da Pousada Matutina Meiapontense, o 'informalismo' proporciona maior proximidade no relacionamento – cliente e estabelecimento – a valorização do caráter regional, do ser autêntico, da tradição, na compreensão do Gerente, é o que possibilita uma maior proximidade do cliente com a empresa. Em oposição a esta conduta, está o Hotel Castro's, que padroniza este tipo de atendimento, utilizando o tratamento de "Sim, Senhor", "Não, Senhor" e que de certa forma, mantém um distanciamento exigido pela postura profissional dos prestadores de serviço desta empresa. No entanto, podemos afirmar que a essência da relação humana faz parte do lugar e vice-versa. É no *lugar* que o indivíduo afirma sua identidade, pois é nele que ele existe, já que a identidade cultural anda de mãos dadas com a política cultural. Pois uma pessoa só pode ser livre na arena cultural apropriada, em que seus valores são respeitados, em uma sociedade

multicultural as diferenças culturais devem ser respeitadas, e até mesmo estimuladas. A sobrevivência cultural representa o resultado dessa política.

3.2 Fator motivador da hospedagem nas pousadas de Pirenópolis

As condições de vida impostas pela modernidade estimulam o homem a dispor de grande parte de sua vida ao trabalho, acrescido do tempo gasto na circulação nas grandes cidades, essas condições têm gerado no homem uma crescente necessidade de lazer associado ao desligamento de sua rotina estressante e massificante. O lazer, associado ao desejo de evasão das grandes cidades, torna-se uma necessidade do homem moderno, que carece buscar ambientes e situações condizentes com sua dimensão humana. Urry (1996, p. 19) observa que “ser turista é uma das características da experiência moderna”. Ao homem tornou-se imprescindível dissociar-se do cotidiano, desligar-se de suas condições rotineiras, as condições de trabalho e moradia deficientes, o enorme tempo gasto em circular nas grandes cidades, a dificuldade em “estar consigo mesmo” e um grande vazio interior exigem compensações. É para este restabelecimento espiritual que o turista busca a cidade de Pirenópolis, quebrando a rotina do seu cotidiano e, como em um processo de imersão, participa, interage e/ou observa os eventos festivos, tais como: a Festa do Divino, as Cavalhadas, o Festival Gastronômico e o Canto da Primavera. Esses eventos tornam-se atrativos e geram uma demanda para os diversos equipamentos turísticos, a hospedagem é acolhedora e consolidada pela culinária regional e diversificada, aliada à tranquilidade do centro histórico com seu casario secular, mais a oferta diversificada de artesanato, o enaltecimento maior se dá com a beleza paisagística e as opções de contato com a natureza em inúmeras cachoeiras. Krippendorf (1989, p. 26) consolida esse dizer afirmando que “o turismo poderia, eventualmente, ser um enriquecimento humano, um estímulo para um dia a dia melhor, para uma sociedade superior”.

3.2.1 O contato com a natureza

Sabe-se que para experienciar a natureza é necessário ampliar a capacidade de percepção, a maneira de se relacionar e pensar nela. O ecoturismo pode ser concebido e planejado

respeitando o seu potencial de, além de conservar a natureza, poder ampliar as possibilidades humanas de desenvolver uma relação integral com ela. Nesse processo, ele pode contribuir para que os indivíduos evoluam em relação ao conhecimento e respeito a si próprio e, ao mesmo tempo, propiciar o desenvolvimento de uma relação de respeito e interesse pelo outro. Com este referencial, podemos ratificar a importância do contato com a natureza, como quebra da rotina artificializada que o homem vive, que pode ser analisada na afirmativa abaixo e observada no registro fotográfico, conforme segue o depoimento abaixo do proprietário da pousada Taman Baru em Pirenópolis.

O contato com a Natureza, pois a maior parte dos nossos clientes têm um contato muito grande com o Urbano, onde as crianças são voltadas para a escola e falta este contato com a Natureza, é importante para a formação desta nova geração que vem, ligada com a informatização, aqui eles voltam a ter contato com o banho de cachoeira, andar de pés descalço, tomar banho de cachoeira, de rio, andar pela rua à vontade, sem a preocupação de segurança, uma vez que a cidade proporciona este bem estar, pois o turista aprecia andar pela rua sem preocupação, deixa seu carro, e respirar essa sensação interiorana, pois a maior parte destes turistas procedem de cidades que não têm estas características. (Marcelo -Pousada Taman Baru- Pirenópolis).

Foto 31: Pousada Taman Baru, -Pirenópolis - incrustada na mata.



Fonte: www.pousadatamanbaru.com.br- 2006

Lopes (1996) entende que a paisagem media a relação do ser humano com os sistemas físico e biótico da natureza. Essa relação ocorre de dois modos:

o material, formado de componentes bióticos e abióticos que promovem coesão do sistema no espaço e no tempo, perceptivelmente, porque acompanham os usos que a sociedade ou o indivíduo faz dos elementos do seu meio ambiente dentro do quadro de vida pessoal e social. O outro modo de relação estabelecida pelo ser humano com os sistemas físicos e bióticos da natureza é o imaterial, concerne às interações que transformam o sistema biológico e físico em paisagem. Estão ligados “à afetividade e à intimidade com o vivido”. (LOPES, 1996, p.113).

Foi constatado na pesquisa que a interação do homem, não ocorre apenas na contemplação, mas também na relação com o meio, fato este registrado pela pousada Matutina Meiapontense, com esportes inseridos no ambiente natural, como pode ser observado na entrevista:

O que é o mais importante para a pousada e para os turistas é o eco-turismo, as cachoeiras, os parques e a gastronomia que é bem diversificada. (...) Mountain-bike o paraíso é aqui (...) não em termos de competição, só para lazer, esporte. (Júnior – Matutina Meiapontense - Pirenópolis)

Vivemos em uma sociedade racionalista, tecnológica e objetiva. No entanto, o sentir o ambiente ao nosso redor é algo inerente ao viver. Ao caminhar pelos espaços naturais, somos convidados não mais a observar o que vemos, mas observar a nós mesmos enquanto componentes daquele ambiente. Esse é o fator motivacional de muitos turistas que buscam a cidade histórica de Pirenópolis e, em especial, citamos a Pousada Taman Baru, que proporciona um contato direto com a natureza, onde os chalés e bangalôs estão inseridos em uma extensa área arborizada no entorno da mata. O público alvo da pousada são famílias, provenientes das grandes cidades e que buscam fugir da artificialidade vivenciada em seu cotidiano. No entanto, observa-se que a Pousada Matutina Meia Pontense, está mais voltada à prática de esportes, em especial ao *Mountain-bike*, não no formato de competição, mas sim de níveis de obstáculos ou dificuldades a serem superadas. Esporte este que está intimamente ligado ao contato com a natureza.

O entendimento se volta ao fato de que a natureza *sempre* esteve numa relação íntima com o homem, no entanto a recíproca é que não é verdadeira, não se trata de opor natureza à cultura, mas de complementar uma situação de forte interesse comunitário. A opção pela

natureza não impede outras construções identitárias, muitas das quais, aliás, nem sequer ocorrem no campo do mundo tangível.

3.2.2 A Gastronomia na hospedagem

A hospitalidade se dá através de trocas e compartilhamentos de bagagens intelectuais, de entendimentos e percepções sobre determinados fatos e atos da convivência entre eles. Tais experiências podem ser positivas ou não. Como, por exemplo, a alimentação fora de casa; variáveis tangíveis (o alimento e a bebida) e intangíveis (serviço, clima e ambiente) podem interferir na sua avaliação, pois qualquer sentimento que o indivíduo vivencia quando ele chega ou sai do restaurante deve ser considerado, porque tal sentimento faz parte do “ato de comer”.

A satisfação das necessidades alimentares é condição indispensável para a manutenção da vida. O regime alimentar deve garantir a sobrevivência, deve garantir as necessidades nutricionais. Mas o nível de satisfação dessas necessidades, cuja definição é objeto de controvérsia, varia qualitativamente e quantitativamente de uma sociedade para outra.

É certo que a gastronomia está ligada ao prazer. A preferência por algum alimento e por determinados pratos nos diferentes grupos humanos está ligada à sensação de saciedade e de prazer.

Segundo Levi-Strauss (1996), o consumo do alimento é uma contrapartida à maioria das manifestações sociais e se traduz, talvez, inconscientemente, com a estrutura das sociedades.

Ao comer, o homem se despe de muitas máscaras, se exterioriza, exerce, de certo modo, sua posição numa sociedade. A busca de prestígio e distinção, necessidades citadas por Maslow e apoiadas por Bourdieu (apud AZAMBUJA, 2000), é um elemento permanente na dinâmica das escolhas alimentícias. Essa dinâmica é exercida entre os indivíduos e os grupos de diversas sociedades e entre as sociedades tradicionais, todas em confronto com a influência da cultura, com o conforto da era industrial urbana.

O conhecimento do preparo dos alimentos e o ritual da alimentação através dos tempos são atividades simbólicas que permitem a compreensão da evolução e formação das sociedades até os dias atuais. A idéia de compartilhar o alimento se associa ao princípio básico da hospitalidade: o prazer de satisfazer as necessidades dos outros que, explicado por teorias

psicológicas, gera uma recompensa, acima de tudo, emocional e que faz parte da condição humana.

Com a realização da pesquisa, ficou bem evidente a importância do serviço ‘café da manhã’ para os estabelecimentos que comercializam a hospedagem, independente de classe social atendida ou padrão do estabelecimento. Observa-se esta preocupação em todos os estabelecimentos, ambos procuram oferecer itens da culinária regional e, preferencialmente, itens confeccionados no próprio local, onde o ‘aroma’ torna-se instigador e motivador. Conforme pode ser melhor compreendido pelos relatos abaixo:

Procuramos valorizar a culinária regional, e sempre que possível confeccionar aqui mesmo, pois o ‘cheirinho’ é instigador, como: pão de queijo, o bolo ‘Mané pelado’ são assados na hora. (Marcelo – Pousada Taman-Baru - Pirenópolis)

Com relação à alimentação: as quitandas quitutes, biscoitos, bolos, são regionais locais, pois compro também na ‘Dora doces’, que mantém o regional, a maioria das quitandas é feita aqui na nossa cozinha e também em Pirenópolis... (Esdras – Pousada Dona Geni - Pirenópolis)

Nosso café é bem variado, procuramos servir sucos das frutas da época e da região, tais como: cajuzinho, acerola, manga, mangaba entre outros (...) as quitandas são feitas aqui mesmo. (Júnior – Pousada Matutina Meiapontense - Pirenópolis)

É durante o café da manhã, que muitas vezes o nosso cliente observa e avalia nosso serviço, então procuramos diversificar atendendo o público ‘diet e light’ com produtos direcionados a eles, assim como o público que quer produtos regionais tais como: pão de queijo, pamonha e a rabanada. Café da manhã é um dos nossos serviços mais importantes, pois o cliente dorme, acorda e já volta a sua origem. (Olavo - Hotel Castro’s - Goiânia)

Os ritos da refeição são paradigmas de toda ritualização social. Durante a refeição, as toalhas, os talheres, o lugar dos convidados, os ritos à mesa, as conversas e o serviço criam, ao mesmo tempo, proximidade e distância: senta-se junto no mesmo espaço, no entanto se fortalece a diferença ao desconhecido. Nos meios de hospedagem, convencionou-se que o serviço de café da manhã é um serviço de *self-service*, em que as mesas são arrumadas em um único espaço, com toalhas, talheres, xícaras, açúcar e adoçante além da decoração individual das mesas. O que diferencia um estabelecimento do outro é a qualidade do material utilizado, a quantidade, variedade e o tipo de alimento oferecido, geralmente os alimentos ficam expostos em uma mesa de *buffet*, o que dá total autonomia ao cliente de escolha e quantidade a ser servida. A Pousada Taman Baru utiliza-se da estratégia do ‘aroma - olfato’ como fator atrativo e intangível, pois a área de confecção dos alimentos fica bastante próxima do local de consumo. Já a Pousada

Matutina Meiapontense, preocupa-se em oferecer frutas da época, em seus sucos. Para o Hotel Castro's, o café da manhã, deve atender à diversidade das necessidades do seu público, procurando atender com o *light, diet*, além do regional.

Não se pode esquecer que a gastronomia pode ser um meio de sociabilidade. Ela nunca é uma unanimidade chata e enfadonha, ao contrário, é sempre um confronto mais ou menos violento. Se a mesa pode ser o lugar em que se estabelecem as mais sólidas amizades e os mais suaves laços afetivos, é igualmente o lugar onde se desencadeiam e se manifestam os mais diferentes sentimentos. Em torno dela é possível se amar ou se detestar.

A pousada da Dona Geni, consolida o pensamento citado acima, quando relata o fato da proximidade da cozinha, com o bate papo, com a sociabilidade, esta troca de experiências e conhecimentos, como pode ser conferido abaixo:

O que nós estamos fazendo para sustentar as tradições: manter a alimentação com caráter regional, o costume esta nossa forma de receber que sempre na cidade do interior, é diferente, não é aquele recebimento frio, é o acolhimento é mais familiar, onde as pessoas podem ir até para a cozinha, conversar trocar idéias, aonde as relações sociais são muito importantes, o modo de ser, ter esse contato original, o costume, a conversa, essa sensibilidade não pode ser tirada (...). (Esdras, Pousada Dona Geni – Pirenópolis)

O alimento – sua cor, textura, aroma e sabor – remete o indivíduo às mais remotas lembranças de experiências e emoções positivas ou negativas vivenciadas em determinadas ocasiões que, dentro desse contexto, cada um apresenta experiências de vida ímpares e não quantificáveis.

A sociabilidade é possível porque há confronto coletivo, aí se vêem ligados os dois aspectos que tentamos esclarecer a propósito da culinária: ela gratifica o corpo e permite a troca, à maneira do que é consumido, essas duas funções se esgotam no próprio ato. Nesse sentido, a aparência da refeição é um modelo indispensável ao fato social.

3.2.3 A identidade do artesanato

Ao contemplarmos um artesanato, logo nos voltamos ao questionamento: de onde é e quem confeccionou? Em Pirenópolis, a presença dos artesãos nas lojas de comercialização cria um diferencial na importância atribuída à tal obra, pois para o turista, torna-se mais autêntico e o

valor intangível é agregado com outro olhar. Juntando-se a estes fatores, podemos falar da diversidade somada à exclusividade, estes são os diferenciais dos demais artigos de artesanato ofertados no mercado, o que pode ser ratificado pelo relato abaixo do proprietário da pousada Taman Baru:

Com relação ao Artesanato, o comércio de Pirenópolis, oferece uma característica, da 'exclusividade' onde você tem diversas lojas, com uma diversidade de produtos muito grande, que você não encontra em nenhum outro lugar (...) pois quando você entra na loja é o artesão que está lá, (...) pois durante o final de semana o artesão está vendendo o seu produto e durante a semana está confeccionando os artigos, dos diversos setores tais como: de móveis, cerâmicas, jóias em prata, e isso reforça o interesse do turista em levar algo que marque sua visita em Pirenópolis. (Marcelo – Pousada Taman Baru – Pirenópolis)

O turista gosta de levar 'algo' do local visitado, seja uma camiseta ou uma obra de arte independente o valor ou simplesmente levar na memória o bate-papo com o artesão, ou com o morador que contou suas lembranças do passado, o passear na rua a pé, despreocupado e relaxado, são fatores que não são encontrados nos grandes centros. Essa materialidade da cultura “sempre remete a alguém ou algum lugar, permanecendo como um elemento de uma paisagem (inter) subjetiva” (LIMA FILHO; SILVEIRA, 2005, p. 39).

Na capital goiana, o artesanato é diversificado e sem um caráter próprio, não possui um local que seja motivador para visitação. A secretaria do estado, realiza eventos em que os artesãos se reúnem para divulgar seu trabalho, mas tudo de uma forma muito improvisada, com banquinhas que são montadas e desmontadas diariamente e, somando-se a isto, a mistura de alimentos com produtos artesanais. Nas diversas feiras existentes em Goiânia, em muitos casos, o artesanato vira uma 'mercadoria' com o propósito de comercialização, misturado aos importados. Estes dados podem ser consolidados com a observação do gerente do Hotel Castro's, quando ele descreve o que o turista busca quando está em Goiânia.

(...) Temos clientes que vêm exclusivamente para trabalho, para compras em especial na feira da lua, para tratamentos. Também temos um nicho bastante considerável que são as pessoas que moram próximas à Goiânia, e que têm poucas opções de lazer, já que a praia mais próxima fica a mil km de Goiânia. Os turistas e o público de Brasília gostam de visitar o Museu do Cerrado, a cidade cenográfica que é algo fantástico. Além do Museu Ornitológico, que possui um acervo gigantesco, porém é pouco divulgado (Luiz Carlos- Gerente do Hotel Castro's - Goiânia)

Consolida-se o entendimento que o turista quer ir à Feira da Lua, ou à Feira do Sol, para comprar, passear, ou simplesmente para provar as guloseimas oferecidas.

3.2.4 A autenticidade dos meios de hospedagem

“O Brasil assistiu, nos últimos dez anos, ao crescimento vertiginoso de suas atividades turísticas, que contribuíram com 2,5% para a formação do Produto Interno Bruto da economia. O segmento da hotelaria acompanhou esse crescimento, sendo responsável pela contribuição de 13% do valor gerado pelo turismo”. (BENI, 2003, p.166). Observamos, com isso, que a dimensão pública da hospedagem é também política e afeta tanto uma destinação turística qualquer como uma cidade e um país.

O historiador inglês Eric Hobsbawm (1984) já demonstrou o processo da chamada “invenção da tradição”. Com base em muitos exemplos ocorridos na segunda metade do século XIX e início do seguinte, o autor mostrou que numerosas ‘tradições’, principalmente de natureza ritual e festiva, não são seculares ou milenares como se quer fazer crer, e sim produto de responsáveis instituições como forma de valorizar o passado dos Estados-nação e não raro como forma de reforçar o poder dominante, ou seja, numerosas práticas, aparentemente muito antigas, imemoriais, ‘tradicionalistas’, são recentes e obedecem de modo geral a três modelos convergentes. O que estabelece ou simboliza coesão social ou pertence a grupos e comunidades, reais ou fictícios; o que estabelece ou legitima instituições, status ou relações de autoridade; o que sociabiliza, inculca crenças, sistemas de valores e convenções comportamentais. (HOBBSAWM, 1984)

Estes três modelos tocam questões ligadas à hospitalidade. E, na verdade, ainda que de forma quase inconsciente, toda casa, cidade, hotel ou restaurante criam o seu estilo, inventam uma tradição de hospitalidade. O maior ou menor grau de consciência dessa “invenção de uma tradição” é a garantia de sua continuidade.

A relação estabelecida em diferentes meios de hospedagens analisados nos remetem à análise e compreensão de que o ser humano necessita satisfazer suas necessidades fisiológicas, como sugere Maslow (apud CHIAVENATO 1992), tais como: dormir, comer, entreter-se entre outras. Ao buscar esta satisfação, o homem busca uma estrutura que atenda tais necessidades.

Nos locais pesquisados, ficou constatado que para ambos os estabelecimentos, sua existência é motivada pela rentabilidade financeira que o empreendimento gera – o lucro. Somando-se a este fator está a administração dos empreendimentos com um caráter familiar, direta e em imóveis próprios. A presença dos proprietários é constante e diária, tanto com o cliente, bem como com os fornecedores. Ambos os estabelecimentos possuem uma participação importante no tocante ao mercado local e regional, não somente na geração de empregos, na prestação de serviço, mas também como divulgadores de uma tradição – de uma identidade, seja ela herdada ou criada.

Na cidade histórica de Pirenópolis, observou-se que as pousadas pesquisadas, procuram manter as tradições herdadas de família, manifestadas na prestação do serviço, ou seja, na forma de tratamento com o cliente, através do contato mais direto, próximo, personalizado e sem formalismo, ou no tocante da arrumação das unidades habitacionais (Uh's), espaço este mais reservado à intimidade, com um mobiliário de caráter mais simples, mas com destaque à assepsia e higiene, hábito este herdado que é comprovado em depoimento de Saint Hilaire no primeiro capítulo. A alimentação é diversificada e com caráter bem regional, valorizando o modo e o saber fazer de gerações passadas, as frutas e os condimentos são provenientes da região, e típicas do cerrado.

Não podemos deixar de registrar as interferências, no padrão do estilo colonial observadas durante a pesquisa, em que a Pousada Matutina Meiapontense, buscando 'modernizar', fez diversas adaptações em sua estrutura, tanto física quanto de mobiliário, conforme pode ser confirmada, através do registro fotográfico da próxima página, em que a ampliação da pousada sofre a interferência nas janelas que eram de madeira e passaram a ser de vitral basculante, interferindo na estrutura do estilo colonial de Pirenópolis. Também, na mesma pousada, as paredes originais que eram de adobe, foram azulejadas e cobertas com uma camada de concreto. No entendimento do proprietário: "foi se aperfeiçoando - modernizando". Bem como a bancada para a montagem do café da manhã foi estruturada uma bancada em mármore, com azulejos com padrão moderno, que contrasta com o mobiliário do estabelecimento e pode ser conferido no segundo registro fotográfico da próxima página. Este meio de hospedagem mantém de forma original as cores e a fachada, tombadas pelo Patrimônio Cultural Brasileiro de 1989.

Foto 32: Interferência do Moderno com o Colonial.
No primeiro plano as janelas coloniais, foram substituídas por janelas de vidro, além da ampliação do telhado.



Fonte: Pousada Matutina Meiapontense (*in loco*)- Pirenópolis.
Autora: Naiara Denicoló – 2006.

Foto 33: Parede que era em Adobe, foi concretada e azulejada, com a bancada para a Montagem do serviço de café da manhã .



Fonte: Pousada Matutina Meiapontense – Pirenópolis.
Autora: Naiara Denicoló –2006.

Foto 34: Interferência do contraste no mobiliário, móveis contemporâneos, com móveis relegados ao esquecimento.



Fonte: Pousada Matutina Meia Pontense (*in loco*) – Pirenópolis.
Autora: Naiara Denicoló- 2006.

Constata-se que as alterações e modificações da Pousada Matutina Meiapontense foram conseqüências da falta de planejamento e ocorridas ao acaso da situação, sem uma preocupação em manter o estilo colonial.

A Pousada Dona Geni também possui sua fachada tombada pelo Patrimônio Cultural Brasileiro, e mantém de forma arraigada o mesmo padrão de estrutura em sua ampliação, nas cores azul e branco, como pode ser observada no registro fotográfico da próxima página, o local a ser ampliado é a sala de café da manhã. Esta pousada está encravada no contato com a natureza, onde as árvores fazem parte da arquitetura e da paisagem do local.

Nesta pesquisa, constatou-se que “os estudos os quais tratam das relações de poder no Brasil, numa concepção regional e local (Estado e Municípios) têm evidenciado a importância da família como instituição essencial, formadora das relações sociais desde o Período Colonial.” (NUNES, 2001, p. 66).

A Pousada Dona Geni é administrada por três gerações de mulheres que, no passado, há trinta anos, viram-se sozinhas e desamparadas. Vislumbraram na hospedagem uma forma de

levantar recursos para sua subsistência, iniciaram vendendo quartos, na sua residência, para os comerciantes da região e, gradativamente, foram ampliando seu empreendimento. Atualmente, a pousada tem 21 apartamentos e a visão das administradoras é de ‘modernizar o visual’, sem perder o caráter de proximidade com o cliente e, em especial, as tradições herdadas da progenitora e matriarca, Dona Geni, que atualmente está com 81 anos e se mantém trabalhando e atendendo os turistas que ali chegam.

De acordo com Nunes (op. cit., p. 69), “o papel da família no século XIX foi crucial para o desenvolvimento do sistema político brasileiro e funcionou como estrutura básica de apoio ao desenvolvimento econômico de Goiás.”. Nessa perspectiva, destaca-se a importância do papel da família, aliada à prestação do serviço como gerador de recursos econômicos e sociais, não só o papel da família, mas em especial o papel da mulher goiana, sua representatividade e sua participação, conforme já abordado no primeiro capítulo.

Nos dois registros fotográficos abaixo, podemos constatar que a Pousada Dona Geni encontra-se localizada no centro histórico da cidade de Pirenópolis, ‘guardiã’ de um legado histórico, enraizada e mantenedora de uma tradição herdada de família. Consolidadora da identidade familiar e local.

Foto 35: Ampliação da sala do café da manhã, que mantém o padrão da arquitetura colonial pirenopolina.



Fonte: Pousada Dona Geni – Pirenópolis.
Autora: Naiara Denicoló- 2006.

Foto 36: Os apartamentos estão incrustados na natureza e a paisagem contempla e margeia o Rio das Almas



Fonte: Pousada Dona Geni (*in loco*) – Pirenópolis.
Autora: Naiara Denicoló – 2006.

Com outra vertente está a Pousada Taman Baru, localizada na estrada dos Pireneus e rota das cachoeiras, encravada na Serra dos Pireneus, em uma área muito arborizada. Este estabelecimento não possui raízes regionais, pois os proprietários são remanescentes de outros estados brasileiros, e a pousada está em operação apenas há dois anos. Observa-se que o pensamento preservacionista está consolidado nos gestores deste empreendimento, no entanto o diferencial está no ‘contato com a natureza’ e na estrutura física dos apartamentos, no mobiliário, no serviço oferecido, em que o aroma faz parte da atratividade. Os bangalôs são bem arejados e em harmonia com o entorno preservado da mata, as acomodações são decoradas com mobília asiática, com camas *king size*, lençóis de 200 fios e varandas privativas com redes. Um ambiente moderno, arrojado e inovador, para os moldes do contexto pirenopolino, que pode ser reconhecido no registro fotográfico.

Foto 37: A natureza, inserida na hospedagem – Pousada Taman Baru- Pirenópolis.



Fonte: www.pousadatamanbaru.com.br – 2006.

3.3 Fator motivador da hospedagem em Goiânia

Nosso olhar se volta para a metrópole, para uma cidade freneticamente agitada em seu cotidiano, onde as pessoas não têm tempo para bater papo ou sequer conhecer seu vizinho, muito menos para sentar na calçada e olhar a vida passar. A tentativa da inserção do regionalismo, em locais como restaurantes ou hotéis, pode parecer saudosismo, nostalgia ou simplesmente a busca por um resgate de tradições. Nunes (2001, p. 69), escreve que “Goiânia é uma metrópole dinâmica e em rápida expansão, porém muitas regras sociais ainda são adaptadas daquelas de uma comunidade pessoal”.

Na capital do estado de Goiás, a hospedagem não estabelece características da identidade ou da tradição do povo goiano, uma vez que a capital planejada simboliza o moderno e o novo. Nessa perspectiva, a evolução da hospedagem na capital acontece sem a preocupação com o legado histórico e cultural do estado. Na década de 80, surge um empreendimento de hospedagem ousado no requinte e na modernização. A proposta foi idealizada pelo proprietário, Sr. Olavo de Castro, com o objetivo de proporcionar às suas filhas que elas pudessem trabalhar

em um empreendimento próprio, pois o proprietário, um agropecuarista com muitas posses, se desfez de algumas propriedades para construir o hotel.

3.3.1 Hotel Castro's: representação do padrão internacional x tradição cultural goiana reconstruída

Atualmente o Hotel Castro's consolidou-se no mercado da capital como o hotel que oferece o serviço 5 estrelas, usa o *slogam* "O primeiro e o único 5 estrelas da cidade". O padrão de serviço oferecido foi referenciado no mercado internacional que, de certa forma, chegou quebrando paradigmas na cultura goiana. O processo de 'mimificação' é absorvido pelo estabelecimento, transformando-se em um local de 'espetacularização' relegando as tradições goianas.

Com o passar do tempo e percebendo a lacuna do regionalismo de valorização da identidade do goiano, o Hotel Castro's insere em sua hospedagem o conceito do apartamento goiano. Esta proposta foi concebida por artistas e *designers* goianos, com a preocupação em unir o rústico ao contemporâneo, com interferências de vidros coloridos que traduzem a modernidade e contrastando com a tecelagem da colcha e cortinas que levam em suas pontas sementes do cerrado goiano. O mapa do estado de Goiás foi representado em vidro *fusing*¹⁵, apontando os principais pontos turísticos do estado. Acima da cama, o quadro foi inspirado nos cristais de Goiás, na mesa, seu pé lembra as voltas do cipó e seu tampo um cocar, inspirados na cultura indígena. Nos apartamentos, o *design* e o artesanato parecem tratar das mesmas coisas, contudo há peças modernas ao lado das "tradicionalistas" como podem ser observadas no registro fotográfico a seguir:

¹⁵ *Fusing*: arte milenar da fusão do vidro a 800 graus.

Foto 38: Apartamento Goiano - Hotel Castro's – Goiânia.



Fonte: www.castrospark.com.br- 2006.

Gilvane Felipe, diretor superintendente do Sebrae/GO, fala que os valores culturais locais representam o insumo básico, expressam um diferencial estratégico importante de promoção e marketing e contribuem para dar uma imagem simpática de Goiás ao turista, com o conseqüente aumento da auto-estima do goiano. (Castro's Park Hotel. SEBRAE. ABD/GO).

Para os proprietários do Hotel Castro's, o andar goiano, visa despertar o interesse do turista para que o mesmo queira conhecer mais da região e da cultura regional, além da sua rentabilidade, como podemos conferir em entrevista do Sr. Olavo.

Com relação a divulgação regional, pretendemos estar constantemente inovando porque entendemos que temos que valorizar a cultura regional, e pela tendência das pessoas que quando viajam, vão em busca da cultura regional, então investimos na loja com produtos regionais (na entrada do hotel) – no artesanato goiano no Lobby do Hotel, investimos no apartamento Goiano, na culinária, com pratos regionais, no apartamento Goiano o cardápios de room- serviço regional, cd's de cantores Goianos, e novas idéias estão surgindo com o tempo (...). (Olavo de Castro, Hotel Castro's - Goiânia).

Compreende-se que o interesse dos proprietários é divulgar o legado histórico e cultural do povo goiano, concebido como uma estratégia de marketing, vinculada a Embratur e Ministério do Turismo. Esta política é intitulada de “cante sua aldeia” como uma forma de motivar os empresários do *trade turístico* a divulgarem sua região. Segundo o Sr. Jacy Siqueira

em entrevista, ele diz que ‘goianidade’ são usos e costumes, que nascem, crescem e se mantêm como um ritual cotidiano, em pessoas que nasceram em solo goiano, e não pelos emigrantes que apropriaram-se desta cultura. (2006). Os idealizadores do hotel Castro’s são provenientes do estado de Minas, mas que estão em Goiás há aproximadamente 30 anos, e o investimento no hotel se concretizou de uma forma ‘simbólica’, em retribuição ao sucesso profissional conquistado nos 10 primeiros anos de trabalho no estado no setor agro-pecuário. Então podemos entender que o Hotel Castro’s não é possuidor de uma identidade autêntica de goianidade, já que suas raízes são mineiras. A criação do apartamento goiano pode ser analisada como uma estratégia de mercado, inovadora e contemporânea, que valoriza e divulga o artesanato goiano, mas que ao mesmo tempo apresenta-se em um contexto sem autenticidade, sem história.

O Hotel Casto’s atende sua proposta como um hotel de categoria 5 estrelas, que está inserido no centro de uma metrópole, voltado para um público mais executivo, que não tem muito tempo para viajar a *lazer*, no entanto o hotel valoriza a alimentação regional e atende ao público *diet e light*, em seu diversificado e variado café da manhã, bem como as demais refeições oferecidas. Podemos observar que o hotel procura atender a divulgação do regionalismo, entretanto na forma de um ‘simulacro’, sem manter a autenticidade ou identidade do local.

Em oposição à realidade vivenciada na Capital, o turista que busca conhecer locais mais fidedígnos, com legado histórico e cultural e ao mesmo tempo que contemplem a natureza, procura a Cidade de Pirenópolis, já que ela apresenta tais propostas.

A maioria dos turistas procura ter uma experiência bem estruturada que os entretenha, informe e acrescente lembranças positivas de sua viagem de férias. Geralmente, as pessoas bem informadas, abertas e sensíveis, são as que procuram ter um contato mais próximo com os valores mais enraizados da comunidade. Não devemos nos esquecer que férias são um breve afastamento do contexto e dos valores que nos são familiares. Estas vivências ficam arquivadas nos cenários, criando símbolos e valores sobre uma região, um povo, uma cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou identificar a hospedagem nas cidades de Pirenópolis e Goiânia, como espaços diferenciados de preservação e divulgação da identidade cultural do goiano. Essa identidade cultural inicia a sua formação com a ocupação econômica do território goiano, consubstanciada na exploração do ouro, da pecuária e da agropecuária. Ao avaliar o contexto histórico da mineração, foi possível constatar que a Goianidade começa a construir seu espaço, suas amarras. Se, nas palavras de Geertz (1989), o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, a identidade goiana vai sendo construída por si própria, a cozinha goiana reforça traços desta cultura, com os determinantes “arroz com pequi, o empadão goiano, os quitutes, as quitandas e os doces”.

Na casa goiana, constata-se a presença do estilo colonial com o uso do barro, da madeira, da argila e da pedra. Somando-se a estrutura física está o mobiliário rústico e pesado que utiliza os mesmos materiais, no entanto com características que determinam um estilo próprio, marcado pela singeleza e uso da matéria prima local: couro e madeira. Atualmente, esses estilos são ícones representativos do Patrimônio Histórico e Cultural da Cidade de Pirenópolis.

O artesanato de Pirenópolis é diversificado e criativo, e constitui parte integrante da renda econômica da família. A mulher goiana, nesse contexto, conquista seu espaço paulatinamente, de mulher restrita aos fazeres domésticos e dedicada à religião, enaltecida pelo cuidado com a casa e a educação dos filhos, reforça a imagem de anjo do lar. Histórica e culturalmente, Pirenópolis tem suas origens no período colonial e mantém a autenticidade de seu legado, atualmente tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Possui um conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de imensurável valor cultural.

É possível afirmar que esse Patrimônio Histórico e Artístico permaneceu bem conservado em decorrência do isolamento de Goiás em relação ao processo de urbanização e modernização que ocorreu no Sudeste do país. A economia baseada na pecuária e, posteriormente, na agricultura, mantém as características de uma sociedade tradicional.

O fluxo desenvolvimentista em Goiás ocorrido nas décadas iniciais do século XX, a partir da chegada da ferrovia dos imigrantes paulistas e mineiros, a procura comercial de terras goianas e a construção de Goiânia marcaram outro recorte cultural no estado.

Foi possível verificar que a construção de Goiânia adota um estilo arquitetônico importado, denominado *Art Déco*, nas construções dos edifícios públicos, caracterizados pela monumentalidade. A nova capital vai assumindo um perfil de cidade moderna, planejada com amplas avenidas, com setores específicos, com uma significativa valorização da jardinagem. Ela passa a representar um pólo econômico no Centro-Oeste brasileiro e, como tal, atrai um comércio de gado, de terras, de produtos agrícolas e de terrenos na nova capital. Esse movimento de pessoas exige a ampliação do seu complexo hoteleiro que, sem dúvida, forneceu o aporte físico a esse contexto de grande desenvolvimento econômico.

No capítulo dois, foi realizado um breve histórico da evolução dos meios de hospedagem no contexto nacional, bem como da atividade turística que se desenvolve estimulada por diversos fatores motivacionais, em especial, o turismo cultural, guardião de tradição, cultura e identidade. Concomitantemente, analisamos a evolução dos meios de hospedagem, numa perspectiva comparativa, observando o processo evolutivo da hospedagem na “nova” capital, que se dá sem a preocupação em manter um legado cultural, mas sim em ser um estabelecimento comercial que vende um serviço a um público que não tem muito tempo para contemplar os valores culturais, materiais e imateriais.

No capítulo três, identificamos os diferenciais que caracterizam a ‘Hospedagem’ nos espaços de hospedagem pesquisados. A hospedagem em Pirenópolis apresenta-se como herdeira de um processo cumulativo de experiências e conhecimentos de gerações passadas e apresenta uma proximidade com o espaço de casa acolhedora, autêntica, de proximidade, cordialidade e hospitalidade, bem como o contato com a natureza. Opositoramente, está a hospedagem em Goiânia, que se apresenta com um distanciamento do espaço simbólico da casa e, ao mesmo tempo, com um profissionalismo típico do mundo dos negócios. Percebe-se a tentativa do Hotel Castro’s em simular um resgate da cultura regional com a criação de “apartamentos regionais” decorados com mobiliário, peças do artesanato de origem goiana. Essa (re)construção de valores culturais goianos, na maioria das vezes, passa despercebida pelos hóspedes que são motivados por outro tipo de interesse: “o mundo dos negócios”. O simulacro criado nesses apartamentos regionais tenta imitar o padrão cultural da vida tradicional do goiano, mas inserido em um espaço totalmente diferente. Cabe ressaltar a participação dos ‘netos’ na administração dos empreendimentos pesquisados.

Por fim, é preciso afirmar a importância que o Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural representou nessa temática estudada. A identificação dos valores culturais goianos só foi possível após a leitura de teóricos da área da Antropologia Cultural, como Geertz, DaMatta, Laraia, entre outros. Por meio das suas reflexões teóricas, foi possível compreender o significado do modo de vida do goiano, desde a fase colonial até o século XXI. Esse contexto representou a vivência de um povo marcado por uma história definida por uma conjuntura econômica regional e nacional. As marcas desse contexto estão registradas no patrimônio imaterial e material das pousadas de Pirenópolis e, de forma (re)construída, no Hotel Castro's de Goiânia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, C.; MURTA, S. M. *Interpretar o patrimônio*. Belo Horizonte: UFMG.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO – 1858.

ANDRADE, N.; BRITO, P. L.; JORGE, W. E. *Hotel: planejamento e projeto*. São Paulo: Senac, 2000.

ARRUDA, M. A. N. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

AZAMBUJA, M. A. Gastronomia como produto turístico. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.) *Turismo Urbano*. São Paulo: Contexto, 2000.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BADAM, R. C. *O mobiliário como testemunho da história de Goiânia (1930 –1940)*. 2004. f.112 Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

BARBOSA, M. A. C. *As estratégias de preservação no núcleo histórico urbano de Pirenópolis*. 1992. 71 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade de Brasília, Brasília, 1992.

BARBOSA, Y. M. *O despertar do turismo: um olhar crítico sobre os não-lugares*. São Paulo: Aleph, 2001.

BARRETO, M. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BELCHIOR, E. O.; POYARES, R. *Pioneiros da hotelaria no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Senac, 1987.

BENI, M. *Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. São Paulo: Aleph, 2003.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 05 de dez. 1988.

BRASIL. Portaria 442. Ministério das Minas e Energias. Brasília, DF, Mar. 1988. p. 155.

BUENO, L. S. *As técnicas tradicionais das fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia – Goiás*. 2005. f.117. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural) - Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

BUENO, S. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000. p. 716.

CAILLÉ, A. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CAMARGO, L. L. Os domínios da Hospitalidade. In: DENKER, A. F. M.; BUENO, M. S. (Orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CARVALHO, A. (Org.). *Pirenópolis: coletânea 1727 – 2000: histórias, turismo e curiosidades*. 2001.

CASTELLI, G. *Hospitalidade na perspectiva da gastronomia e da hotelaria*. São Paulo: Saraiva, 2005.

CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: _____. (Org.). *Turismo Urbano*. São Paulo: Contexto, 2000.

CHIAVENATO, Idalberto, Motivando a equipe de trabalho. In:_____.*Gerenciando pessoas:o passo decisivo para a administração participativa*. São Paulo: Mokron Books, 1992.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

COELHO, G. N. O *art déco* e a política modernizadora na fundação de Goiânia. In: BOTELHO, T. R. (org.) *Goiânia: cidade pensada*. Goiânia: UFG, 2002.

CRAVEIRO, F. A. *A percepção dos moradores da histórica cidade de Pirenópolis acerca do turismo numa perspectiva etnográfica*. 2006. 120 f.152. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Patrimônio Cultural) - Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

CURADO, G. G. *Pirenópolis: uma cidade para o turismo*. Goiânia: Oriente, 1980.

DAMATTA, R. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Roço, 1986.

_____. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Coogan, 1991.

DIAS, C. M. M. (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri, SP: Manole, 2002.

DOLES, D. E. M.; NUNES, H. P. Memória da ocupação de Goiás na primeira metade do século XIX: a visão dos viajantes europeus. *Ciências Humanas em Revista*. Revista do Instituto de ciências e Letras da UFG. Goiânia, vol.3, nº 1/2 -jan./dez. p.71 -119, 1992.

FONSECA, M. C. L. *O Patrimônio em processo: trajetória da política de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ / IPHAN, 1997.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GALLI, U. *A História da hotelaria em Goiás: dos pousos dos bandeirantes ao século XXI*. Goiânia, UCG: 2005.

GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALBAWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, E. R. *A invenção da tradição*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAPIASSU, H. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PIRENÓPOLIS. *Inventário e diagnóstico turístico do município de Pirenópolis – GO*. Pirenópolis: Prefeitura do Município de Pirenópolis, 2001.

JÚNIOR, A. B. Turismo e antropologia no Brasil. In: BARRETO, M.; JÚNIOR, A. B. (Orgs.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes tópicos*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA FILHO, M. F. *O desencanto do Oeste e identidade no médio Araguaia*. Goiânia: UCG, 2001.

LIMA FILHO, M. F.; ABREU, F. L. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto. *Horizontes antropológicos - UFRGS*, Porto Alegre, v. 23, 2005.

LIMA FILHO, M. F.; BEZERRA, M. (Orgs.) *Os caminhos do patrimônio no Brasil*. Goiânia: Alternativa, 2006.

LOPES, E. A paisagem no resgate do patrimônio histórico-cultural da UHE - Corumbá. *Revista de divulgação Científica - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia - UCG*, Goiânia, p. 107-120, 1996.

MACIEL, M. E. Os sabores do patrimônio. In: LIMA, M. F. F.; BEZEARRA, M. *Os caminhos do patrimônio*. Goiânia: Alternativa, 2006.

MAIA, C. E. S. A Tradição cavalheiresca em Pirenópolis. In: CHAUL, N. F.; RIBEIRO, P. (Orgs.) *Goiás: identidade, paisagem, tradição*. Goiânia: UCG, 2001.

MATHEUS, Z. M. A Idéia de uma cidade hospitaleira. In: DIAS, C. M. M. (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri, SP: Manole, 2002.

MENDONÇA, A. F. et al. *Metodologia científica: guia para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos*. Goiânia: Faculdade Alves Faria, 2003.

MOLINA, S. F. L. Sobre as comidas e o ato de comer em Goiás: uma reflexão acerca da Goianidade. In: CHAUL, N. F.; RIBEIRO, P. (Orgs.) *Goiás: identidade, paisagem, tradição*. Goiânia: UCG, 2001.

NUNES, H. P. História da família no Brasil e em Goiás: tendências e debates. In: CHAUL, N. F.; RIBEIRO, P. (Orgs.) *Goiás: identidade, paisagem, tradição*. Goiânia: UCG, 2001.

OLIVEIRA, E. C. *História cultural de Goiânia*. Goiânia: Alternativa, 2003.

PALACÍN, L.; GARCIA, L. F.; AMADO, J. *História de Goiás em documentos*. Goiânia: UFG, 1995.

PÉCLAT, G. T. *O empadão goiano: expressão de valores e práticas tradicionais*. 2002. f.142. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Gestão de Patrimônio Cultural) - Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

PIRES, M. J. *Raízes do turismo no Brasil*. Barueri, SP: Manole, 2001.

POWER, T. *Administração no setor de hospitalidade: turismo, hotelaria, restaurante*. Tradução Ailton Bonfim Brandão. São Paulo: Atlas, 2004.

RIBEIRO, P. R. Sombras no silêncio da noite: imagens da mulher goiana no século XIX. In: CHAUL, N. F.; RIBEIRO, P. (Orgs.) *Goiás: identidade, paisagem, tradição*. Goiânia: UCG, 2001.

RUSCHUMANN, D. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1999.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à Província de Goiás*. São Paulo: Edusp, 1975.

SILVA, M. M. da. *A festa do Divino: romanização, patrimônio e tradição em Pirinópolis (1890-1988)*. Goiânia: AGEPEL, 2001.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

URRY, J. *O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/ Sesc, 1996.

YÁZIGI, E. *et al.* (Orgs.) *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

VAZ, M. D. A. C.; ZARATE, M. H. V. *A casa goiana: documentação arquitetônica*. Goiânia: UCG, 2003.

Periódicos:

Castro's Park Hotel . SEBRAE. ABD / GO – GOIÁS É BOM DEMAIS!

Sites:

www.brasilecola.com/biografia/augustsaint.hilaire.htm acesso: 20/09/2006.

www.goiania.gov.go.br - Acesso: 03/10/2006

www.opopular.com.br - Acesso: 03/10/2006

www.pirenopolis.tur.br - Acesso: 08/10/2006

www.pirenopolis.gov.go.br - Acesso 08/10/2006

www.conventionbureau.com - Acesso: 11/11/2006

www.castrospark.com.br - Acesso: 08/07/2006

www.dm.com.br - Acesso: 11/11/2006

ANEXO

ENTREVISTAS REALIZADAS

Em Pirenópolis:

Pousada Matutina Meia Pontense - Sr. Luiz Armando Pompeu de Pina Júnior: Dia 14/10/2006 – 14h

Pousada Dona Geni – Sr^a. Esdras Paveokoski: Dia 14/10/2006 – 16h

Pousada Taman Baru – Sr. Marcelo Bastos; Dia 14/10/2006 - 11h

Em Goiânia:

Hotel Castro's - Recepcionista Michel: Dia 22/09/06 - 11h

Gerente: Sr. João Carlos: Dia 25/09/06 – 9h

Proprietário: Sr. Olavo de Castro Neto – Dia 25/09/06 - 10h

Jacy Silveira – Escritor – Local: sua residência – Dia 22/09/2006 – 17h

Universidade Católica.
Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural
Roteiro para entrevista - Proprietários e Gerências

1. Identificar o entrevistado: Nome, sexo, tempo e cargo que ocupa na empresa.
2. Qual é o histórico da criação deste hotel?
3. O que motivou os proprietários para investirem neste tipo de empreendimento?
4. Na implantação deste estabelecimento, quais foram os aspectos de divulgação regional enfatizados pelo Hotel? E atualmente quais são os mais reforçados para a compreensão do turista?
5. Descreva os referenciais culturais que mais se destacam no hotel e escreva qual é o valor simbólico para os funcionários e para os administradores.
6. Para os gerentes e administradores, qual é mensagem que o Hotel pretende transmitir referente à Goianidade?
7. O hotel pretende oferecer algo a mais, relacionando a interface entre: Regional X Cultural e Patrimonial? O quê?
8. Além dos aspectos culturais já oferecidos, cite o que você considera de maior relevância para o Hotel e/ou para o turista.
9. E quais são os ícones que apresentam maior representatividade ou expressividade cultural?
10. A Hotelaria pode ser um divulgador cultural? Diga quais seriam as manifestações que teriam maior poder de acessibilidade e compreensão por parte do turista?
11. Você acha que é importante um diferencial cultural como atrativo? Quais são as opções oferecidas atualmente ao turista?